



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

História do Pensamento Geográfico

Volume 2

Inês Aguiar de Freitas

Nilton Abranches Junior

Jonathan Felix Ribeiro Lopes

Rachel de Almeida Moura



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:

 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Geografia

UERJ – Glaucio José Marafon

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Inês Aguiar de Freitas

Nilton Abranches Junior

Jonathan Felix Ribeiro Lopes

Rachel de Almeida Moura

DIREÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

COORDENAÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

DESIGN INSTRUCIONAL

Gabriel Ramos

José Meyohas

Paulo Alves

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Fábio Rapello Alencar

REVISÃO LINGUÍSTICA E TIPOGRÁFICA

Flávia Saboya

Maria Elisa Silveira

Yana Gonzaga

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

Cristina Portella

Deborah Curci

Larissa Averbug

ILUSTRAÇÃO

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

CAPA

Fernando Romeiro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Esteves

Ulisses Schneider

Copyright © 2016, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

H673

História do Pensamento Geográfico: volume 2. Inês Aguiar de Freitas... [et al]. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

212 p.; il. 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0070-5

1. Geografia. 2. Pensamento geográfico-história. I. Lopes, Jonathan Felix Ribeiro. II. Abranches Junior, Nilton. III. Moura, Rachel de Almeida. 1. Título.

CDD: 900

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Gustavo Tutuca

Universidades Consorciadas



CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE
Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Roberto Leher

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Luis César Passoni

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Ruy Garcia Marques

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

Aula 8	– Friedrich Ratzel e a Antropogeografia _____	7
	Inês Aguiar de Freitas / Rachel de Almeida Moura	
Aula 9	– Vidal de La Blache e a escola francesa de Geografia _____	29
	Inês Aguiar de Freitas / Rachel de Almeida Moura	
Aula 10	– Reclus e Kropotkin: militância e geografia no século XIX _____	51
	Nilton Abranches Junior / Jonathan Felix Ribeiro Lopes	
Aula 11	– Os movimentos de renovação da Geografia: a Geografia Humanística e a Geografia da Percepção _____	79
	Inês Aguiar de Freitas / Rachel de Almeida Moura	
Aula 12	– Os movimentos de renovação da Geografia – a Geografia Quantitativa _____	109
	Nilton Abranches Junior / Jonathan Felix Ribeiro Lopes	
Aula 13	– Movimento de renovação da Geografia: a Geografia Crítica _____	129
	Nilton Abranches Junior / Jonathan Felix Ribeiro Lopes	
Aula 14	– A Geografia Cultural _____	153
	Nilton Abranches Junior / Jonathan Felix Ribeiro Lopes	
Aula 15	– A Geografia hoje e seus novos rumos: a crise ambiental e uma nova visão da natureza _____	181
	Nilton Abranches Junior	
Referências	_____	207

Aula 8

Friedrich Ratzel e a
Antropogeografia

Inês Aguiar de Freitas
Rachel de Almeida Moura

Meta da aula

Nesta aula, você aprofundará seus conhecimentos sobre a história do pensamento geográfico a partir das contribuições do geógrafo alemão Ratzel, um dos principais pensadores da chamada escola alemã de Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. descrever o principal expoente da escola alemã de Geografia: Friedrich Ratzel;
2. avaliar a importância do positivismo e do determinismo para a Geografia;
3. relacionar os principais elementos da obra *Antropogeografia* que influenciaram a Geografia;
4. conhecer o conceito de espaço vital.

Pré-requisitos

Conceito de ciência positiva, apoiada na Física newtoniana, que você viu nas Aulas 4 e 5.

INTRODUÇÃO

Como vimos nas últimas aulas, a partir de Humboldt e Ritter, fica estabelecida a metodologia da geografia descritiva. Podemos, no entanto, reconhecer algumas diferenças entre a contribuição de cada um deles: Humboldt é reconhecido por seus estudos ligados ao clima, à vegetação, à geologia – temas mais ligados a “física do globo”, em várias escalas, comparando regiões e continentes, e dando à Geografia um caráter sistemático. Costumamos dizer que Ritter complementou e organizou pedagogicamente os trabalhos de Humboldt, dedicando-se às descrições e análises regionais entre os fenômenos nelas existentes, pois considerava que as leis criadas pela geografia sistemática deviam se observar nas diversas regiões. Nota-se, entretanto, em ambos, a existência de um grande objetivo: o de criar leis científicas para a Geografia.

Nesta aula, você conhecerá Friedrich Ratzel, considerado um autor fundamental para a sistematização da geografia moderna e o criador da primeira grande “teoria da geografia”. Formulou a primeira proposta de um estudo geográfico, especificamente dedicado à discussão das relações entre os homens e do homem com o meio físico. Sua obra, *Antropogeografia*, uma das originárias manifestações do positivismo, na Geografia, veio tratar do que seria a principal via de indagação dos geógrafos: a relação entre a sociedade e o meio ambiente.

Biografia de Ratzel

Friedrich Ratzel nasce em 30 de agosto de 1844, em Karlsruhe, antiga capital do ducado de Baden, em uma família da pequena burguesia local. Começa a trabalhar como ajudante de farmácia ainda jovem e faz seus estudos iniciais na escola técnica de sua cidade natal.

Aos 21 anos, ingressa no ensino superior, frequentando as Universidades de Heidelberg, Viena e Berlim. Em Viena, estuda geologia com Haelkel, autor que exerce grande influência em sua formação. Após seu ingresso na universidade, é convocado pelo exército alemão e participa da Guerra Franco-Prussiana como oficial. De volta do *front*, transfere-se para a Universidade de Munique, onde estuda geologia com Ritter. Nesta época, começa a militar no jornalismo geográfico, escrevendo artigos de viagens no periódico *Kolnisch Zeitung*. Viaja pelo sul da Itália, pelos Alpes e pela Transilvânia, publicando estudos que, em 1874, são reunidos num livro.

Em 1873, publica a *Antropogeografia*. Essa obra, com o subtítulo de “fundamentos da aplicação da ciência geográfica à História”, possui um raro tom normativo, veiculando a proposta de constituição de uma nova ciência geográfica, apoiada em um projeto de construção de um objeto próprio, baseado nas relações entre homem e meio.

No ano seguinte, Ratzel transfere-se para a Universidade de Leipzig, substituindo Ferdinand von Richtofen na cadeira que antes tinha sido de Oscar Peschel. Dirige a Sociedade de Geografia de Leipzig, edita a *Biblioteca de Manuais Geográficos*, na qual publica dentre outras obras famosas, a *Climatologia*, Julius von Hann, e a *Morfologia*, de Walther Penck. É escolhido coordenador do Comitê Central para o Estudo da Geografia da Alemanha.

Entre 1885 e 1888, publica os três volumes daquela que será sua segunda mais importante obra: *As raças humanas*. Esse é, sem dúvida, o trabalho de Ratzel mais divulgado. Trata-se de um inventário dos diferentes povos existentes no globo, apresentados por grupos e subgrupos, e tematizados quanto à linguagem, à religião, à economia, à habitação, à família, às normas de poder, aos produtos, ao vestuário etc.

Em 1889, publica um estudo em geografia física, caracterizando as montanhas da Europa. Em 1891, vem a público o segundo volume da *Antropogeografia* e um estudo sobre os fiordes, produto de uma viagem pela Noruega. Em 1896, Ratzel edita um trabalho intitulado *O Estado e seu solo estudados geograficamente*.

No ano seguinte, é editada sua mais polêmica obra, a *Geografia política*. Em 1898, publica um estudo regional da Alemanha. Nesse mesmo ano, sai no *Année Sociologique* a tradução de um artigo seu intitulado “O solo, a sociedade e o estado”, e os *Annales de Géographie* traduz um trabalho monográfico, denominado “A Córsega: estudo antropogeográfico”.

Em 1900, Ratzel publica um ensaio – *O mar como fonte de grandeza dos povos* – já com um tom fortemente panfletário da defesa do projeto imperial bismarkiano. Nos anos seguintes, edita os dois volumes de *A Terra e a vida*, obra na qual discute a Biogeografia à luz de sua concepção de Geografia. Para complementar a lista das obras mais importantes, devemos citar o artigo “*As leis do crescimento espacial dos estados*” no qual oferece uma visão de sua Geografia Política.

Em 9 de agosto de 1904, Ratzel falece, aos 60 anos, em Artmerlander. Nos anos seguintes, ainda são editadas várias obras por ele produzidas.



Figura 8.1: Friedrich Ratzel.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Ratzel



Atende ao objetivo 1

Considerando a biografia de Friedrich Ratzel, complete o texto com a palavra adequada:

Ratzel nasceu em _____ e iniciou seus estudos em Farmácia. Aos 21 anos, ingressou no ensino superior, frequentando as universidades de Heidelberg, Viena e Berlim. Inicialmente, estudou Ciências Naturais, depois em Viena e Berlim estudou _____. Com a eclosão da Guerra _____, serviu o exército e foi ferido.

Quando volta a estudar em Berlim, torna-se correspondente do jornal *Zeitung Koelnische*. Esse trabalho permitiu-lhe viajar por diversos países e habilitar-se (doutorado) para atuar como professor de Geografia. Assim, leciona na Universidade de _____. Além do ensino, Ratzel é dedicado à _____. Sua principal obra é _____ publicada em ___ volumes, em que propõe a constituição de uma nova ciência geográfica, apoiada em um projeto de construção de um objeto próprio, baseado nas relações entre homem e _____. A obra mais divulgada de Ratzel é _____ na qual faz um inventário dos diferentes povos existentes no globo. Outra obra importante e polêmica é a *Geografia política* de 1892.

Resposta comentada

Ratzel nasceu em 1844 e iniciou seus estudos em farmácia. Aos 21 anos, ingressou no ensino superior, frequentando as universidades de Heidelberg, Viena e Berlim. Inicialmente, estudou Ciências Naturais, depois em Viena e Berlim estudou Geologia. Com a eclosão da Guerra Franco-Prussiana, serviu o exército e foi ferido.

Quando volta a estudar em Berlim, torna-se correspondente do jornal *Zeitung Koelnische*. Esse trabalho permitiu-lhe viajar por diversos países e habilitar-se (doutorado) para atuar como professor de Geografia. Assim, leciona na Universidade de Leipzig. Além do ensino, Ratzel é dedicado à pesquisa. Sua principal obra é *Antropogeografia*, publicada em dois volumes, em que propõe a constituição de uma nova ciência geográfica, apoiada em um projeto de construção de um

objeto próprio, baseado nas relações entre homem e meio. A obra mais divulgada de Ratzel é *As raças humanas* na qual faz um inventário dos diferentes povos existentes no globo. Outra obra importante e polêmica é a *Geografia política* de 1892.

Positivismo e determinismo no fim do século XIX

Vimos nas Aulas 4 e 5 que o desejo de realizar uma ciência positiva, isto é, apoiada apenas na observação dos fatos, nasceu no século XVIII e desenvolveu-se apoiada na física de Newton. Defendia-se a ideia de que todo conhecimento deve resultar da observação, do cálculo e da comparação dos resultados, de modo a permitir a elaboração de leis. A causa dos fenômenos deveria deixar de ser procurada apenas pela razão (raciocínio) para se assentar na experimentação (dados empíricos).



Vamos lembrar. Quais são as características fundamentais do positivismo?

O positivismo baseia-se em três regras fundamentais:

- a) a observação é a única base do conhecimento;
- b) o estudo dos fenômenos deve basear-se apenas no que é observável;
- c) as leis positivas destinam-se a prever (previsibilidade dos fenômenos, a partir da criação de leis gerais).

O positivismo exerceu grande influência no pensamento científico em geral e nos conceitos evolucionistas, desenvolvidos por Charles Darwin.

Darwin foi o biólogo (naturalista) que criou e desenvolveu a teoria da *evolução das espécies* e da sua seleção natural. Segundo essa teoria, os seres vivos sofrem mudanças e variações que são transmitidas hereditariamente (ao longo do tempo) de modo a torná-los mais aptos em suas relações com o meio ambiente. Surgem as ideias de luta pela vida e de seleção dos mais fortes.



Para saber mais sobre a teoria de Darwin, acesse o site: <http://www.algosobre.com.br/biologia/evolucao-das-especies-e-selecao-natural.html>.

Darwin publica *A evolução das espécies*, em 1859 (ano da morte de Humboldt e Ritter), influenciando, a partir daí, todos os cientistas naturais e sociais, que passaram a rever seus conceitos e a construir novas ideias sobre a relação homem e meio, as diferenciações culturais e econômicas, as relações entre os povos etc.

O positivismo e o darwinismo também tiveram ascendência sobre a Geografia. O resultado principal desta influência foi a teoria do determinismo geográfico sobre a relação homem-meio. Tal teoria postula que, tal como os organismos (animais e plantas) necessitam de se adaptar ao meio para sobreviver, também o homem necessita adaptar o seu modo de vida ao ambiente em que vive.

A Geografia tornou-se, assim, a ciência que estuda as respostas do homem ao meio físico e, por isso, deve ser capaz de prever como o homem reagirá à influência de diferentes ambientes. A Geografia ganhou, dessa maneira, caráter de verdadeira ciência, um caráter positivista, na medida em que pode levantar hipóteses, fazer deduções e formular leis.



Atende ao objetivo 2

O positivismo e o darwinismo influenciaram também a Geografia. Apresente essas influências nos estudos geográficos, a partir da relação homem-meio.

Resposta comentada

O positivismo levou para a Geografia a necessidade de prever os fenômenos terrestres e elaborar leis. Dessa forma, o pensamento de Darwin contribuiu para a elaboração de um padrão a partir das concepções organicistas, pois se os organismos (animais e plantas) necessitam de se adaptar ao meio para sobreviver, a Geografia também deveria considerar que o homem necessita adaptar o seu modo de vida ao ambiente em que vive.

As proposições de Ratzel

Nesse cenário de surgimento de novas teorias, a Geografia terá seu processo de sistematização revigorado. É aí que surge, então, na Alemanha, Friedrich Ratzel (1844-1904), que desenvolverá, na Geografia, as ideias abordadas até agora nesta aula. Ratzel vivencia todo o processo de unificação da Alemanha, ou seja, a constituição real do Estado nacional alemão e suas primeiras décadas.



Para o historiador Eric Hobsbawm (1988), o nacionalismo pode ser considerado um subproduto da democratização, dando à causa nacional uma forte conotação política. Seu surgimento segue as consequências da Revolução Francesa e a necessidade da formação de Estados nacionais para a consolidação do capitalismo. Após a Revolução Francesa, o princípio das nacionalidades passa a ser considerado um elemento fundamental do direito internacional, ou seja, é um dos critérios para o reconhecimento de governos. Para Hobsbawm (1988, p. 211), “o Estado faz a nação e é obrigado a tal”. Os governos chegavam diretamente à população, a cada cidadão, no respectivo território e no cotidiano, por meio de elementos como carteiros, professores, policiais e até mesmo ferroviários, dos quais o Estado exigia patriotismo. A nação era a nova religião dos Estados: unia os cidadãos e levava o Estado a cada um deles. Nos Estados nacionais, o alcance do poder do Estado aumentava à medida que as massas politizavam-se, através das eleições. Foi no período entre 1830 e 1914 que nasceu, cresceu e solidificou-se na Europa o movimento dos nacionalismos. Tais movimentos provocaram o aparecimento de Estados que se tornaram grandes potências: Bélgica, Alemanha, Itália. A Alemanha foi um dos últimos Estados a se consolidar na Europa; para que isso ocorresse, a ideia de nação e a necessidade de um território deveriam estar claras para o povo. A teoria de Ratzel contribuirá enormemente para isso. Influenciados pela unificação italiana, príncipes alemães e a burguesia apoiaram o primeiro-ministro Otto von Bismarck no início do processo de unificação alemã.

Ratzel, professor de Geografia e o primeiro grande teórico de nossa ciência, teve as seguintes experiências:

- viajou pela Europa e pela América do Norte e Central;
- interessou-se pelas migrações dos animais e dos homens;
- examinou as causas da concentração de população em algumas áreas da superfície da Terra;
- estudou a influência do ambiente físico nas deslocamentos e na distribuição da população, nos indivíduos e na sociedade.

A partir disso, postulou que o homem vive sujeito às leis da natureza e que as diversas culturas resultam das condições do ambiente natural.

Em sua principal obra (publicada em 1882), *Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História*, Ratzel definiu o objeto da Geografia como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Essas influências atuariam na Fisiologia e no caráter dos indivíduos e, através destes, na sociedade.

Tais concepções “deterministas” estenderam-se às suas reflexões sobre a Geografia Política. Ele faz uma analogia entre a forma como a natureza age e a forma como a sociedade organiza-se politicamente. Segundo ele, na natureza, pequenos e grandes organismos crescem e multiplicam-se, tendendo a expandir-se. Tendem a alargar o seu território, ocupando áreas maiores ou invadindo territórios vizinhos. Isso seria parecido com a própria constituição social, na medida em que o progresso significaria um maior uso dos recursos do meio e uma expansão de território. Logo, quanto maior o vínculo com o solo, tanto maior seria para a sociedade a necessidade de manter sua posse.

Daí viria a criação do Estado, conforme palavras do próprio Ratzel: “Quando a sociedade se organiza para defender o território, transforma-se em Estado.” Não é à toa que a geografia de Ratzel foi

um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do então recém-constituído Estado alemão. E não podemos negar que aquele momento político certamente inflamou o debate de tais ideias e influenciou o pensamento de Ratzel. A análise das relações entre Estado, território e sociedade foi um dos pontos privilegiados em sua *Antropogeografia*.

Para ele, o território representa as condições de trabalho e existência de uma sociedade, e a perda de território seria prova da decadência de uma sociedade. O aumento, a anexação, a conquista de outros territórios, por outro lado, significariam o progresso de uma nação.

Tais ideias levaram Ratzel a elaborar o conceito de *espaço vital* que significa a porção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo suas potencialidades de progredir e suas premências territoriais.

Diante desse conceito formulado pelo autor, é impossível não fazer aqui um paralelo entre as concepções de Ratzel e o projeto imperial alemão, pois, neste período, a Alemanha estava se constituindo Estado Nacional.

A Geografia, como vemos, ganhava uma teoria, levantava hipóteses e, assim, uma grande cientificidade poderia lhe ser atribuída. E este foi o grande mérito de Ratzel: dar à Geografia um caráter científico. Priorizava-se, nessa nova abordagem, o elemento humano, desenvolvendo-se prioritariamente questões como:

- as relações entre história e espaço;
- a formação de territórios;
- a distribuição dos homens sobre a superfície da Terra (migrações, colonizações, conquistas, povos e raças etc.);

- o isolamento de alguns povos e suas consequências;
- e, na mais completa tradição da Geografia, as terras habitadas – tema sobre o qual muitos estudos monográficos foram escritos.

Tais temas foram, então, desenvolvidos sob a égide do estudo das influências das condições naturais sobre as sociedades humanas.

Em termos de método, a Geografia não realizou, nesse momento, grandes avanços. Manteve-se a ideia de Geografia como uma ciência empírica, cujos procedimentos baseavam-se na observação e na descrição. No entanto, Ratzel propunha ir além da descrição, buscar a síntese das influências no nível mais geral (planetário).

A grande crítica que os geógrafos mais recentes fazem a Ratzel e suas ideias é a de que este autor manteve em seus estudos geográficos, uma visão naturalista, reduzindo o homem a um animal, não diferenciando suas qualidades e capacidades específicas na luta com os aspectos naturais. Argumentam que ele constrói e elabora esta relação (homem X meio) sem incluir em suas análises o jogo de interesses econômicos e sociais que caracterizam a luta de classes (só apontados mais tarde, pela Geografia Crítica). Enfim, acusa-se Ratzel de conceber da mesma maneira a causalidade dos fenômenos humanos e naturais. Para Moraes, ao propor uma Geografia do Homem, Ratzel entendeu-a como uma ciência natural.

Não por acaso, alguns discípulos de Ratzel, como Ellen Semple e Morris Davis, radicalizaram suas ideias, formando o que se convencionou chamar de *determinismo geográfico*. Tal escola teve muita importância nos Estados Unidos e tem influenciado muitos pensadores ao longo do tempo, apesar de todos os exageros que guarda e das ideias errôneas que prega ao utilizar o determinismo geográfico como explicação para os processos humanos.



Os discípulos

Ellen Semple foi uma norte-americana que estudou na Alemanha, com Ratzel. Em sua obra deu mais importância à influência do meio sobre o homem do que o próprio mestre. Ignorou as mudanças de opinião e a evolução das ideias de Ratzel, ou seja, jamais acreditou que essas relações entre homem e meio ocorrem mediadas pela história, pela economia, pelas relações sociais, pelas relações políticas etc., preferindo partir para um determinismo geográfico, carregado de ideias simplistas, fáceis e generalizadoras.

Vários exemplos do que seria o determinismo geográfico em seu estado mais puro podem ser encontrados na obra de Semple, *As influências do meio geográfico* (1911), como veremos a seguir. Para a autora, a sociedade humana pode considerar-se um organismo que depende do meio físico e tudo seria explicável pelo meio. Assim, os Estados com territórios pequenos possuem sociedades mais belicosas e com maiores tendências expansionistas do que os grandes estados; os climas são deterministas para a saúde dos povos, deles dependendo também sua agilidade física e mental; os habitantes dos Alpes nunca serão grandes artistas, pois "seu ambiente majestoso paralisa a mente." Outro exemplo, de um forte determinismo geográfico reside na sua teoria que relaciona religião com relevo: nas regiões planas, predominariam religiões monoteístas; nas regiões acidentadas, as politeístas.

William Morris Davis é outro exemplo de um geógrafo norte-americano que considerou a Geografia o estudo da influência do meio sobre o homem. Davis destacou-se no domínio da Geografia Física, e sua contribuição mais importante foi à Geomorfologia: a teoria do "ciclo da erosão", segundo a qual as formas do relevo evoluem e passam, sucessivamente, pelo estado de juventude, maturidade e velhice. Para Davis, a Geografia estuda as características naturais da superfície da Terra (Geografia Física) e considera o efeito dessas características sobre o homem e suas atividades.

Além de Ellen Semple e William Davis, e ainda na América do Norte, outros geógrafos, seguindo Ratzel, deram continuidade ao estudo da influência do meio sobre o homem. Entre eles: Ellsworth Huntington, na Universidade de Yale, e Griffith Taylor, na Universidade de Toronto.

As teorias de Huntington eram um pouco mais elaboradas que as já mencionadas. Esse geógrafo concebeu um determinismo invertido, isto é, segundo ele, as condições naturais mais hostis seriam as que propiciariam o maior desenvolvimento, pois exigiriam das sociedades o máximo de suas potencialidades (históricas, intelectuais, técnicas etc.)

Em sua obra mais importante, *Clima e sociedade*, o autor defende a ideia de que o desenvolvimento da Europa poderia ser explicado pelos rigores do inverno.

O pensamento determinista, apesar de suas teses simplistas, foi bastante divulgado e, até hoje, ainda aparecem com frequência nos pensadores conservadores, nos discursos da direita ou mesmo naqueles autores menos esclarecidos (e, muitas vezes, mal intencionados).

Um importante desdobramento das ideias de Ratzel é aquele concernente à Geopolítica. Essa ciência, que tem como objeto o estudo da dominação de territórios, nasceu das colocações ratzelianas referentes à ação do Estado sobre o espaço. A geopolítica, a partir de então, sempre se preocupou com as formas de defender, manter e conquistar territórios.



Dentre os autores que mais se destacaram nessa corrente, podemos citar:

Rudolf Kjellén – um sueco, criador do conceito geopolítica.

Halford John Mackinder – um almirante inglês cuja obra *O pivô geográfico da história* trouxe a discussão para o nível dos Estados-maiores, tratando temas como o domínio das rotas marítimas, as áreas de influência de um país e as relações internacionais.

Karl Haushofer – um general alemão, amigo de Hitler e presidente da Academia Germânica no seu governo. Deu à Geopolítica um caráter bélico, fazendo-a parte da estratégia militar. Criou teorias referentes à ação do clima sobre os soldados e criou uma escola que influenciou diretamente os planos de expansão nazistas.

Ainda hoje, a Geopolítica existe; é debatida nos departamentos de Estado e nas academias militares e constitui parte importante das ações estratégicas de cada Estado-Nação.

Na história da Geopolítica brasileira, muitas ideias deterministas estiveram sempre presentes (principalmente durante os governos da ditadura), como, por exemplo, aquelas interpretações absurdas da história brasileira apoiadas em ideias como “o subdesenvolvimento causado pela indolência do homem brasileiro/tropical”, ou como “fruto da tropicalidade” (efeitos do clima sobre a economia); ou ainda a comparação com o desenvolvimento dos E.U.A, também uma ex-colônia, porém em clima temperado.

Tais ideias apontam facilmente para erros em suas bases analíticas, e o maior deles é que o determinismo incorre na mais completa

naturalização da história humana. Assim, por exemplo, passou-se a considerar que é natural que o homem seja subdesenvolvido por causa do calor, quando, na verdade, o subdesenvolvimento é resultado de diversos fatores. Naturalizar a história humana é torná-la simples e sem crítica alguma.

As ideias deterministas de Ratzel não tiveram efeitos políticos imediatos. Foram, no entanto, retomadas pelos nazistas na década de 1930, a fim de justificarem o expansionismo alemão.

Ao fim de sua vida, Ratzel modificou um pouco suas opiniões e passou a dar grande importância aos acontecimentos históricos como fatores que explicam muitos dos aspectos das sociedades humanas. Entretanto, é mais ao determinismo geográfico que seu nome acabou identificado.



Atende aos objetivos 3 e 4

Para Ratzel, a Geografia deveria estudar a influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Explique como o determinismo de Ratzel contribuiu para o desenvolvimento do conceito de espaço vital e de sua Geografia Política.

Resposta comentada

Para Ratzel, a natureza influenciaria a própria constituição social, na medida em que proporcionaria as condições necessárias ou não para o desenvolvimento da sociedade. De acordo com os recursos da natureza no espaço, há maior ou menor necessidade de expandir território, papel que caberia ao Estado. Disso resulta o conceito de espaço vital, ou seja, a parte da superfície terrestre que é o equilíbrio entre a população e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades. Em sua Geografia Política, a importância do Estado na garantia do espaço vital justificou o projeto imperialista alemão.

CONCLUSÃO

Por tudo que vimos nesta aula, por suas contribuições e pelas influências que deixou em várias escolas do pensamento, podemos ter uma ideia do peso da obra de Ratzel na evolução do pensamento geográfico. Ratzel teve o mérito de dar à Geografia um método científico (e uma base teórica), podendo ser considerado o primeiro a ter estudado cientificamente a Geografia Humana. Além disso, manteve a unidade entre a Geografia Física e a Geografia Humana, pois, no seu trabalho, o homem está sempre relacionado com o ambiente físico. A própria escola da geografia francesa, que veremos a seguir na Aula 9, é uma resposta às formulações desse autor.

Podemos concluir dizendo que a importância maior da proposta de Friedrich Ratzel foi o fato de haver trazido, para o debate geográfico, os temas políticos e econômicos, colocando o homem no centro das análises, ainda que numa visão naturalizante.

Resposta comentada

- a) A afirmativa está correta. Embora Ratzel tenha trazido à baila ideias deterministas, foram seus discípulos que aprofundaram essas ideias e notoriamente as difundiram.
- b) A afirmativa está correta. Muitos trabalhos *a posteriori* de Ratzel procuraram defender que o meio era capaz de definir as atividades e organização humanas.
- c) A afirmativa está correta. Desconsiderar totalmente a ação do meio sobre o homem é de certa maneira “matar” a Geografia. Não existe sociedade sem meio.
- d) A afirmativa está incorreta, pois Ratzel foi o primeiro a integrar a Geografia Física à Humana, justamente por relacionar as influências das condições naturais sobre as sociedades humanas.
- e) A afirmativa está correta, pois espaço vital, para Ratzel, era o espaço ideal para a reprodução de uma determinada sociedade. Esse conceito justificou a busca por novos territórios para a Alemanha, contribuindo para a configuração territorial do país.

RESUMO

Vimos que Ratzel formulou a primeira proposta de um estudo geográfico, dedicada à discussão das relações entre os homens e do homem com o meio físico. Sua principal obra, *Antropogeografia*, é um espelho do pensamento positivista da época e foi nela que o pensador alemão definiu o objeto da Geografia como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Essas influências atuavam na fisiologia e no caráter dos indivíduos e, através destes, na sociedade. Portanto, com uma perspectiva naturalista e ainda com algumas concepções deterministas, Ratzel avançou pelos estudos da Geografia Política, teorizando sobre a ação do Estado sobre o espaço, num momento em que a Alemanha consolidava-se como Estado nacional, tornando-se um importante teórico a ser utilizado pelo Estado alemão.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você conhecerá uma resposta às formulações de Ratzel, feitas por Vidal de La Blache, pensador da escola francesa de Geografia.

Aula 9

Vidal de La Blache e a escola francesa de Geografia

*Inês Aguiar de Freitas
Rachel de Almeida Moura*

Meta da aula

Apresentar o fundador da escola francesa de Geografia: Paul Vidal de la Blache.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. comparar as propostas de Friedrich Ratzel e de Vidal de La Blache;
2. distinguir a escola francesa de Geografia e reconhecer seu principal representante e fundador – Paul Vidal de la Blache.

Pré-requisitos

Aula 8 – Friedrich Ratzel e a Antropogeografia.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos o nascimento da escola francesa de Geografia e a importância da contribuição de Vidal de la Blache, é necessário levarmos em conta alguns fatos históricos que influenciaram diretamente o pensamento de La Blache, como a Revolução Francesa, a criação do Estado nacional alemão, a filosofia alemã no século XIX e ainda a herança dos estudos de Humboldt e Ritter, como vimos, os fundadores da Geografia Tradicional.

A Revolução Francesa foi um movimento popular dirigido por ideólogos burgueses e teve como ideais a igualdade e a liberdade, possibilitando a instituição do pensamento liberal no país. Ali, os resquícios feudais foram totalmente varridos, e a burguesia instalou seu governo, dando ao Estado a feição que mais atendia a seus interesses.



Figura 9.1: A Revolução Francesa influenciou diretamente o trabalho de Vidal de La Blache. Pintura de Eugène Delacroix: *A Liberdade guiando o povo*.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg

No final do século XIX, a França e a Prússia (Alemanha) entram em conflito pelo controle continental da Europa. Havia, se podemos assim dizer, um choque de imperialismos. Tal situação culminou com a Guerra Franco-Prussiana, em 1870, na qual a Prússia saiu vencedora. Com a vitória alemã, os territórios de Alsácia e Lorena (primordiais para a indústria francesa) foram anexados pela Alemanha.

Tal derrota veio a favorecer o crescimento da Geografia na França, ajudada pelo próprio Estado francês. Afinal, o desconhecimento geográfico e a despreocupação francesa com a questão territorial levou o então primeiro-ministro francês Thiers a comentar: “A guerra foi ganha pelo professor alemão”. Referia-se ele a Friedrich Ratzel e a todos os seus discípulos na Geopolítica.



Figura 9.2: A derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana fez com que a Geografia na França ganhasse mais atenção.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lignedefeu16August.jpg>

Podemos dizer então que foi a derrota dos franceses que os levaram a criar uma Geografia que tentasse superar a dos alemães. Pensando no espaço como algo crucial, a França poderia justificar seu próprio processo de expansionismo. A escola francesa de Geografia nasce, assim, do clima produzido pela derrota da França perante a Alemanha. Surge, primeiramente, para servir à burguesia francesa

em seu afã de recuperação de perdas territoriais com a guerra e sua compensação por meio de uma expansão colonial maior e mais intensa. Domesticamente, serviria como instrumento de recuperação de imagem de grande potência, abalada pela guerra. O Estado francês resolve então expandir o ensino de Geografia, porém acabou sendo uma geografia informativa e descritiva, ensinada nas universidades como disciplina auxiliar do ensino da História. Essa Geografia acaba tendo uma feição utilitária e de simples informação.

Nesse contexto, surge Paul Vidal de La Blache, que fundou a escola francesa de Geografia.



Figura 9.3: Paul Vidal de La Blache.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Vidal_de_La_Blache

Paul Vidal de La Blache (1845-1918) era filho de um professor e foi mandado para a escola interna na Instituição *Favard do Lycée Charlemagne*, em Paris. Posteriormente, frequentou a *École Normale Supérieure*, que terminou em 1863, e recebeu o certificado de formação em História e Geografia em 1866.

La Blache concluiu seu doutorado na Sorbonne, em 1872, com uma dissertação sobre História Antiga. Trabalhou na *École Normale Supérieure*, em 1877, como professor de Geografia, e ali permaneceu por 21 anos. Transferiu-se para a Universidade de Paris, onde continuou ensinando até a aposentadoria, em 1909, aos 64 anos.

Sua formação é em História, pois não havia o curso de Geografia nas universidades francesas. La Blache, baseando suas ideias no liberalismo, no historicismo e no possibilismo, buscou fazer críticas e dialogar com Friedrich Ratzel, o criador da Antropogeografia.

Das primeiras disputas entre Vidal e Ratzel, foram escritos trabalhos sobre como estudar a Geografia, sobre “a necessária neutralidade do discurso científico”, a necessidade da não vinculação entre o pensamento geográfico e a defesa de interesses políticos imediatos, ou seja, surgiu a Geografia como uma “ciência **asséptica**”.

Asséptica

Como o termo “asepsia” tem a ver com limpeza, logo podemos entender que Paul Vidal de La Blache e Friedrich Ratzel quiseram se referir à Geografia como uma “ciência limpa”, por não se envolver com questões além do discurso científico.

As principais críticas de Vidal de La Blache a Friedrich Ratzel

A primeira crítica que Vidal fez a Ratzel foi quanto à politização explícita do discurso deste, da sua Antropogeografia, da sua concepção de “espaço vital” e da sua Geopolítica.

Como já mencionado, Vidal clamou pela objetividade científica da Geografia, pregando uma “ciência asséptica”, ou seja, desvinculando o pensamento geográfico (e a maneira de se fazer Geografia) dos interesses políticos imediatos. Essa proposta de Vidal tem a ver com a influência que o autor recebe do positivismo; sendo assim, o geógrafo deveria ter uma posição neutra frente ao fenômeno que pretende estudar.



Vamos relembrao o que é positivismo?

O método geral do positivismo consiste na observação dos fenômenos, opondo-se ao racionalismo e ao idealismo, por meio da experiência sensível, única capaz de produzir, a partir dos dados concretos (positivos), a verdadeira ciência verificável, tomando como base apenas o mundo físico ou material.

O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Esse conhecimento deveria estar sempre em busca de generalizações e formulações de leis. Se houver dúvidas, volte à Aula 5, que abordou justamente esse tema.

A postura de Vidal não significa, como veremos a seguir, que a Geografia por ele defendida não veiculasse uma legitimação ideológica dos interesses franceses. Tais interesses estavam apenas mais dissimulados dentro do discurso da escola francesa, fazendo com que a legitimação do imperialismo francês fosse mais sutil.

Uma segunda crítica foi ao caráter naturalista da Geografia ratzeliana. Vidal criticou a diminuição de importância do elemento humano na teoria de Ratzel. Vidal de la Blache acreditava na existência de liberdade de ação, que faz do homem um elemento ativo, e não apenas uma resposta às imposições do meio.

Por essa razão, Vidal desenvolveu um pensamento *possibilista*, ao tratar da relação do homem com o meio, como veremos mais adiante.

Assim, valendo-se de sua formação acadêmica de historiador, valorizou a História (e a cultura) como elemento essencial da relação que os homens estabelecem com o meio. Nisso reside sua

maior contribuição ao pensamento geográfico. Porém, apesar de suas preocupações conduzirem à formação de uma geografia voltada basicamente para o homem, Vidal de la Blache não rompeu totalmente com uma visão naturalista. "A Geografia é uma ciência dos lugares, não dos homens", acreditava ele. Assim, o que interessaria à análise geográfica seria o resultado da ação humana na paisagem, e não esta em si mesma.

Outra crítica de Vidal de la Blache à Antropologia foi à concepção fatalista e mecanicista da relação entre os homens e a natureza. Essa crítica toca diretamente a ideia da determinação do destino dos grupos humanos pelas condições naturais. Vidal era contrário a essa posição e acreditava nas possibilidades que a História coloca diante dos homens; para ele tudo que se refere ao homem "é mediado pela contingência".

Tal ideia fez com que a Geografia francesa abandonasse qualquer intento de generalizar seus estudos. Contudo, vale destacar que a generalização é aspecto comum no desenvolvimento da ciência positivista e, a partir da generalização, a ciência é capaz de formular leis. Sendo assim, na Geografia de Vidal, o homem é mediado pela contingência; disso resulta que cada meio geográfico seja um lugar único e que a Geografia trate de casos particulares de estudo.

Dessa forma, as críticas às ideias deterministas de Ratzel fizeram com que Vidal negasse a própria ideia mais característica do positivismo, que é a busca de leis gerais para a explicação dos fenômenos.

Conhecidas as principais críticas de Vidal de La Blache à Geografia de Ratzel, fica mais simples compreendermos as propostas e ideias que La Blache trouxe para a Geografia e a contribuição que a escola francesa iria trazer para nossa ciência, mudando, para sempre, os rumos do pensamento geográfico. Mas, antes, vamos realizar uma atividade sobre essa primeira parte da aula.



Atende ao objetivo 1

Quais as principais críticas que Vidal de la Blache fez à obra mais importante de Ratzel, a *Antropogeografia*?

Dica: para se lembrar dos principais conceitos de Ratzel, você pode olhar novamente a Aula 8.

Resposta comentada

La Blache criticava Ratzel por supostamente trabalhar com o determinismo ambiental, isto é, com a tese de que a natureza determinava as condições sociais, econômicas e tecnológicas de um povo, por afirmar que as relações entre homem e natureza são historicamente contingentes, e não determinadas de forma causal, e por sustentar que a natureza oferece aos grupos humanos apenas um conjunto de possibilidades de transformação das paisagens. Para La Blache, o Estado deve planejar a apropriação de espaço geográfico considerando e conhecendo todas as características naturais e humanas de seu território; sua visão historicista, portanto, é contrária à visão organicista de Ratzel.

As contribuições de Vidal de la Blache para a Geografia

Vidal de la Blache preocupou-se em:

- definir o *objeto* da Geografia;
- criar *conceitos*;
- estabelecer uma *metodologia* de pesquisa.

Podemos concluir, com isso, que suas preocupações em dar continuidade (a fazer evoluir) o pensamento geográfico incluíam fazer da Geografia uma ciência positiva, apesar de toda a subjetividade existente em suas propostas e na maneira de realizá-las.

Uma das maiores preocupações de La Blache era com a definição do objeto da Geografia. Ele definiu-o, então, como sendo *a relação homem/natureza, na perspectiva da paisagem*.

Vidal acreditava que o homem sofria, sim, influência do meio; porém, acreditava também ser ele um elemento ativo, que atua sobre o meio, transformando-o. É aqui que Vidal inova, incluindo a história, a cultura, as possibilidades e as contingências humanas como fatores atenuantes na influência do meio sobre as sociedades humanas.

Como reação ao positivismo, surge, no final do século XIX, o **historicismo**, acentuando o papel do homem na sociedade e diante do meio natural.

O historicismo prega que as ciências humanas diferenciam-se das ciências naturais e não podem aplicar seus métodos. Por isso, não podem procurar leis através de hipóteses e de deduções, mas sim compreender o homem através do estudo de casos concretos e únicos.

Destaca-se aqui a distinção feita por Immanuel Kant entre as *ciências sistemáticas* (gerais) e as *ciências ideográficas* (particulares), isto é, ciências que estudam casos únicos. É nesse segundo conjunto que se encontram a Geografia e a História.

Historicismo

Ideia de que a História obedece a certas leis; que há uma forma racional de compreendê-la e prevê-la. É uma concepção idealística em que se afirma a singularidade absoluta dos fatos históricos e a subjetividade.



Na visão de Kant, a Geografia seria um conhecimento empírico; portanto, pautado na observação. De acordo com o empirismo, as teorias científicas são objetivas, experimentalmente testáveis; elas predizem resultados que podem ser verificados. Por isso, Kant dizia que a Geografia sistematizaria e classificaria os fatos analisados. Ao chamar a Geografia de ciência ideográfica, Kant estava classificando a ciência segundo o critério do método. As ciências ideográficas são baseadas no individualismo metodológico e se preocupam em estudar o singular, o único, as coisas que não são recorrentes – quer seja um fato ou uma série de fatos, a vida ou a natureza de um ser humano ou de um povo ou da própria natureza.

Se, por um lado, Ratzel aproxima-se muito do positivismo, por outro, Vidal propõe o método empírico **indutivo**, pelo qual seria possível sistematizar a Geografia, procurando uma forma científica para corrigir ou amenizar certos exageros, como o determinismo de Ratzel (conforme visto na aula anterior).

Do historicismo, surge, na Geografia, o *possibilismo*, opondo-se ao determinismo. Se, segundo o determinismo, o homem é resultado do ambiente, para o *possibilismo*, o homem é um agente que atua no meio, tomando conhecimento do ambiente físico que o rodeia, apercebendo-se das formas tal como pode utilizá-las (possibilidades ambientais) e selecionando as que estão mais de acordo com as suas aptidões culturais.

O meio natural não é uma causa necessária nem cria resultados inexoráveis. O meio é possível, relativo, fornecendo um conjunto

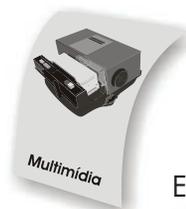
Indutivo

Proposto inicialmente por Francis Bacon, *indução* é um método experimental, um recurso necessário para se atingir os princípios mais gerais dos fenômenos naturais. O método indutivo parte sempre de fatos específicos, particularizados e observáveis, suficientemente catalogados e enumerados, para se chegar a uma conclusão geral, universal. O processo de indução não visa a outra coisa, senão estabelecer a causa dos fenômenos naturais, ressaltando a necessidade de que sejam constatadas as teorias por meio dos seus resultados. Tal método caracteriza, ainda hoje, o processo da ciência experimental.

de possibilidades cujo desenvolvimento dependerá do homem, da sua liberdade de escolha, de acordo com as características culturais que resultam da evolução histórica de cada grupo humano.

A partir dessas ideias, La Blache percebeu que, no processo de trocas mútuas com a natureza, o homem transforma a matéria natural, cria formas sobre a superfície terrestre, dando início à “obra geográfica do homem”.

Na perspectiva vidalina, a natureza passa a ser vista como “possibilidades” para a ação do homem; daí o nome de *possibilismo*, dado a essa corrente por Lucien Febvre.



Lucien Paul Victor Febvre foi um influente historiador francês, cofundador da chamada Escola dos Annales. Para saber mais sobre o termo possibilismo, cunhado por L. Febvre, leia o artigo de José William Vesentini “Geografia política e geopolítica: determinismo e possibilismo?”, disponível em: <http://www.geocritica.com.br/determinismo.htm>. Leia também o artigo “História e Geografia: um diálogo necessário”, de Fernando Perllato, que procura evidenciar a relação existente entre História e Geografia no interior do movimento dos Annales, do qual Vidal de La Blache também participou. Esse texto discute ainda a questão do determinismo (Ratzel) e do possibilismo (Vidal de la Blache) e suas influências nas análises históricas. O artigo está disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/03/artigo-1a3.pdf>.

Dessa verdadeira “novidade” na maneira de entender a relação homem/meio, devemos destacar ainda uma mudança de horizonte epistemológico, que fez com que o **funcionalismo**, na Geografia, aparecesse como uma reação ao positivismo evolucionista. A introdução dos critérios funcionalistas abandonaram a “pseudo-história” evolucionista, baseada em hipóteses não comprovadas, criticando com severidade algumas das afirmações totalizadoras e uniformizadoras do pensamento ratzeliano, especialmente aquelas ligadas ao determinismo geográfico.

O discurso funcionalista traz a teoria da História para o estudo concreto das histórias particulares das sociedades e entende que cada uma delas se comporta como uma unidade funcional relativamente autônoma. Assim, o estudo do todo só deve acontecer após serem dissecadas minuciosamente cada uma das unidades básicas presentes (e essas unidades viriam a ser, na Geografia, as *regiões*).

Gênero de vida

Outra grande contribuição à Geografia trazida por Vidal de La Blache foi a criação de um conceito até então inexistente na Geografia: *gênero de vida*.

Segundo Moraes (1992, p. 68-69), a teoria de Vidal concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da Terra, que em cada lugar se adaptou ao meio, criando, nesse relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiam utilizar os recursos naturais disponíveis.

A esse conjunto de técnicas e costumes, construído e herdado socialmente, Vidal denominou *gênero de vida*. Esse conceito passou então a definir a relação entre a população e os recursos numa situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades.

Funcionalismo

Ramo de estudo das ciências sociais, especialmente a Antropologia, que procura explicar aspectos da sociedade em termos de funções realizadas por instituições e suas consequências para a sociedade como um todo. É uma corrente sociológica associada à obra de Emile Durkheim.

A diversidade dos meios explicaria a diversidade dos gêneros de vida. E estes, sob a pressão de alguns fatores, poderiam sofrer algumas mudanças ao longo do tempo (e da história).

A área abrangida por um mesmo gênero de vida, englobando várias comunidades, foi denominada por La Blache “domínios de civilização” (e seriam importantes parâmetros na definição de uma região).

À Geografia caberia estudar os gêneros de vida, os motivos de sua manutenção ou sua transformação, e sua difusão, com a formação de novos domínios de civilização. Assim, seria possível definir as regiões da superfície terrestre a partir da observação da paisagem.

Também traduzido, muitas vezes, como *modo de vida*, o conceito de *gênero de vida*, em síntese, pode ser definido como o produto da relação do homem com o meio. É constituído pela produção material, pelos meios de nutrição e pela combinação das atividades agrárias e não agrárias.

Com toda a sua formação em História – e demonstrando sua capacidade nata de reconhecer diferentes *gêneros de vida* –, Vidal de La Blache foi encarregado, pelo governo francês, de elaborar uma divisão regional da França que estivesse bem de acordo com a realidade econômica, política e social de então. Isso porque a divisão administrativa que existia datava de 1790, e a revolução dos transportes (um grande fator de influência/transformação, ao agir sobre determinado gênero de vida) tinha tornado-a inadequada. Vidal de La Blache estudou profundamente a França e propôs, em seu *Tableau de Géographie de la France*, uma divisão em quinze regiões, cada uma com sua capital. Essa divisão que serviu de base para o governo é quase a mesma utilizada até hoje como a divisão oficial político-administrativa da França.

Destaca-se aqui uma das maiores contribuições de Vidal à Geografia – a geografia regional e a instituição da *região* como quase um ícone (seria pouco chamarmos de objeto) da Geografia.

O estudo regional é, em grande medida, o estudo das relações entre o homem e o meio em uma parte específica da superfície terrestre, pretendendo descobrir a verdadeira vida da região, relacionando sempre os eixos físicos e humanos. Assim, a região seria uma unidade espacial diferente das suas áreas limítrofes, com uma relativa autonomia funcional, e o espaço geral seria o conjunto dessas unidades heterogêneas.

A durabilidade da atuação humana em uma unidade espacial mais a ocorrência de fatos naturais criaram a herança histórica capaz de fazer os homens reconhecerem a região e se reconhecerem na região.



Atende ao objetivo 2

Apresente as características principais da escola francesa de Geografia, a partir do objeto de estudo, conceitos e metodologia utilizados por Vidal de la Blache.

Resposta comentada

O objeto de estudo é a relação homem/natureza na perspectiva da paisagem. O homem é um ser ativo que sofre influência do meio, mas também é capaz de agir sobre ele, transformando-o. Ao transformar a natureza, o homem cria formas sobre a superfície terrestre. Essas formas têm como resultado o “gênero de vida”, conceito de La Blache que compreende o conjunto de técnicas e costumes construídos e passados socialmente.

Em termos de método, não houve muitas mudanças em relação à proposta de Ratzel, porém Vidal era mais relativista. Seu fundamento era positivista e o método empírico-indutivo, que deveria valorizar a observação direta em campo, seguido de indução a partir da paisagem, particularização da área enfocada, comparação com áreas estudadas e classificação das áreas e dos gêneros de vida.

CONCLUSÃO

O conceito de *região* proposto por Vidal, transformado em objeto da Geografia, seria o espaço em que se sintetizam o ambiente natural (a região natural) e o aproveitamento que o homem faz do meio, dando assim grande importância à História.

Não é difícil perceber, a partir do que você estudou até aqui, que, com a definição de região proposta por Vidal, a Geografia ultrapassaria o perigo de se dividir em geografia física e geografia humana, tornando-se uma ciência-ponte entre as ciências naturais e as humanas. Estaria, assim, solucionado um dos maiores problemas epistemológicos de nossa ciência.

Lê-se ainda na proposta regional vidalina a junção de duas diretrizes científicas: as que tendem a caracterizar o objeto de estudo em *particularidades individualizadas (ciências idiossincráticas)* e as *sistemáticas (gerais)*, que tentam encontrar nas relações entre

Resposta comentada

As justificativas para suas respostas devem estar parecidas com estas abaixo:

a) Região e paisagem se confundem na metodologia de Vidal de La Blache, que, ao valorizar a perspectiva da paisagem, ou seja, da observação, pretendia identificar os gêneros de vida presentes na paisagem que, por sua vez, são capazes de definir as regiões francesas.

b) O possibilismo de Paul Vidal de La Blache se opõe às ideias ratzelianas da vinculação necessária entre o território e o Estado, em especial, a dependência do território para o crescimento estatal (expansão territorial). O conceito de espaço vital assinala um exagero que pode ser identificado como um determinismo ambiental. O exagero está na importância dada ao tamanho do território para o poderio do Estado-nação, pois, mesmo tendo um fundo de verdade, infla demais o peso do espaço físico para o desenvolvimento da civilização. Vemos em Ratzel a busca por causa única ou unilateral quando, na verdade, as causas são diversas e complexas, uma vez que é preciso valorizar a criação humana em si, a cultura, a história, a tecnologia e a produção da natureza. E foi essa valorização ao papel do homem que o possibilismo trouxe no estudo da relação homem/natureza.

c) A revolução burguesa e o governo de Napoleão Bonaparte promovem o desenvolvimento do capitalismo na França e o surgimento de ideias progressistas e liberais, que serão defendidas pela geografia francesa. A perda dos territórios da Alsácia e Lorena na Guerra Franco-Prussiana, em 1870, e a ação imperialista da Alemanha levam a geografia francesa a buscar um pensamento que justificasse os interesses de sua classe dominante e a defesa de seu território. Ao levantar as regiões francesas e seus gêneros de vida, La Blache define a França como uma unidade indissolúvel que só pode ser entendida no conjunto de suas regiões.

Além disso, o contato com outros gêneros de vida seria fundamental para o progresso humano, pois geraria arranjos mais ricos, pela incorporação de novos hábitos e técnicas. Vemos nessa ideia o levar a civilização para os povos da África e da Ásia.

RESUMO

O pensamento vidalino propõe uma reformulação do saber geográfico, apoiado na unidade regional, porém sem negar a atenção aos horizontes gerais ou sistemáticos de nossa ciência.

La Blache usou a França, sua terra natal, para poder aplicar seus estudos e, assim, formular uma ideia de região. Segundo ele, a França seria uma região suficientemente variada para servir de tema para estudos mais profundos.

Assim, a escola francesa se diferencia da alemã por ter influências do historicismo, enquanto a escola alemã, pautada nos trabalhos de Ratzel, possui caráter naturalista.

A obra de Vidal é uma resposta à geografia de Ratzel num momento geopolítico delicado na Europa, que é o da constituição dos Estados nacionais. Tanto a obra de Ratzel quanto a de Vidal foram fundamentais para a justificação dos territórios da Alemanha e da França.

Enquanto Ratzel elabora o conceito de espaço vital, La Blache elabora o conceito de gênero de vida, que define uma região única de um país. O conjunto das regiões resulta numa identidade nacional; assim, nenhuma parte do território francês poderia ser perdida.

Por fim, opondo-se ao determinismo de Ratzel, a escola francesa propõe entender as relações homem/meio por meio do possibilismo. Portanto, na proposta regional vidalina, o estudo do particular (ideográfico) é fundamental para a Geografia. O caráter excepcional dos lugares é o que define regiões e permite sua comparação.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, você conhecerá a Geografia Anarquista, de Elisée Reclus e Piotr Kropotkin, uma Geografia alternativa do século XIX.

Aula 10

Reclus e Kropotkin: militância e geografia no século XIX

*Nilton Abranches Junior
Jonathan Felix Ribeiro Lopes*

Meta da aula

Evidenciar a relação entre o pensamento dos geógrafos anarquistas Piotr Kropotkin e Eliséé Reclus e a história do pensamento geográfico.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as matrizes do pensamento anarquista;
2. avaliar a importância do anarquismo para o pensamento geográfico.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, iremos discorrer sobre anarquia e geografia. Para tanto, é necessário que compreendamos os sentidos da palavra *anarquia* e o seu conceito político. Antes, precisamos ter em mente que esse termo não aparece apenas entre àqueles que se propõem a discutir a política ou os sistemas políticos. Seu uso já está no senso comum ainda que, normalmente, tenha uma conotação negativa. Basta lembrarmos de frases como “tem que cuidar senão vira anarquia”. Muitos de vocês já devem ter se deparado com frases similares ao longo da vida. Crônicas jornalísticas também não escapam ao uso comum do termo. O sentido negativo de anarquia usualmente associa essa palavra à desordem, baderna, falta de organização etc. No entanto, como alunos de ensino superior, é preciso ir além do senso comum para compreender com profundidade os conceitos.

Definindo anarquismo

A palavra *anarquia*, segundo o dicionário de língua portuguesa Houaiss, tem origem do grego *anarkhía* ou *ánarkhos* que significa “sem governo” ou “sem governante”. Foi traduzida para o latim medieval como *anarchia*, atribuindo-se o mesmo sentido. O prefixo “an” significa negação/ausência, enquanto os sufixos “arkhía”, “árkhos” e “archia” significam governo/governante ou autoridade. Outra leitura com relação à origem do termo anarquia foi apresentada por Leuenroth (1963 *apud* Nogueira, sd.) e faz menção à Grécia, por volta do ano 478 a.C. Segundo essa versão, existiu um homem de nome Arquias que escravizava e barbarizava o povo. Descontente, a população organiza um movimento de oposição aos seus métodos de governo – a esse movimento se teria dado o nome de An-Arquias, ou seja, adicionava o prefixo “an”, negando o nome do tirano.

Contemporaneamente, são muitos os sentidos do termo anarquia. Segundo o dicionário Houaiss, podem ser atribuídos seis diferentes sentidos. Vejamos:

Substantivo feminino

1. sistema político baseado na negação do princípio da autoridade;

1.1 negação de qualquer tipo de autoridade;

2. estado de um povo que, de fato ou virtualmente, não tem mais governo;

3. falta de organização e/ou de liderança em qualquer tipo de atividade, local ou instituição; confusão, bagunça;

Ex.: <a a. reinava em seus escritos> <a a. na empresa provocou sua falência> <esta casa é uma a.>

4. qualquer entidade, organização social etc. desprovida de direção e/ou normas;

Ex.: a universidade está uma a.

5. Regionalismo: Portugal

estado de confusão, bagunça; esculhambação;

6. Rubrica: política

teoria política e social segundo a qual o indivíduo deveria desenvolver-se livremente, emancipado de toda tutela governamental

Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.ijhtm?verbeta=anarquia&styp=k>.

Reparem que o sentido negativo que associa anarquia à desordem também é listado pelo dicionário, não sendo um simples erro, mas uma redução do sentido da palavra. Além disso, ficam explícitas a negação à autoridade e também a falta de governo ou governantes. Chama atenção, entretanto, o sentido político do termo. Mais do que um substantivo feminino, a palavra anarquia constitui um conceito fundamental na teoria política, muito influente

às práticas políticas dos séculos XIX e XX. Um dos mais importantes expoentes desse movimento foi Piotr Kropotkin (1842-1921) que, em 1910, definiu anarquismo na Enciclopédia Britânica da seguinte forma:

É o nome dado ao princípio ou teoria de vida e conduta em que a sociedade é concebida sem governo – a harmonia em tal sociedade é obtida, não pela livre concordância estabelecida entre vários grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos em favor da produção e do consumo, e também para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado. Em uma sociedade desenvolvida nessas linhas, as associações voluntárias que estarão presentes em todos os campos da atividade humana se estenderão de tal forma que substituirão o Estado em todas as suas funções. Elas constituirão uma rede composta por uma variedade infinita de grupos e federações de todos os tamanhos e graus, locais, regionais, nacionais e internacionais temporárias ou mais ou menos permanentes – para todos os possíveis propósitos: produção, consumo e troca, comunicações, arranjos sanitários, educação, proteção mútua, defesa do território, e assim por diante; e, por outro lado, para a satisfação de um número crescente de necessidades científicas, artísticas, literárias e sociais.



Figura 10.1: Piotr Kropotkin.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Peter_Kropotkin_circa_1900.jpg

Max Stirner (1806-1856)

Pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt, um importante escritor e filósofo do século XIX. Seus trabalhos influenciaram filósofos como Hegel e Feuerbach.



Max Stirner, em desenho de Friedrich Engels.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Max_stirner.jpg

Pierre-Joseph Proudhon

(1809-1865)

Escritor e filósofo, talvez o mais notável teórico do anarquismo. Foi o primeiro a se denominar dessa forma.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Portrait_of_Pierre_Joseph_Proudhon_1865.jpg

O anarquismo constitui na prática um importante movimento político que ocorreu durante os séculos XIX e XX. Enquanto ação política, defendia mudanças profundas na estrutura social com o objetivo de destituir o Estado, iniciando uma nova forma de organização da sociedade, com base no princípio da ajuda mútua, isto é, na cooperação livre entre os indivíduos.

Além do russo Piotr Kropotkin, podem ser citados dentre os intelectuais de maior destaque o alemão **Max Stirner**, os franceses **Pierre-Joseph Proudhon** e Elisée Reclus (1830-1905) e o russo **Michael Bakunin**.

Apesar de os filósofos anarquistas compartilharem o mesmo objetivo, o anarquismo teve diferentes vertentes – entre as principais podemos apontar:

- Coletivismo: defendia a substituição da propriedade individual por instituições voluntárias nas quais cada operário teria direito sobre os produtos do seu trabalho;
- Anarco-comunismo: defendia a premissa “De cada um, de acordo com seus meios; a cada um de acordo com suas necessidades” e se aproximava das idéias do comunismo em Marx;
- Anarco-sindicalismo: atribuía grande importância aos sindicatos de classes enquanto instrumento revolucionário. A greve é vista como o mais poderoso instrumento revolucionário.



Anarco-sindicalismo no Brasil

O anarquismo exerceu enorme influência no Brasil nas primeiras décadas do século XX, especialmente em função da migração de operários europeus incentivada pelo Estado. Foram diversos os movimentos de reivindicação operária, sendo o mais conhecido a Greve Geral de 1917, iniciada em fábricas têxteis da capital paulistana.



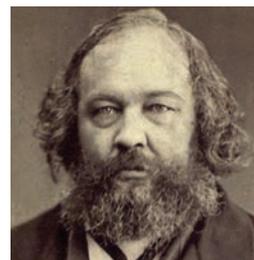
Figura 10.2: Operários e anarquistas marcham portando bandeiras negras pela cidade de São Paulo, na greve de 1917. Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/S%C3%A3o_Paulo_%28Greve_de_1917%29.jpg

A existência de diferentes vertentes não significa ausência de diálogo ou incoerência no interior do pensamento anarquista. Evidencia diferentes meios para se alcançar a sociedade sem governo, autogestionada. Essa discussão percorre ainda as questões referentes ao socialismo real e à defesa pela permanência do Estado durante a transição para o socialismo.

A disputa com o socialismo encontrava terreno fértil também conceitualmente. Para os anarquistas, a realização da liberdade só seria possível a partir do indivíduo tomando decisões autônomas em cooperação com outros indivíduos igualmente livres. Para o socialismo, no entanto, a liberdade exigia uma dimensão coletiva fundamental, e a liberdade do indivíduo se situa na liberdade coletiva. Isso não quer dizer que socialistas e anarquistas não dialogassem e promovessem ações conjuntas. Foi assim, por exemplo, na Associação Internacional dos Trabalhadores e mesmo na Revolução Russa. Entretanto, essa

**Michael
Aleksandrovitch
Bakunin
(1814-1876)**

Importante teórico político. Defendeu o anarquismo, combatendo o autoritarismo do Estado e as ideias socialistas autoritárias.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Bakunin_Nadar.jpg

disputa interna nos movimentos progressistas relegou o anarquismo ao ostracismo, sendo retomado por movimentos de menor dimensão como o movimento *punk*, a partir do final da década de 1970.



Associação Internacional dos Trabalhadores

Emerge oficialmente em Londres, no ano de 1864. Consistiu no primeiro movimento intelectual do proletariado na busca por emancipação. O objetivo foi retirar trabalhadores de partidos políticos burgueses, conscientizando a classe proletária. Originalmente, a associação contava com figuras importantes do comunismo, como o próprio Marx, e ícones importantes do anarquismo, como Bakunin e Elisée Reclus, além de sindicalistas ingleses. As disputas ideológicas entre Bakunin e Marx conduziram, no entanto, a uma cisão na associação entre marxistas e bakunistas. A também chamada Primeira Internacional foi fundamental para a organização e conscientização da classe trabalhadora, configurando ações práticas de combate à burguesia.

Revolução Russa

Movimento revolucionário de 1917, na Rússia, que conduziu à derrubada do Czar Nicolau II e do regime czarista, instaurando um novo regime de orientação socialista, sob a liderança de Wladimir Lênin.



Figura 10.3: Foto com Wladimir Lênin, líder da Revolução Russa, na parte de cima.
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/18/Soviet_Union%2C_Lenin_%2855%29.jpg



Atende ao objetivo 1

Relacione o pensamento anarquista aos movimentos sociais e políticos surgidos ao longo do século XIX.

Resposta comentada

O anarquismo surge como forma de pensamento libertário que influenciará diversos movimentos sociais de origem popular. A autoridade do Estado e a propriedade privada serão apresentadas como as principais instituições que restringem a liberdade e a autonomia do indivíduo e por isso devem ser combatidas. Essa ideia estará presente na Primeira Internacional e mesmo no Anarco-sindicalismo brasileiro no início do século XX.

Eliséé Reclus: anarquista geógrafo, geógrafo anarquista



Figura 10.4: Elisée Reclus.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/EliseeReclusNadar.jpg>

Agora que já compreendemos um pouco mais o pensamento anarquista, podemos pensar sobre os geógrafos que participaram

desse movimento ao longo do século XIX. É importante mencionar que, ao fazer uma reflexão sobre as obras de um autor, é fundamental compreender o seu contexto histórico. A leitura sobre o mundo tem profunda relação com o ambiente e o momento histórico do autor. Como afirma Leonardo Boff,

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem vive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam.

Nesse sentido, é importante ter contato com a biografia de Jean-Jacques-Elisée Reclus.

Nasceu em Saint-Foy-la-Grande, Gironda, na França, em 15 de março de 1830. Filho de uma família nobre, porém empobrecida, seu pai abdicou dos bens materiais para viver a fé como pastor calvinista. Aos 12 anos de idade, Elisée Reclus foi enviado junto com seus irmãos para estudar em uma escola religiosa na Alemanha. Dizem os biógrafos que seu interesse pela natureza foi despertado já nesse momento da infância devido aos trabalhos de campo desenvolvidos pelos professores. Não consistia em um interesse bucólico, de pura apreciação: Elisée Reclus interessou-se pela paisagem que se transformava em meio à emergente sociedade industrial alemã, o que irá marcar profundamente o pensamento do autor.

No entanto, dois anos depois, os irmãos Reclus foram expulsos dessa escola, possivelmente por defender ideias republicanas. Dessa forma, retornaram à cidade natal, onde, em 1848, Elisée Reclus terminou os estudos colegiais, equivalentes ao Ensino Médio. Esse ano foi fundamental na história da França, pois marcou uma série de movimentos revolucionários que instauraram a república. Os irmãos Elie e Elisée Reclus participaram desse processo, defendendo a república em detrimento da monarquia constitucional de Luís Felipe I. Acredita-se que por esse envolvimento eles se aproximaram das leituras socialistas.

Três anos depois, Elisée Reclus ingressou na Universidade de Berlim para cursar teologia, possivelmente por influência de seu pai. No entanto, as leituras geográficas pareciam ter chamado mais sua atenção do que as teológicas. Foi aluno de Karl Ritter e colega de turma de Friedrich Ratzel, cujas influências foram fundamentais para sua geografia.

Nesse mesmo ano, diante do golpe de Napoleão III, em 2 de dezembro, os irmãos Reclus interferiram se posicionando contra e, não sendo bem sucedidos, foram obrigados a sair da França. Elisée refugiou-se na Inglaterra e tentou se tornar professor. Como não conseguiu, mudou-se para a Irlanda, onde tentou sobreviver como trabalhador rural. No entanto, devido à exploração britânica no país, não conseguiu se estabelecer e, a exemplo de outros irlandeses, migrou para os Estados Unidos, no ano de 1853.

Lá, residiu em Nova Orleans, onde passou por uma importante mudança. Ao observar a escravidão, Elisée não conseguiu compreender como grupos protestantes podiam defender a escravidão e, diante das influências de leituras socialistas e anarquistas como as de Saint-Simon, Proudhon e outros, mudou sua orientação religiosa para ateu. Nesse período, escreveu *A escravidão na América*, publicado apenas em 1860, já na França.

A partir de 1855, passou a viajar pela América Latina, voltando para a França somente em 1957, após a anistia política, trazendo consigo uma série de relatos das experiências de viagem. Apresentou alguns de seus textos para a Sociedade Real de Geografia francesa, e seu estilo de escrita agradava aos leitores. A partir desse momento, Reclus tornou-se um geógrafo renomado devido aos seus textos, tendo grande sucesso editorial e sendo contratado pela Editora Hachette. Isso permitiu que ele vivesse apenas de suas publicações. Em seu primeiro contrato, viajou por toda a França para escrever os *Guias de Turismo Joanne*. Sua fama internacional enquanto geógrafo se deu, entretanto, com *La Terre*, publicado pela primeira vez em 1869. Essa obra ganhou destaque pois estabelecia o ser humano como parte integrante da natureza, rompendo com a dicotomia entre uma geografia humana e outra física.

Em meio à produção escrita, Elisée Reclus não deixou de ser militante, participando da Comuna de Paris em 1871 e se destacou também como anarquista. Essa atuação social revolucionária, no entanto, custou-lhe um novo exílio. Dessa vez foi morar na Suíça entre os anos de 1872 e 1879. Ainda assim, seu contrato com a Hachette foi mantido e nesse período escreveu a *Nouvelle géographie universelle* (Nova Geografia Universal). Em função dessa obra, conheceu Piotr Kropotkin, que contribuiu com artigos sobre a Sibéria. Apesar de extensa, a Nova Geografia Universal sofreu uma série de restrições ideológicas da editora, e Elisée Reclus não pôde discorrer sobre aspectos religiosos, políticos e sociais, consistindo em uma censura ao pensamento do autor. Por essa razão, foi considerada uma obra enciclopédica sem muito valor científico.



Comuna de Paris

Primeira experiência de um governo operário. Foi fundada em 1871, na capital francesa, como forma de resistência popular francesa perante as invasões do Reino da Prússia durante a guerra franco-prussiana.



Figura 10.5: Barricadas erguidas pelos *communards* em frente à Igreja da Madalena.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0a/Disderi_3.jpg

As restrições impostas pela editora não possibilitaram a publicação em vida da última obra de Elisée Reclus. Diferente da *Nouvelle Géographie*, sua última obra, *L'Homme et la terre* (O homem e a Terra) só foi publicada após sua morte, por seu sobrinho Paul Reclus. Elisée morre em Torhout no dia 4 de julho de 1905.

Piotr Kropotkin: da Sibéria à militância

Outro importante geógrafo anarquista foi Piotr Alexeyevich Kropotkin e é igualmente relevante conhecermos sua trajetória de vida para compreendermos seus argumentos. Kropotkin nasceu em 21 de dezembro de 1842, na Rússia. Era membro da família real de Rurik e, já aos 12 anos de idade, foi obrigado a ingressar no Corpo de Pajens, em São Petersburgo, uma academia militar voltada para a realeza, que tinha como objetivo a formação de assessores e funcionários de elite para o Império russo. Seu descontentamento com a disciplina militar fez surgir rapidamente sua reputação de rebelde. Apesar disso, formou-se nas matérias de Astronomia, Física, História, Literatura e Filosofia. Nesse período escolar, foram de fundamental importância intelectual as leituras evolucionistas, principalmente de **Jean-Baptiste de Lamarck**.

Concluiu sua formação em 1862 e escolheu servir junto aos cossacos siberianos, com os quais saiu em expedição para a Sibéria, ainda que pudesse escolher o local onde gostaria de servir. No entanto, após trabalhar por dois anos como pajem pessoal do Czar Alexandre II, rejeitou a vida na corte e optou por se afastar.

Kropotkin residiu por cinco anos na Sibéria com o objetivo de avaliar o sistema penitenciário, preparando-o para reforma. Essa experiência foi fundamental para sua formação tanto militante quanto intelectual e o direcionou à escolha pelo anarquismo. Pôde observar, ao longo dos anos que passou na Sibéria, as diversas formas de cooperação direta e autônoma entre camponeses e caçadores diante das dificuldades locais impostas. É atribuído, também, a essa experiência na Sibéria, seu primeiro contato com a literatura anarquista. Na pri-

Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829)

Importante naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução agora desacreditada. Lamarck personificou as ideias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo *biologia*.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/37/Jean-Baptiste_Lamarck.jpg

são, conheceu **Mikhail Larionovich Mikhailov**, um preso político condenado a trabalhos forçados por defender ideais revolucionários, que apresentou pela primeira vez à Kropotkin os escritos de Proudhon.

Kropotkin observou ainda o mau funcionamento e a corrupção no interior do sistema penitenciário siberiano. Suas recomendações para a reforma desse sistema foram implementadas. Além disso, a crueldade no tratamento aos presos foi fundamental para a transformação do seu pensamento. Em 1867, assistiu à tenebrosa repressão do Czar aos insurgentes prisioneiros poloneses. Diante daquela realidade, Kropotkin perdeu totalmente a confiança na disciplina do Estado e abandonou a carreira militar, tornando-se definitivamente anarquista.

Por outro lado, seu interesse pela geografia o fez registrar paisagens e coletar dados importantes que lhe possibilitaram desenvolver teorias com relação à natureza siberiana. Nesse mesmo ano, ingressou na Universidade e teve a relevância dos seus estudos atestada pela Sociedade Geográfica Russa, na qual apresentou um relatório sobre a região de Vitin, na Sibéria, publicado em 1867, ano em que retornou para São Petersburgo. Foi nomeado secretário da seção de Geografia Física dessa sociedade e pôde explorar, entre 1871 e 1873, as glaciares da Finlândia e da Suécia. Seus estudos sobre fósseis deram importantes contribuições para a Teoria da Glaciação. O sucesso de seus estudos garantiu grande prestígio acadêmico e, em função disso, foi convidado a presidir a seção de Geografia Física da Sociedade Geográfica Russa. Pode-se afirmar que suas pesquisas extrapolaram o campo geográfico e consistiram em importantes descobertas no campo geológico, inserindo-se nos estudos de História natural do planeta.

Kropotkin não abandonou os estudos sociais, tendo se dedicado ao estudo de teorias sociais e políticas. Dessa forma, observou, em suas viagens pela Suécia e Finlândia, a miséria de muitos camponeses. Dessas experiências é despertado um profundo sentimento de solidariedade. Assim, diante dos movimentos da Comuna de Paris e do crescente interesse pelo movimento operário, Kropotkin optou por abandonar seu trabalho como pesquisador e aderiu às ações revolucionárias.

**Mikhail
Larionovich
Mikhailov
(1829-1865)**

Importante poeta e revolucionário russo.

Financiado pela herança de seu pai, viajou até Zurique, em 1872, onde se reuniu com um grupo de refugiados influenciados pelas idéias de Mikhail Bakunin. Aderiu, em Genebra, à Primeira Internacional dos Trabalhadores, na qual teve contato também com setores marxistas. A atuação dos dirigentes desse setor, no entanto, desagradou ao geógrafo russo, que logo aderiu à tendência bakunista.

No mesmo ano, retornou a São Petersburgo e retomou as investigações científicas em geografia. Continuou, em conjunto, suas atividades militantes e passou a assistir às reuniões do Círculo Tchaikovsky. Mesmo utilizando o pseudônimo de Borodin para não ser identificado, foi delatado por um operário informante, sendo preso no ano seguinte. Foi interrogado pela polícia política secreta do Czar e encarcerado na fortaleza de Pedro e Paulo. Sua prisão foi logo reconhecida pela nobreza russa e despertou uma profunda irritação no Czar, pois Kropotkin havia sido seu assistente pessoal. Alexandre, irmão do geógrafo, também não escapou à prisão, sendo enviado para a Sibéria em 1875, condenado a cumprir 12 anos de encarceramento. Foi um período intenso de perseguições políticas aos movimentos revolucionários na Rússia.

Em 1876, com a saúde bastante debilitada, foi transferido para a prisão de São Petersburgo. À época, sofria de **escorbuto** e estava depressivo. Tinha, entretanto, maior acesso à visitação, e seus amigos planejaram sua fuga nesse mesmo ano. Kropotkin fugiu da prisão e migrou, em exílio, primeiro para Edimburgo e, posteriormente, para Londres, onde trabalhou no periódico *The times* e na revista *Nature*. Após essa breve estada na Inglaterra, chegou, em 1876, na Suíça, onde se incorporou à **Federação de Jura**. Retornou a Londres no ano seguinte para resolver questões trabalhistas e se encontrou com Elisée Reclus em Vevey, na Suíça.

Organizou, neste país, o *L'Avant Garde* (A Vanguarda), um periódico anarquista que ganhou também versão em alemão, *Arbeiterzeitung*. Alguns meses depois, viajou para Veviers, e participou como delegado russo no congresso da seção bakunista da

Escorbuto (do latim scorbutus)

Doença que tem como primeiros sintomas hemorragias e tumefação purulenta das gengivas (inchaço com pus), dores nas articulações, feridas que não cicatrizam, além de desestabilização dos dentes. É provocada pela carência grave de vitamina C na dieta.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escorbuto>

Federação de Jura

Foi a mais importante e antiautoritária seção anarquista da Primeira Internacional, baseada principalmente nos relojoeiros das montanhas de Jura, na Suíça.

Primeira Internacional; porém, não esteve presente todo evento, pois suspeitavam que poderia ser capturado novamente. Seguiu para a Inglaterra, depois para a França. Suas ações militantes, no entanto, despertaram a atenção do Estado francês, e ele migrou mais uma vez para Genebra, em 1878. Nesse período, casou-se com Sofia Ananiev.

Assistiu ao fechamento do *L'Avant Garde* e à prisão de muitos anarquistas. Seu esforço pela continuação do movimento anarquista o fez fundar o *Le Révolté*, um periódico redigido basicamente por ele mesmo. A aceitação foi muito positiva já nos primeiros momentos, o que lhe permitiu comprar uma prensa e fundar a *Imprimerie Jurassienne*. Esses escritos são de grande valor teórico, pois neles Kropotkin difundiu as bases do anarco-comunismo.

Poucos anos depois foi convidado por Elisée Reclus para colaborar na Nova Geografia Universal. No ano seguinte, 1881, viajou mais uma vez para Londres como delegado no Congresso Socialista Revolucionário Internacional, mas se decepcionou com o evento devido à ausência de discussão sobre a formação de uma nova Internacional dos Trabalhadores. Permaneceu na Inglaterra durante o mês e retornou para a Suíça, de onde foi expulso devido às pressões diplomáticas do império russo. Dessa vez migrou para um pequeno povoado francês e depois para a Inglaterra, onde conheceu James Knowles, editor da revista *O século XIX*, com a qual passou a contribuir. Continuou suas publicações também nas revistas *Nature*, *The times* e *The fortnightly review*. Durante esse período, foi convidado também para fazer verbetes na Enciclopédia Britânica.

Retornou à França em 1882, onde mais uma vez foi detido pela participação na Internacional dos Trabalhadores. Escreveu na prisão o célebre *What geography ought to be* (O que a geografia deve ser), publicado no *The nineteenth century*. Após pressões populares e de intelectuais, o governo francês concedeu anistia à Kropotkin e a outros presos políticos, liberando-os em 15 de janeiro de 1886. O geógrafo russo e sua esposa seguiram novamente para a Inglaterra. A essa altura, Kropotkin já estava com a saúde debili-

tada e suas ações como militante estavam bastante reduzidas. Ele se dedicava quase exclusivamente à produção acadêmica.

Contra o Positivismo na geografia: objeto e método na geografia de Reclus e Kropotkin

Reclus e Kropotkin foram, à sua época, bastante reconhecidos no campo da ciência geográfica e muitas vezes se aproximaram da geografia tradicional ao defenderem a observação enquanto método. Acreditavam que, para conhecer, é preciso observar o fenômeno, ao invés de apenas imaginar a natureza de dentro de gabinetes, estudando-a diretamente. No entanto, encontraram o ostracismo em gerações futuras. Quais razões justificam tal postura pelos novos geógrafos? As críticas a Reclus e Kropotkin não foram poucas.

Reclus, por exemplo, foi acusado por muitos geógrafos positivistas de fazer uma ciência exclusivamente descritiva, sem propor leis gerais ou teorias. Essa leitura das obras de Reclus é evidentemente reducionista e refere-se aos escritos vinculados à editora Hachete, que o inibia de fazer considerações sobre questões sociais e políticas. Seus críticos referem-se basicamente à Nova Geografia Universal. De fato, com formato enciclopédico, essa obra contava com capítulos descritivos de diversas áreas do globo. O próprio Kropotkin contribuiu com a obra no item sobre a Sibéria.

Entretanto, é interessante perceber que existe uma crítica contrária à anterior contra Reclus. Igualmente reducionistas, esses críticos acusavam o geógrafo francês de elaborar uma obra essencialmente política. Diziam que Reclus não separava a ciência de sua militância anarquista, o que invalidava suas análises. Não reconheciam a capacidade descritiva de Reclus e a condenavam como pouco científica. Esses críticos enfatizavam basicamente a obra *O homem e Terra*.

Além disso, a geografia de Reclus, ao contrário da proposta positivista que afirmava existir um único método, afirmava que cada objeto de estudo demandava um método diferente. Cada localidade exigia do geógrafo uma adaptação metodológica que fosse capaz de explicar os fenômenos locais. Essa proposta era extremamente inovadora em um momento em que a ciência positiva se afirmava como única forma de ciência, detentora do verdadeiro método científico. A comparação entre os estudos seria a base para a construção científica; no entanto, não poderia ser feita de maneira hierárquica, isto é, classificando as diversas sociedades em diferentes níveis da evolução humana. Dito em outras palavras, não se reconhece uma sociedade como mais avançada que a outra. Essa visão vai de encontro às análises de geógrafos contemporâneos que justificavam a colonização por meio do argumento civilizatório. Por essa visão, criticada por Reclus, aos europeus cabe o papel de “civilizar”, “levar a civilização” enquanto modo de vida mais avançado a todos os povos da Terra.

Kropotkin também terá um papel de destaque nessa questão. Indo de encontro ao paradigma da época, estabelece uma crítica contundente ao evolucionismo de Darwin. O geógrafo russo não discordava da idéia de evolução das espécies – sua crítica se dedicou às causas da evolução, isto é, à seleção natural.

Segundo essa tese, Darwin afirmava que o meio impunha dificuldades à sobrevivência das espécies e, diante dessas dificuldades naturais, as espécies competiam entre si pela sobrevivência. Aqueles que fossem mais aptos e que pudessem se adaptar melhor ao meio seriam capazes de sobreviver. Kropotkin, por outro lado, acreditava que a evolução das espécies não se reduzia à competição pela sobrevivência e afirmava que Darwin não reconhecera em seus estudos a capacidade de solidariedade entre as espécies diante das dificuldades impostas pelo meio. Propõe a tese da “ajuda mútua”, na qual as espécies não necessariamente iriam conflitar pela sobrevivência, mas poderiam também se ajudar diante das dificuldades impostas pelo meio.

O distanciamento com relação à geografia tradicional diz respeito também ao próprio objeto de análise da geografia. Sobre esse aspecto, Elisée Reclus destoava inclusive de seu ex-colega de sala Friedrich Ratzel. Enquanto este geógrafo pensava o território como área de domínio do Estado, o que permitiu que sua teoria fosse utilizada como justificativa ao expansionismo alemão durante o II Reich, Elisée Reclus defendia uma geografia libertária com base nos povos. Coerente à visão anarquista, o geógrafo francês produziu obras engajadas que deslegitimavam o Estado e afirmavam a autoridade dos povos sobre o espaço.

Ainda sobre o objeto da geografia, ele foi inovador ao apresentar uma leitura sobre as transformações do espaço urbano. Propôs sobre esse objeto um método específico que buscava observar o crescimento e a organização interna das cidades. Segundo o próprio Elisée Reclus,

A verdadeira maneira de se estudar uma aglomeração urbana, tendo vivido uma longa existência histórica, é visitá-la em detalhe conformemente aos fenômenos de seu crescimento, é preciso começar pelo local que quase sempre a lenda sagrou, onde foi seu braço, e terminar por suas fábricas e seus monturos (RECLUS, 2010 *apud* MACHADO, 2011, p. 52).

Já no século XIX, observara fenômenos como a especulação imobiliária e a valorização de áreas centrais, temas hoje recorrentes na geografia. Além disso, foi o primeiro a propor uma leitura sobre as relações entre cidades, sendo pioneiro no estudo de redes urbanas.

O maior contraponto à geografia tradicional está, no entanto, no rompimento com a dicotomia entre uma geografia física (natural) e outra humana. Para Reclus e Kropotkin, a geografia é uma ciência “una” ou unificada, que tem base na ação do homem, pois o vê

como parte da natureza e não como espécie isolada que luta para controlá-la. Posicionaram-se contra a especialização do geógrafo em um momento em que o Positivismo separava o conhecimento em diversos campos do saber e defendiam uma geografia de caráter fortemente social e humano. Sendo assim, reconheciam que a própria ciência se transformava junto às transformações humanas, não consistindo em uma visão estática como afirmavam os positivistas, mas mutável, capaz de se reinventar diante da ação dos homens.

Assim, de um lado, a geografia anarquista afastava-se do pensamento geográfico, e muitas vezes, o contestava. Ele, posteriormente, se tornou hegemônico. Por outro lado, também, os teóricos progressistas começaram a questionar o método de Reclus e Kropotkin. As críticas se iniciaram devido ao próprio movimento anarquista durante a Primeira Internacional dos Trabalhadores, em função das formas de se alcançar o comunismo. Enquanto o marxismo defendia a ditadura do proletariado, com o fortalecimento do Estado proletário na fase de transição, os anarquistas defendiam a abolição imediata do Estado e sua substituição por formas de governo autogestionadas localmente. Em termos metodológicos, entretanto, a geografia anarquista enfrentava a ortodoxia marxista e a rigidez metodológica imposta pelos intérpretes do materialismo histórico.

Duramente criticado tanto por setores intelectuais progressistas quanto pelo pensamento geográfico hegemônico, o anarquismo será relegado ao esquecimento pela geografia e só será novamente reconhecido pela história do pensamento geográfico em meados do século seguinte, durante a renovação da geografia. É importante mencionar que, em vida, Reclus e Kropotkin foram reconhecidos pelos seus pares geógrafos e ocuparam papel de destaque na geografia. O esquecimento se dá na fase posterior as suas mortes.



Atende ao objetivo 2

Agora que você já tem conhecimentos sobre o método e a proposta da geografia anarquista e, também, da geografia tradicional, aponte as inovações da primeira em relação à segunda, identificando semelhanças e diferenças.

Resposta comentada

É preciso lembrar que a ciência no século XIX é antropocêntrica e mundana, ou seja, busca explicação na realidade concreta e não em explicações religiosas ou míticas dos fenômenos naturais. Nesse sentido, tanto a geografia anarquista quanto a geografia tradicional concordam que a observação da natureza e de seus fenômenos estão na base do pensamento científico. No entanto, discordam com relação ao método: para os anarquistas, o método de investigação deve variar de acordo com o fenômeno observado, enquanto que, para a geografia tradicional, só existe um método verdadeiramente científico que serve para qualquer fenômeno, lugar e tempo.

Educação e geografia: “o que a geografia deve ser?”

A geografia, enquanto disciplina escolar, também será contemplada por Kropotkin. Em um texto já citado, escrito na prisão e publicado na revista *The Nineteenth century*, o geógrafo russo se dedicou ao ensino básico da geografia. Essa contribuição é fundamental para a formação de qualquer indivíduo que pretenda seguir a carreira docente como geógrafo e, ainda que discorde de suas ideias, é fundamental conhecê-las.

Para Kropotkin, o ensino de geografia deve perseguir três objetivos principais. O primeiro deles é despertar nas crianças simpatia pela ciência natural. Para o geógrafo russo, não há outra ciência que possa se tornar tão atrativa para criança quanto a geografia. Por essa razão ela pode se constituir em uma ferramenta poderosa para o seu desenvolvimento ampliado. Ele afirma que a criança, na construção de seu conhecimento, busca a todo o momento a atividade humana, reproduzindo aquilo que experimenta e vivencia com seus pares. Tendo isso como premissa, a geografia não pode se afastar da ação do homem e de sua relação com o meio natural. Não se pode alijar a criança de sua imaginação, tornando a geografia uma ciência fria que aprecia a natureza de maneira rígida. Deve-se, ao contrário, subsidiar a criança com relatos da interação entre o homem e o meio, da superação de obstáculos naturais, de maneira que ela possa desenvolver sua imaginação, contribuindo e orientando para a formação do pensamento científico. Não se trata de abarrotar a criança de histórias e superstições, mas de despertar nela o interesse pelo raciocínio científico sobre a natureza. Isso deve ser feito já na primeira infância, por meio de relatos e descrição de lugares, sempre destacando a relação homem-natureza. Kropotkin cita alguns exemplos, como os relatos de pescadores, caçadores, navegantes ou mesmo a descrição de paisagens de lugares longínquos. Deve-se, enfim, tomar a humanidade como intermediária no desenvolvimento do interesse pelos fenômenos naturais.

O segundo objetivo da Geografia consiste em ensinar que todos somos irmãos, independente da nacionalidade, lição que deve ser ensinada desde a mais tenra infância. O geógrafo, enquanto educador, deve contra-atacar qualquer tipo de influência hostil derivada de qualquer rivalidade nacionalista. A geografia deve ser um meio de anular ódios e estereótipos entre os homens, substituindo esses sentimentos nocivos por outros mais dignos e humanos. Ressaltando as diferenças entre as nações, escondem-se as semelhanças existentes entre as classes trabalhadoras de todas as nacionalidades. Cabe à geografia esclarecer o equívoco de que as diferenças são mais relevantes que as semelhanças entre os povos. O ensino de geografia não pode se furtar à essa tarefa; deve sempre reforçar que todas as nações são valiosas umas para as outras. Fica evidente o caráter militante da geografia de Kropotkin, ao mostrar que, ao contrário da geografia positiva, a geografia anarquista não se omite às questões políticas, assumindo uma importante tarefa social que dá sentido à própria existência do geógrafo enquanto ser social. Kropotkin se referia às disputas entre nações diante do colonialismo e ao ódio pregado no interior de cada país.

Dessa função social militante decorre o terceiro objetivo da geografia. Cabe ao docente dessa ciência a difícil tarefa de combater os preconceitos raciais. Mais uma vez é nítida a referência ao colonialismo europeu e a inculcada missão civilizatória dos povos do norte àqueles tidos como “selvagens” no sul, principalmente na África e na Ásia. A geografia deve mais uma vez fazer contraponto à difusão do ódio não apenas aos povos, mas também aos seus costumes. Kropotkin condena a visão civilizatória europeia e a acusa de civilizar os povos com “whisky, tabaco e sequestros” que em nada civiliza, mas apenas os escraviza, impondo vícios.

Kropotkin não se restringe apenas ao ensino de geografia, mas dá importantes contribuições ao próprio ato de ensinar. Enfatiza que o ensino não pode ser facilitado em demasia, tal qual a tendência identificada por ele no século XIX. O direcionamento excessivo do conhecimento, não possibilitando a experimentação e a construção,

significaria uma restrição ao pensamento da criança, limitando sua originalidade e mesmo sua capacidade de raciocinar de maneira autônoma. Como resultado, podem-se criar mentes desacostumadas a realizar qualquer esforço intelectual, indo na contramão do que seria a tarefa de educar, ou seja, de desenvolver na criança a capacidade de realizar raciocínios cada vez mais complexos. É necessário, portanto, conceder liberdade intelectual à criança e não restringi-la.

Elisée Reclus também tem importantes contribuições sobre educação e compartilhava com Kropotkin a preocupação pedagógica. Acreditava que o ensino da ciência deveria ser dotado de vida, sob o risco de se tornar apenas uma ciência escolar miserável. Afirmava que o livro didático deve ser um instrumento apenas do professor, pois nas mãos dos alunos, em geral, causam mais males do que benefícios, já que podem ensinar “verdades” de forma mal organizada e reproduzir erros na mente do educando, prejudicando o aprendizado.

Além disso, Reclus se preocupava com a privação da livre iniciativa do aluno diante de informações postas como verdades, desestimulando o desenvolvimento intelectual do educando. Ele tinha verdadeiro ódio de livros didáticos, pois considerava que apresentavam a ciência como algo terminado. O livro didático, nesse sentido, seria útil apenas como orientação dos conteúdos a serem dados pelo professor, este sim, capaz de criticar e ampliar os conteúdos do material. O professor deve sempre ampliar e mostrar aos alunos diferentes pontos de vista, a fim de estimular o educando para novas conquistas intelectuais. Mais uma vez é nítido o pensamento libertário em Reclus e Kropotkin, e a ciência geográfica deve fazer parte do movimento de libertação dos indivíduos; libertação dos seus preconceitos e ódios e mesmo liberdade para pensar.

CONCLUSÃO

São inseparáveis a vida e a obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus e Piotr Kropotkin. Suas obras coincidem com suas militâncias políticas e com o desejo de uma nova sociedade. Reconhecidos em vida como geógrafos renomados, seu pensamento foi deixado ao ostracismo durante mais de meio século, devido ao caráter contestador e libertário. Defenderam uma geografia engajada e, mais do que isso, um ensino que fosse político e social, desafiaram a ciência a ocupar seu lugar e função social em meio à dura realidade social. O reconhecimento de suas contribuições é fundamental para a formação intelectual daquele que deseja seguir a carreira de geógrafo, pois expõe uma forma diferenciada de pensar e fazer geografia, desde o método científico, até o ensino para crianças, relacionando geografia à formação dos indivíduos.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

Tendo como base a geografia anarquista, reflita sobre a profissão do geógrafo e seu papel na sociedade. Se possível, utilize exemplos de sua experiência como aluno ou docente.

Resposta comentada

Para os anarquistas, a geografia tem papéis sociais fundamentais, como desenvolver nas crianças o gosto pela ciência e pela natureza, combater a xenofobia e os preconceitos, conscientizando os indivíduos da importância de todos e valorizando a solidariedade ao invés do ódio. O professor tem que estar preparado para ajudar no desenvolvimento autônomo do educando, apresentando diferentes pontos de vista, despertando o interesse do aluno para o raciocínio científico, aguçando a criatividade e o interesse do aluno pelo conhecimento.

RESUMO

Nesta aula buscamos compreender como o anarquismo e a geografia se aproximaram por meio dos geógrafos Elisée Reclus e Piotr Kropotkin. A vida e a obra desses importantes intelectuais coincidem com uma série de movimentos sociais e políticos do século XIX que fazem interface com o próprio desenvolvimento intelectual e militante da época. Ambos apresentaram uma nova proposta de ciência que buscava a libertação do indivíduo, construindo uma geografia libertária, com uma função social bem definida. Por essa razão, não restringiram seus estudos apenas a obras acadêmicas, mas também buscaram refletir sobre a educação.

Aula 11

Os movimentos de renovação da Geografia: a Geografia Humanística e a Geografia da Percepção

*Inês Aguiar de Freitas
Rachel de Almeida Moura*

Meta da aula

Conhecer duas correntes do pensamento geográfico que são um marco na mudança de se fazer Geografia. São as chamadas *Geografia Humanística ou Humanista* e *Geografia da Percepção*.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as contracorrentes ao pensamento positivista como bases para a Geografia Humanística;
2. descrever a escola do pensamento geográfico, chamada Geografia Humanística;
3. caracterizar a Geografia da Percepção.

Pré-requisitos:

Aula 5 – Positivismo

INTRODUÇÃO

Em consequência do desenvolvimento e do pleno estabelecimento da ciência moderna positivista, novas formas de pensar surgiram como contraponto a esse modelo de conhecimento. As ciências, a partir de meados do século passado, voltaram-se para a ideia de que apenas o chamado “pensamento científico” e os rígidos limites que impunham, na forma da “vigilância epistemológica”, não seriam capazes de decodificar um mundo de complexas relações, nem tampouco de explicar a condição humana.

Com base nisso, passa-se a advogar novas concepções científicas. É nesse momento que a subjetividade insurge contra a uniformidade pretendida pelo racionalismo inerente ao modelo positivista, e novas maneiras de se fazer ciência passam a ser propostas. Dessa forma, questionam-se os métodos positivistas e o poder hegemônico da ciência e reintroduz-se a hermenêutica – além de várias outras contracorrentes como, por exemplo, a filosofia da natureza, o romantismo e a fenomenologia.

A partir de 1960, com base na fenomenologia e na hermenêutica, surge a Geografia Humanística que é uma resposta dos geógrafos à nova forma de se fazer ciência, na qual o subjetivo é priorizado em detrimento do objetivismo positivista.

As contracorrentes ao positivismo

A Revolução Científica dos séculos XVI e XVII é a mola propulsora para o desenvolvimento da ciência moderna. Neste período, com Copérnico, Kepler, Galileu, Bacon, Descartes e Newton surge o modo de interpretar o mundo através de um conhecimento exato, objetivo, com método rigoroso que se afirma como modelo universal, substitutivo da religião e capaz de promover o progresso através do domínio da natureza.

Enquanto Francis Bacon foi o principal responsável por introduzir o método empírico na ciência a partir do procedimento indutivo – processo pelo qual se parte de uma observação particular para a generalização –, Galileu Galilei é considerado o primeiro a combinar a experimentação com o uso da linguagem matemática para formular as leis da natureza por ele descobertas; é, portanto, o pai da ciência positivista moderna.

Em oposição às ideias de Bacon, é criado o método analítico, tornando possível chegar ao conhecimento por intuição e dedução – processos que permitem extrair de premissas algumas conclusões. O responsável por esse procedimento foi o matemático **Descartes**, que deu ao pensamento científico sua estrutura geral a partir da concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas.

Contudo, foi Isaac Newton quem completou a Revolução Científica. Este físico realizou uma síntese das obras de seus antecessores ao desenvolver uma completa formulação matemática da concepção mecanicista da natureza.

Descartes

Filósofo, físico e matemático. Viveu entre 1596 e 1650. Durante a Idade Moderna também era conhecido por seu nome latino *Renatus Cartesius*. Obteve grande reconhecimento pelo seu raciocínio matemático. Foi com o pensamento de Descartes que surgiu a geometria analítica e o sistema de coordenadas ou sistema cartesiano, em razão de seu nome latino. Descartes é considerado o fundador da filosofia moderna e o pai da matemática, tendo sido uma figura importante durante a Revolução Científica.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes

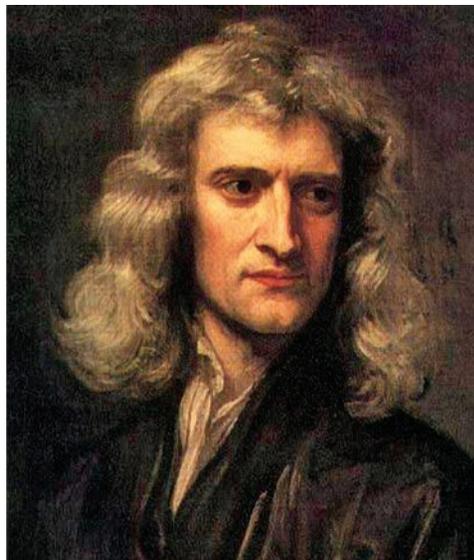


Figura 11.1: Pode-se dizer que Isaac Newton completou a Revolução Científica.

Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:GodfreyKneller-IsaacNewton-1689.jpg>

Com base nisso, a ciência, tal como hoje a conhecemos, concretiza-se, trazendo consigo o advento da modernidade. Configura-se como um saber técnico, racionalizado, na busca pela verdade sobre os fenômenos naturais e sociais. Como forma hegemônica de interpretar o mundo, o positivismo é a base da ciência moderna. Em consequência de seu desenvolvimento, novas teorias surgem como contraponto a esse modelo de conhecimento e serão a base daquilo que poderíamos denominar uma *ciência pós-moderna*.



Pós-modernidade

David Harvey, no livro *Condição pós-moderna* apresenta a passagem da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna através do estudo das mudanças do sistema capitalista, da cultura contemporânea e das alterações do espaço do tempo, devido ao desenvolvimento tecnológico. Essa obra tornou-se referência para os estudiosos das ciências humanas, portanto, procure conhecê-la.

Esse é o caso da teoria evolucionista de Charles Darwin, que aponta para uma nova lógica na natureza, por meio de uma visão sistêmica do mundo, solicitando uma visão integrada das suas relações. Porém, é principalmente com a teoria da relatividade e com a mais recente física quântica que a ideia de uma ciência infalível é fortemente contestada.

Holismo

Do grego *Holos*, que significa todo, inteiro ou completo. Dessa forma, um pensamento holístico é aquele que considera a realidade, segundo a qual nada pode ser explicado pela mera ordenação ou disposição das partes, mas pelas relações que elas mantêm entre si e com o próprio todo.

Werner Heisenberg (1901-1976)

Físico alemão que recebeu em 1932 o prêmio Nobel de Física pela "criação da mecânica quântica". Em 1927, publicou o artigo em que apresentou o princípio da incerteza. Também fez importantes contribuições teóricas nos campos da hidrodinâmica, núcleo atômico, partículas subatômicas, entre outros.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Werner_Heisenberg

Em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, a visão de mundo que está surgindo a partir da física moderna pode caracterizar-se por palavras como orgânica, **holística** e ecológica. [...]. O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente interrelacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico (CAPRA, 1982, p.72).

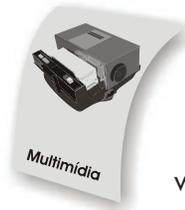
A física (ou mecânica) quântica também é conhecida como a física das possibilidades. Se, por um lado, a física moderna foi a instaladora do paradigma mecanicista na ciência, em que a realidade é determinada matematicamente, por outro lado, a nova física apresenta a realidade como uma possibilidade mental. De acordo com isso, o que acontece dentro de nós altera o exterior, ou seja, a nova física vem propor que é a nossa consciência a criadora da realidade.

Werner Heisenberg trilha esse caminho quando propõe o princípio da incerteza, demonstrando a interferência do sujeito no objeto observado. Ele sustenta a ideia de que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, concluindo que não há possibilidade de conhecer o real senão o que nele introduzimos, ou seja, conhecemos a realidade a partir das nossas experiências, ideias prévias, representações. Isso significa que a ciência aspira a resultados aproximados e não a resultados exatos como pressupõe o positivismo.



Figura 11.2: Heisenberg propõe o princípio da incerteza, demonstrando a interferência do sujeito no objeto observado.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bundesarchiv_Bild183-R57262,_Werner_Heisenberg.jpg

Sob esse prisma, um exemplo de ideia que surgiu para mexer com as estruturas da ciência moderna foi a teoria do caos, a qual defende que, independente da intensidade de uma perturbação em um sistema, poderão ocorrer, de maneira imprevisível, alterações diversas, a ponto de provocarem mudanças qualitativas. Por essa razão, não seria possível privilegiar apenas a lógica mecanicista.

**E se...**

No link <http://www.youtube.com/watch?v=feMxqGiFIGU>, você poderá assistir a um trecho do filme *O curioso caso de Benjamin Button*, que ilustra e exemplifica a teoria do caos. Mas um aviso: a cena contém revelações sobre a trama, portanto, se você ainda não viu o filme e pretende ver, assista-o primeiro para só depois acessar o link destacado aqui.



Fonte: <http://images.cdn.fotopedia.com/flickr-3165601855-hd.jpg>

Com efeito, é a incerteza do conhecimento que se transforma na chave do entendimento. Como consequência disso, o mito da ciência isenta de valores também começa a se dissipar, pois percebe-se que os modelos com que os cientistas observam a natureza estão relacionados aos seus conceitos, pensamentos e valores.

O pensamento científico caminha para a ideia de que apenas as ciências, como se apresentam, não são capazes de decodificar

um mundo de complexas relações. Nesse sentido, temos o surgimento do *paradigma da complexidade*, cujo filósofo **Edgar Morin** é um dos difusores.

Tal paradigma defende a importância de se perceber o mundo de forma integrada, para que, assim, os diversos campos do saber possam se constituir de interrelações. Edgar Morin fala-nos de uma reforma do pensamento que parta do princípio de que os fenômenos mundiais são tecidos juntos (pois é isso que significa a palavra *complexu* – aquilo que é tecido junto).

O paradigma da complexidade mostra-nos uma lógica dos processos frente à realidade do paradigma da lógica da ordem positivista que é criticada por fragmentar o conhecimento. Ele nos abre as portas da lógica da articulação, que seria uma das bases para a chamada ciência pós-moderna a qual busca o conhecimento baseado nas condições de possibilidade, pluralidade de métodos e, sobretudo, na constante defesa de que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Assim, caracteriza-se por uma intensa intersubjetividade nos estudos.

É preciso estudar os fenômenos para além do raciocínio matemático e empírico. Por essa razão, as contracorrentes irão criticar as ciências empírico-analíticas – as ciências baseadas no positivismo lógico e, por isso, no conhecimento formal, normativo, racionalista –, resultando na compreensão do objeto na sua externalidade. Busca-se, então, a explicação da realidade como esta se apresenta, independente da interpretação do indivíduo. Além disso, essas contracorrentes argumentam que as leis não são capazes de explicar a condição humana. As principais contracorrentes que se tornaram referência para a ciência atual ou para a chamada ciência pós-moderna são a hermenêutica e fenomenologia.

Edgar Morin (1921-)

Antropólogo, filósofo e sociólogo francês, considerado um dos principais teóricos da complexidade.

A hermenêutica

Tem sua origem na mitologia grega de Hermes (deus da comunicação, encarregado de trazer as mensagens do Olimpo). Posteriormente, graças à tradição dos rabinos talmúdicos (especialistas em tradução de textos sagrados em uma época que ler era para poucos), o hermeneuta era a pessoa responsável por explicar, em linguagem acessível, a mensagem sagrada dos textos bíblicos.

Hoje, é entendida como a interpretação de textos e a compreensão do ser vivo pensante, mediante a troca de significações entre comunicação e linguagem, sobretudo, pela valorização da subjetividade, pois, para a hermenêutica, o saber acontece no contato entre sujeito e objeto. Portanto, a verdade está no sujeito que conhece o que julga e, por isso, a verdade não pode ser universal, da forma que propõe o positivismo lógico (GOMES, 2000).

A hermenêutica hoje é um método cujo objetivo deve ser compreender os fatos. A constituição de um método hermenêutico iniciou-se com Herder, para quem a compreensão significa também alcançar uma significação, explicar o obscuro, revelar uma essência. Os fatos são expressivos por terem algum sentido, e as ciências sociais seriam as responsáveis por compreender os fatos expressivos.

Além de Herder, Dilthey foi muito importante para trazer essa concepção para a ciência e tinha como objetivo principal demonstrar que as ciências culturais têm bases diferentes das ciências naturais, pois a posição que ocupa o sujeito nas ciências culturais se distingue através da experiência sem restrições. Para entender este estudioso, é necessário ir mais além do que podem oferecer as bases experimentais.

O saber provém do contato entre o sujeito e o objeto, portanto, não há como descartar a subjetividade. Nesse sentido, em relação ao modelo clássico do positivismo, o método hermenêutico é o oposto.

Além de método, a hermenêutica também pode ser ontológica, ou seja, aquilo que é próprio do ser. Segundo **Martin Heidegger**, compreender é uma maneira de ser. Essa visão será resgatada pela fenomenologia.

A fenomenologia

Outra base da Geografia Humanística é a fenomenologia – estudo ou ciência do fenômeno que busca a significação e a revelação da essência do conhecimento através da consciência pura. O fenômeno é aquilo que nos aparece pela percepção, e seu conhecimento depende do entendimento humano.

O termo já havia sido empregado por **Immanuel Kant** e **Friedrich Hegel**, mas foi Husserl quem inaugurou a fenomenologia, fruto da contribuição metodológica de Dilthey. Assim, Husserl realiza uma fenomenologia a partir da intuição pura, capaz de identificar a essência das coisas. Dessa forma, as experiências são o objeto principal da investigação filosófica, sendo a linguagem o reflexo dessas experiências. Por isso, ele ainda defende que não existe um critério absoluto para a ciência, dependendo, portanto, do tema e do contexto do estudo.

Assim, a fenomenologia não separa o sujeito do objeto e parte da premissa de que a mente humana é necessária para se entender o fenômeno. Segundo Gomes (2000, p.114), para a fenomenologia “não há leis ou determinações, a ação só pode ser entendida no contexto fenomenal: sua expressividade é sempre particular e espontânea”. Por essa razão, fica claro que a fenomenologia coloca ênfase na intuição direta, na experiência do indivíduo no mundo, sendo cada fenômeno algo único. É, portanto, uma oposição ao positivismo que se baseia nas formulações de leis para o conhecimento científico.

Husserl não critica totalmente a ciência, mas a sua base. Para ele, é preciso, em primeiro lugar, procurar a essência das

Martin Heidegger (1889-1976)

Considerado um dos pensadores fundamentais do século XX. Inicialmente, quis ser padre e chegou mesmo a estudar Teologia, mas, logo em seguida, estudou Filosofia juntamente com Husserl, o fundador da fenomenologia. Em 1927, Heidegger publicou seu mais importante trabalho intitulado *Ser e Tempo*.

Immanuel Kant (1724-1804)

Filósofo, professor secundário de Geografia e professor universitário na disciplina de Ciências Naturais. Kant é famoso pela elaboração do idealismo transcendental cuja ideia principal é que nós trazemos formas e conceitos que não vêm da experiência para a experiência concreta do mundo.

Friedrich Hegel (1770-1831)

Filósofo alemão considerado um dos criadores do idealismo alemão. Hegel refletiu, de modo integrado, a relação entre mente e natureza, sujeito e objeto do conhecimento, Psicologia, Estado, História, Arte, Religião e Filosofia.

coisas e isso significa refletir sobre aquilo que nos aparece. Segundo Husserl, antes de estabelecer uma lei sobre a queda dos corpos, Galileu precisou primeiro recorrer à essência do corpo: a massa.

É um retorno às coisas nelas mesmas, ou seja, observam-se fenômenos, afastando qualquer pressuposto. Para se chegar à essência das coisas, é preciso ter a consciência. Husserl exemplifica isso por meio da cor vermelha de um objeto. Para termos a consciência da cor vermelha, é preciso comparar o objeto vermelho com outros e com a superfície sobre o qual ele se encontra. A consciência constitui-se por sua relação com o mundo e é intencional, pois visa a alguma coisa ou tem uma intenção em relação a alguma coisa. Por isso, há tantos modos de apreensão de um objeto quantas são as formas de visar a ele. Assim, a fenomenologia valoriza o subjetivismo, pelo fato de que todas as coisas são remetidas ao domínio da consciência humana que varia de acordo com a percepção ou pelas experiências vividas.



Figura 11.3: Para termos a consciência da cor vermelha, é preciso comparar o objeto vermelho com outros e com a superfície sobre o qual ele se encontra.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/pikesley/2769018928>

É claro que, seguindo esse pensamento, o fato cultural possui uma essência diversa do fato natural, pois o primeiro apresenta um caráter comunicacional, isto é, significa algo. A fenomenologia deve, então, ser utilizada pelas ciências humanas ou sociais, nas quais o mundo é constituído por uma troca de significações, por uma interação de mensagens, que definem o ser em sociedade (GOMES, 2000).

As contracorrentes na Geografia

A fenomenologia e a hermenêutica são referências para a Geografia Humanística. Inserida em um pensamento pós-moderno e surgida na década de 1970, trabalha diferentes temas vinculados à cultura e à subjetividade, tendo como palavras-chave para seu entendimento valor, metas, intenções, significados, lugar, espaço vivido, cotidiano etc. Os principais autores da Geografia Humanística são Dardel, Yi-Fu Tuan e Relph (1979).

Percebendo as falhas do positivismo nas ciências sociais desde os finais dos anos 1960, alguns geógrafos interessaram-se por debates teóricos de outras ciências sociais e iniciaram trabalhos com ênfase no homem. Eles renovaram também a concepção de um espaço absoluto de uma geografia como ciência espacial para uma geografia que só pode compreender o espaço pelos objetos e processos que o formam, implicando o estudo do espaço juntamente com a teoria social. Dessa forma, se para a Geografia Humanística existir depende de uma aproximação com as ciências sociais, passam-se a encontrar, em vários trabalhos geográficos, referências à Antropologia, às Ciências Sociais, à Psicologia, entre outros campos científicos.



Atende ao objetivo 1

Por que a fenomenologia e a hermenêutica são consideradas contracorrentes do positivismo na ciência?

Resposta comentada

Com o surgimento de novas ideias científicas, tais como a teoria evolucionista e a física quântica, o campo acadêmico percebeu a necessidade de se estudarem os fenômenos para além do raciocínio matemático e empírico, característicos do positivismo, paradigma da ciência moderna. Daí, surgem as contracorrentes que se tornam a base científica das ciências sociais ou humanas. As contracorrentes criticarão o conhecimento formal, normativo, racionalista. A hermenêutica e fenomenologia são contracorrentes ao positivismo por valorizar o aspecto subjetivo dos estudos e por defender que não há uma verdade única a ser explicada, mas verdades a serem compreendidas.

A Geografia Humanística

Como contracorrente científica, critica a compreensão do objeto na sua externalidade, argumentando que as leis formuladas pela ciência não são capazes de explicar a condição humana. Fundamentada nas concepções hermenêuticas, fenomenológicas e existencialistas, diferencia-se da geografia empírico-analítica, pois, enquanto as ciências pautadas no positivismo buscam explicações, a Geografia Humanística, pautada na hermenêutica, busca a compreensão.

A Geografia Humanística também é chamada de Geografia Humanista porque retoma algumas características do humanismo que existiu durante o Renascimento cultural na Europa. O humanismo propunha uma visão antropocêntrica do saber, era contra o racionalismo e por isso defendia um estudo holístico do homem.



Humanismo

O humanismo foi um movimento de ruptura com a tradição da Idade Média. Foi uma tendência geral, fundada sobre uma mudança de atitude e de concepção que resultou em diversas ações diferentes na Europa.

Os princípios humanistas do período renascentista foram retomados, em parte, pela ciência moderna e, conseqüentemente, pelo “novo” racionalismo que nasceu da produção de conhecimentos pelos filósofos do século XVIII, o século do iluminismo. Dentre as agitações deste período, sobretudo nos contextos político, econômico e religioso, verificaram-se o repúdio à metafísica, embasada em fins teológicos e a valorização da natureza humana e da responsabilidade da razão. Esta não pode ser entendida como único valor do ser humano e assim, por consequência, é preciso compreender o papel do homem na investigação lógica dos fenômenos do mundo, principalmente os relacionados à natureza (GOMES, 2000). O homem da época do Renascimento transformou-se de um observador passivo da natureza em um ser ativo, modificando e recriando o universo. Assim, os humanistas opunham-se aos cientistas e colocavam o homem no centro de suas preocupações, considerando-o em toda a sua complexidade cultural e antropológica.

Algumas características do humanismo aparecerão na Geografia Humanística da seguinte maneira:

- *confronto com o racionalismo*: apresenta-se pelo fato de que a Geografia Humanística baseia-se em contracorrentes do pensamento científico positivismo moderno.
- *visão antropocêntrica do saber e, por extensão, subjetividade do saber*: o espaço geográfico não é estabelecido pela objetividade racionalista; o espaço é sempre um lugar, carregado de significados dos grupos humanos que ali vivem. Por essa razão, o conceito de espaço é deixado de lado, e o conceito de lugar como o espaço vivido aparece fortemente nos trabalhos dessa corrente da Geografia. O espaço possui ainda uma dimensão simbólica.
- *visão holística*: a ação humana não pode jamais estar separada de seu contexto, seja ele social ou físico, nem tão pouco basta o conhecimento científico para compreender o fenômeno estudo. Por isso, a Geografia Humanística busca referências variadas e, assim, dialoga com as demais ciências sociais.
- *o homem é produtor de cultura*: o homem atribui valores às coisas que o cercam. A cultura só pode ser interpretada a partir do código dos grupos que a criaram, por isso não pode haver generalização (algo tão comum na ciência tradicional) nos estudos dessa corrente da Geografia.

Além dessas características, advindas do humanismo renascentista, a Geografia Humanística conta ainda com influências das contracorrentes ao pensamento positivista, como o existencialismo, a fenomenologia e a hermenêutica.

- *existencialismo*: ligado à fenomenologia de Husserl, o existencialismo é abordado por autores como Sartre, Merleau-Ponty e Enrinkin. Trata-se de um regresso ao mundo concreto do ser como fonte da consciência e conseqüentemente uma posição contrária ao idealismo. Dessa forma, o existencialismo contribuiu para a Geografia com o conceito de espaço existencial, integrando as questões sobre espaço e lugar, e com trabalhos de

influências marxistas que se preocuparam em analisar os seres humanos em seu contexto subjetivo.



Figura 11.3: Jean-Paul Sartre, um dos precursores do existencialismo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-Paul_Sartre_FP.JPG



Para saber mais sobre o existencialismo, acesse o site <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalable/numero1/ilda9.pdf>.

Lá você encontrará um artigo de Ilda Helena Marques, intitulado “Sartre e o existencialismo”, e conhecerá melhor como os escritos de Sartre foram decisivos para o crescimento das ideias filosóficas do existencialismo na Europa. Lerá, sobretudo, sobre as consequências da concepção desse escritor – a existência precede a essência.

- *método hermenêutico*: somente um procedimento que leva em conta os contextos próprios e específicos de cada fenômeno pode ser considerado como eficiente. Esse método é a hermenêutica, isto é, a arte da interpretação.

Produções da Geografia Humanística

Já no início da década de 60, na busca de uma renovação da Geografia Cultural a partir das discussões de John K. Wright, David Lowenthal lança trabalhos nos quais discute o fato de que a Geografia deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático.

O livro *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, de Eric Dardel, é considerado a obra fundadora de uma Geografia Fenomenológica. Foi publicado originalmente em 1952, permanecendo por muito tempo desconhecido pelo coletivo dos geógrafos. Somente com o advento da Geografia Humanística, a partir de finais de 1960, a obra foi resgatada.

Nela, o autor realiza uma reflexão focada na existência, com claras influências de filósofos, como Heidegger e **Gaston Bachelard**. Para Dardel, a Geografia é o meio pelo qual o homem realiza sua existência, na medida em que a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino, revelada como é pelo olhar humano sobre os signos, seus sentidos e seus valores”.

Dardel não dedica um capítulo ou item específico para discutir a questão do lugar, porém esse conceito permeia o texto como fundamento para a construção de todas as relações temporais e espaciais do “ser-no-mundo” – expressão que significa que o homem só se compreende como tal mediante sua relação com o mundo. Esse será o conceito mais utilizado pela Geografia Humanística.

Dardel propõe que os lugares são essenciais na construção de outros conceitos espaciais, como o de paisagem que seria um

Gaston Bachelard (1884-1962)

Filósofo e poeta francês. Seu pensamento destacou-se nas reflexões sobre a filosófica da ciência, campo que estuda os fundamentos, pressupostos e implicações filosóficas da ciência.

conceito de síntese, pois surge a partir da justaposição dos aspectos físicos com os humanos. É uma convergência do mundo vivido, construída pela intencionalidade humana.

Para Dardel, o espaço e o tempo estão indissolivelmente ligados. Essa indissolubilidade manifesta-se na Terra a partir das ligações existenciais humanas e pode ser chamada de geograficidade, definida como “a Terra como lugar, base e meio de sua realização”. A Geografia, então, refere-se a habitar, a construir, a cultivar e a circular, onde “a Terra é experimentada como base”.

Foi Relph o primeiro a apontar a fenomenologia como aporte teórico-conceitual alternativo para os geógrafos interessados em estudar a percepção. A tese de Relph, intitulada *The Phenomenon of Place*, seria editada na forma de livro em 1976. O autor diferenciou espaço de lugar, a partir da experiência humana. Em seu texto, percebe-se a influência da obra de Dardel, inclusive ao falar de geograficidade como a experiência espacial dos homens. Os espaços, todos adjetivados, uma vez apropriados, nomeados, tornam-se lugares.

Relph observa que, na vida cotidiana, os lugares são experimentados como paisagem, como rotina, a partir das experiências pessoais com outras pessoas e com os artefatos que nos rodeiam.

É nessa perspectiva que o mundo-vivido surge como um conceito-chave definido pela apresentação de um todo composto “[...] de ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias [...]” (RELPH, 1976).

Logo depois da publicação de Relph, o autor Yi-tuan conseguiu realizar com propriedade a junção entre geografia e fenomenologia ao trabalhar conceitos como topofilia, “elo efetivo entre a pessoa e o lugar”, em seu livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980, p. 5). Além disso, ele analisa os traços comuns em percepção: os sentidos e a capacidade humana de desenvolver um comportamento simbólico, construindo mundos mentais, para se relacionarem entre si e com a realidade externa.

No livro *Espaço e Lugar* (1983), desenvolve o conceito de lugar amplamente utilizado na Geografia Humanística. Tuan (1983) define o lugar como o lar em diversas escalas, construído no dia a dia. É, na verdade, o espaço que se transformou em lugar à medida que adquiriu definição e significado, resultante das experiências vividas. Dessa forma, Tuan (1983), ao estudar a ligação emocional aos espaços, relaciona a subjetividade de indivíduos e de grupos, propondo uma identidade nas diversas escalas espaciais, pois desde sua casa até a pátria há diversos lugares.

Além do conceito de lugar, o de paisagem é também muito utilizado pela Geografia Humanística, sobretudo nos estudos referentes à paisagem como memória de um lugar. Assim, Tuan (1983), ao estudar o mundo percebido pelo indivíduo, analisa como essa percepção perpassa pelos sentidos humanos (visão, olfato, tato, audição e paladar), bem como pelas fases de desenvolvimento biológico (bebê, criança, adolescente, jovem, adulto e idoso). Assim, a paisagem precisa ser percebida para torna-se como tal. Aquilo que a visão abarca está carregado de subjetividade. Em outras palavras, a paisagem evoca relações com o sujeito e está repleta de intencionalidade.

Para Tuan (1983, p.179), “[...] quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos detêm-se em pontos de interesse. Cada parada é tempo suficiente para criar uma imagem de lugar [...]”. Nesse sentido, a paisagem contribui para a história de um indivíduo e para seu reconhecimento em um espaço ou em um grupo. Assim, aquela imagem da infância, a paisagem vista da janela do quarto, o lugar onde se brincava ou a árvore do quintal também são paisagens que derivam do olhar/experiência das pessoas em seu espaço do cotidiano e isso pode ser objeto de estudo do geógrafo humanístico.

A Geografia Humanística considera ainda que o espaço está repleto de símbolos, criados pelo sistema cultural de cada grupo humano. Na obra de Tuan (1983), são feitas considerações sobre o símbolo. Para esse geógrafo humanístico, o símbolo é a parte expressiva do todo, é um repositório de significados, de onde emergem as experiências mais profundas que se acumulam ao longo do tempo.

Diferentes tipos de símbolos, como uma estrutura funcional ou não utilitária, tais como símbolos rejeitados, símbolos impostos, de *status*, remissivos, entre outros, estão presentes na paisagem citadina e podem ser interpretados pela geografia na busca pelo entendimento da dinâmica socioespacial da cidade e no estudo da Geografia Histórica sobre a memória da cidade, que, como uma narrativa do desenvolvimento social, leva-nos até o presente através do passado. Isso, por sua vez, mostra-se importante, como na afirmação de Tuan (1980) quando diz que a consciência do passado é um elemento importante no amor ao lugar.

Tratando tanto de símbolos materiais como de não materiais (música, literatura, comida típica etc.), pode-se chegar ao sentido do lugar através da identidade de um povo. Por essa razão, os estudos da Geografia Humanística são os mais variados possíveis. Toda produção cultural é objeto de estudo geográfico.

Na França, temos Frémont (1980) como um dos principais autores dessa vertente na Geografia. O autor estudou o espaço vivido que é por ele definido como a “dimensão da experiência humana dos lugares”. Assim, associou às bases da Geografia Francesa Tradicional, a Psicologia Genética de Piaget e a Psicanálise.



Acesse o *site* do Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro, da UERJ: <http://neghario.wordpress.com/publicacoes/geografia-humanistica/>.

Nele há vários artigos geográficos em pdf com enfoque humanístico, inclusive uma lista de toda a produção acadêmica das últimas décadas dessa escola geográfica.

A Geografia da Percepção

É comum confundirmos a Geografia Humanística com a Geografia da Percepção. Embora a percepção do espaço também seja uma abordagem da Geografia Humanística, estamos falando de duas maneiras diferentes de se fazer geografia, pois, como vimos, a Humanística tem suas bases no movimento de renovação da ciência, através das contracorrentes ao pensamento positivista.

Já a Geografia da Percepção, também chamada de Geografia do Comportamento, pertence à escola do pensamento geográfico, chamada de Geografia Pragmática ou Geografia Quantitativa (que você conhecerá na próxima aula). Como o próprio nome dessa escola indica, a Geografia Quantitativa tem suas bases no positivismo.

Dessa forma, a Geografia da Percepção, ao buscar entender como os homens percebem o espaço por ele vivenciado, insere nos estudos uma valorização subjetiva do espaço, porém essa valorização apoia-se na Psicologia, especialmente nas teorias **behavioristas**.

A Geografia da Percepção ou do Comportamento originou-se de antigos trabalhos comportamentistas, como os conceitos de Tolman sobre “mapas cognitivos”. Os geógrafos focam-se nos processos cognitivos da percepção espacial, na tomada de decisões e no comportamento, ou ainda observam o papel dos processos de aprendizado básicos e o modo como eles influenciam os padrões da paisagem ou mesmo a identidade de grupo dos indivíduos.

Os processos cognitivos incluem a percepção do meio, a localização, a construção de mapas cognitivos, a identificação de lugares, o desenvolvimento de sentimentos sobre espaço e local, as decisões, o comportamento do homem na cidade, a relação da sociedade com a natureza etc.

Behaviorismo

Vem do termo inglês *behavior* e significa conduta, comportamento. A teoria behaviorista teve início em 1913, com um manifesto criado por John B. Watson – *A Psicologia como um comportamentista a vê*. Sob a influência do positivismo, Watson rejeita a consciência e o subjetivismo, e considera que a matéria de interesse da Psicologia é o comportamento humano, defendendo, conseqüentemente, a pesquisa experimental. Os comportamentos são explicados em termos de estímulos e respostas. O estímulo é definido por ele como “qualquer objeto no ambiente geral ou qualquer mudanças no organismo devido a condições fisiológicas”, como a fome, por exemplo. A resposta é “qualquer coisa que o indivíduo faz”.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Behaviorismo>

Embora o aspecto subjetivo esteja presente nessa corrente, por fazer parte da Geografia Quantitativa, o objetivo dos estudos da Geografia da Percepção é também utilitário, sobretudo porque informa para ações de planejamento urbano. A percepção do espaço serve para a elaboração de diagnósticos e para o uso de modelos nos quais se inclui ou de onde retira determinadas variáveis. Assim, por exemplo, estudos geográficos sobre a percepção ambiental da população de um determinado lugar são feitos a partir de questionários e da análise quantitativa das respostas.



Figura 11.4: O objetivo dos estudos da Geografia da Percepção é também utilitário, sobretudo porque informa para ações de planejamento urbano.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d4/New_York_City_at_night_HDR_edit1.jpg

A própria teoria behaviorista estuda eventos psicológicos a partir de evidências comportamentais e apresenta-se como uma psicologia objetiva em oposição ao subjetivismo. Portanto, ao ser a base da Geografia da Percepção, fica claro que esta nada tem a ver com a Geografia Humanística.



Atende ao objetivo 3

Caracterize a Geografia da Percepção ou do Comportamento.

Resposta comentada

A Geografia da Percepção é o estudo de como os homens percebem o espaço. Possui uma dimensão subjetiva, porém a abordagem metodológica é o positivismo com fortes influências das teorias comportamentalistas da psicologia. Os geógrafos focam-se nos processos cognitivos da percepção espacial, na tomada de decisões e no comportamento, ou ainda observam o papel dos processos de aprendizado básicos e a forma como eles influenciam os padrões da paisagem ou mesmo a identidade de grupo dos indivíduos.

CONCLUSÃO

A Geografia Humanística de hoje continua com o compromisso com a Filosofia, deixando a metodologia (como exigida pelo positivismo) em segundo plano. É ainda notoriamente muito mais apropriada aos geógrafos humanos do que aos geógrafos físicos, os quais necessitam do positivismo, que põe ênfase nos aspectos técnicos e metodológicos.

Todavia, duas grandes críticas são feitas às ciências sociais que se fundamentam nas contracorrentes fenomenologia e hermenêutica. A primeira refere-se ao certo relativismo científico, já que o subjetivismo é elemento central nos estudos.

A segunda crítica aponta para a ausência de conexão entre conhecimento e ação, estando apenas no campo teórico. Os estudos pautados na fenomenologia e na hermenêutica não oferecem base para atuação na sociedade.

Além da nova Geografia Cultural, é também considerada contracorrente ao neopositivismo científico a Geografia Humanística que aborda as filosofias do significado, como vimos, a hermenêutica e a fenomenologia, transformando-as em base para os estudos qualitativos de uma geografia dos homens que faltava na nossa ciência.

Em suma, hoje, os geógrafos humanistas têm orientado suas investigações, abordando pontos de vista muitos diferentes. Alguns concentram seus estudos a partir da base histórico-hermenêutica da ciência da compreensão e interpretação, tratando de examinar o significado humano da paisagem. Desenvolvem estudos sobre o simbolismo das paisagens, geosímbolos como elementos de representação de uma identidade ou de práticas socioespaciais, entre outros. Utilizam-se ainda dos meios culturais para compreender tais práticas, como a literatura, o cinema, a pintura, a música etc.



Figura 11.5: Os geógrafos humanistas buscam também na arte a compreensão de elementos de representação de uma identidade ou de práticas socioespaciais. Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Creaci%C3%B3n_de_Ad%C3%A1n_\(Miguel_%C3%81ngel\).jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Creaci%C3%B3n_de_Ad%C3%A1n_(Miguel_%C3%81ngel).jpg)

Por meio da Geografia Humanística, pode-se fazer uma geografia dos homens, pois, se cada ser humano constrói o seu próprio mundo que também é compartilhado e reforçado pela ação dos grupos sociais, a Geografia pode tentar interpretar ou traduzir o fenômeno da relação do homem com o seu espaço vivido, considerando-o ora como um deslugar, ora como um lugar concebido ou mítico, e até mesmo eternizado na memória. Nessa relação, é possível se identificarem símbolos, etnocentrismo, entre tantos outros conceitos cunhados por geógrafos humanísticos em suas contribuições para um discurso sobre a imagem e ordem do mundo.

Atividade final

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Considerando o que você aprendeu sobre fenomenologia e hermenêutica, justifique a afirmativa:

a) “O pensamento humanista é uma ponte entre a modernidade e a pós-modernidade na geografia” (HOLZER, 1993).

b) "A Geografia da Percepção ou do Comportamento é uma via de objetivação da Geografia Pragmática".

Resposta comentada

a) A modernidade é caracterizada pela ciência positivista, defensora do conhecimento empírico e da ciência como verdade absoluta. Na pós-modernidade percebemos a relativização do conceito de verdade e a emergência da pluralidade de saberes necessários para se alcançar um conhecimento complexo, pois os fenômenos estão interligados.

O pensamento humanista é aquele que valoriza o homem e coloca-o no centro das preocupações científicas. Nesse sentido, através do humanismo, é possível fazer com que a ciência saia do radicalismo racionalista e caminhe para um estudo pós-moderno, flexível e plural. No caso da Geografia, o humanismo será a fonte para o desenvolvimento da Geografia Humanística que dialoga com os diversos campos do saber e está preocupada com a compreensão dos fenômenos de forma holística. O humanismo, ao valorizar o homem, leva para a Geografia a subjetividade que pertence ao campo da ciência pós-moderna.

b) A Geografia da Percepção ou do Comportamento, ao buscar entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, faz uso do instrumental desenvolvido pelas teorias behavioristas de fundamentação positivista. Por essa razão, apresenta-se como uma das formas de se fazer geografia pela chamada Geografia Pragmática.



RESUMO

A ciência moderna configura-se como um saber técnico, positivista, racionalizado na busca pela verdade sobre os fenômenos naturais e sociais. Contudo, novas teorias científicas, como a teoria evolucionista, a física quântica e a teoria da complexidade surgem como contraponto a esse modelo de conhecimento, e retomam-se antigas ideias filosóficas para fórmulas contracorrentes ao pensamento positivista.

Assim, cientistas passam a considerar que é preciso estudar os fenômenos para além do raciocínio matemático e empírico. As contracorrentes argumentam que as leis científicas tão almejadas pelo positivismo não são capazes de explicar a condição humana. As principais contracorrentes que se tornaram referência para a ciência atual são a hermenêutica e a fenomenologia.

A hermenêutica é entendida como a interpretação de textos e a compreensão do ser vivo pensante, tornando-se para as ciências sociais ou humanas um método cujo objetivo deve ser compreender os fatos. Já a fenomenologia é o estudo do fenômeno a partir da significação e a revelação da essência do conhecimento através da consciência pura. Ela também valoriza o subjetivismo pelo fato de que todas as coisas são remetidas ao domínio da consciência humana que varia de acordo com a percepção ou pelas experiências vividas.

A fenomenologia e a hermenêutica são referências para a Geografia Humanística, surgida na década de 1970. Os principais autores da Geografia Humanística são Dardel, autor do livro *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* de fundamento fenomeológico, Relph (1979), que também utilizou o aporte teórico da fenomenologia, diferenciando os conceitos de espaço e lugar, e Yi-Fu Tuan, que se tornou referência com as obras *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) e *Espaço e Lugar* (1983).

A Geografia Humanística também é chamada de Geografia Humanista porque retoma algumas características do humanismo que existiu durante o Renascimento cultural na Europa. Algumas características do humanismo irão aparecer na Geografia Humanística, entre elas o confronto com o racionalismo, a visão antropocêntrica do saber e, por extensão, a subjetividade do saber, a visão holística e o homem como produtor de cultura.

Por fim, vimos que a Geografia da Percepção corresponde a outro ramo de produção geográfica que é comumente confundido como parte da Geografia Humanística por abordar aspectos subjetivos em seus estudos. Contudo, a Geografia da Percepção ou Geografia do Comportamento pertence à escola do pensamento geográfico chamada Geografia Pragmática e tem suas bases no positivismo, especialmente nas teorias behavioristas, advindas da Psicologia.

Informações para a próxima aula

Você estudará a Geografia Quantitativa. Prepare-se para conhecer uma geografia neopositivista.

Aula 12

Os movimentos de renovação da Geografia – a Geografia Quantitativa

*Nilton Abranches Junior
Jonathan Felix Ribeiro Lopes*

Meta da aula

Evidenciar a relação entre a Geografia Teorético-Quantitativa e o movimento de renovação da Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as matrizes da Geografia Quantitativa;
2. avaliar a importância da Geografia Quantitativa para a história do pensamento geográfico.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, estudaremos a primeira escola do movimento de renovação da Geografia, não aleatoriamente conhecida por Nova Geografia. O contexto para essa renovação é o fim da Segunda Guerra Mundial, que traz uma série de modificações políticas, sociais, científicas e espaciais, acompanhadas pelo desenvolvimento tecnológico.

Apresentaremos aqui algumas dessas mudanças. A respeito do modo de produção, devemos destacar a substituição do capitalismo concorrencial pelo monopolista, alterando de forma significativa as relações presentes nesse processo. Acompanha essa transformação o controle da economia pelo Estado, num esforço pela recuperação da crise do pós-guerra, reavendo, assim, os espaços destruídos que demandam maior planejamento regional. O enorme êxodo rural também impõe grandes desafios para o planejamento diante de uma realidade marcada, de um lado, pela modernização do campo e, de outro, pela intensificação da industrialização.



Figura 12.1: As mudanças políticas, sociais, científicas e espaciais, acompanhadas pelo desenvolvimento tecnológico, pavimentam o caminho para a renovação da Geografia após a Segunda Guerra Mundial.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Infobox_collage_for_WWII.PNG

No plano da geopolítica, são assistidos grandes esforços pela garantia de áreas de influência diante as disputas entre Estados Unidos e a União Soviética em um período em que se reorganizam os espaços mundiais e intensificam-se os fluxos de informação, mercadorias e pessoas. É em meio à essa bipolaridade entre essas duas potências mundiais que se desenvolve a necessidade de expansão do sistema capitalista. A reorganização dos espaços tornava-se um ambiente profícuo para o desenvolvimento da geografia, mas era necessária uma renovação diante de tantas mudanças.



Figura 12.2: A reorganização dos espaços mundiais durante a Guerra Fria acaba por promover o desenvolvimento da Geografia.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Reagan_and_Gorbachev_signing.jpg

A Nova Geografia Teorético-Quantitativa

Diante de mudanças significativas na sociedade e no espaço, os estudos monográficos, o determinismo ambiental, o possibilismo e o método regional que caracterizam a Geografia tradicional, não eram mais capazes de apresentar respostas à complexa rede de relações espaciais que se desenvolviam em meio às mudanças do pós 2ª Guerra Mundial.

A resposta a esse movimento será dada pela adoção dos preceitos da ciência neopositivista, capaz de estabelecer leis geográficas que tornem possível reconhecer e prever situações, contribuindo para o planejamento. Abandonavam-se, assim, os preceitos da Geografia tradicional que tinham por base a descrição dos lugares, com foco na paisagem, e o prestígio do geógrafo como forma principal de validação dos conhecimentos. Reinvidicando a autoridade do conhecimento, os neopositivistas substituem o prestígio dos geógrafos pelos procedimentos metodológicos.

Essa mudança de paradigma recebeu o termo “Nova Geografia”, proposta Manley, em “A New Geography”, lançado no The Guardian em 17 de março de 1966. que, de acordo com Christofolletti (1982, p. 71), considerou “[...] o conjunto de ideias e de abordagens que começaram a difundir-se e a ganhar desenvolvimento durante a década de cinquenta.” Por fim, o termo apenas foi fixado em 1968 por Peter Gold (CHRISTOFOLETTI, 1982), acompanhando as mudanças no pensamento filosófico que se desenvolvem no âmbito do “Círculo de Viena”. Na Geografia, foi também reconhecida como revolução teórica e quantitativa.



Círculo de Viena

O Círculo de Viena surgiu nas duas primeiras décadas do século XX, sendo responsável pela criação de uma corrente de pensamento intitulada positivismo lógico. Esse movimento surgiu na Áustria, como reação à filosofia idealista e especulativa que prevalecia nas universidades alemãs. A partir da primeira década do século, um grupo de filósofos austríacos iniciou um movimento de investigação que tentava buscar nas ciências a base de fundamentação de conhecimentos verdadeiros. Participavam assiduamente das reuniões do Círculo: Rudolf Carnap, Otto Neurath, Philipp Frank, Friedrich Waismann, Hans Hann, Gustav Bergmann, Karl Menger, Herbert Feigl, Viktor Kraft, Ludwig von Bertalanffy. Participaram ocasionalmente: Hans Reichenbach, Kurt Gödel, Carl Hempel, Alfred Tarski, W. V. Quine, A. J. Ayer, Arne Naess. As principais influências recebidas pelos filósofos do Círculo de Viena são o pensamento do positivista Ernst Mach (1838-1916), a lógica de Russell, Whitehead, Peano e Frege, bem como os novos paradigmas da Física contemporânea, especialmente as descobertas de Einstein. Determinante foi, ainda, a filosofia de Wittgenstein. A leitura de seu *Tractatus Logico-Philosophicus* permitiu ao grupo levar a compreensão da nova lógica ao máximo alcance filosófico, possibilitando, assim, incorporá-la a uma interpretação empírica dos fundamentos do conhecimento.

É, portanto, um movimento de geógrafos que buscam adequar a Geografia às demais ciências, com destaque para as Ciências da Natureza e, principalmente, para a Matemática, já que a quantificação passa a ser a principal referência científica. Vejamos o que nos explica Paulo Cesar da Costa Gomes (2005):

Para filosofia analítica [sinônimo de positivismo lógico], somente a linguagem matemática pode ser legítima como instrumento de conhecimento, pois só ela sabe restringir sua importância aos limites impostos pela lógica. Esta linguagem é a garantia de uma relação lógica com a realidade e define o campo possível de conhecimento [...]. A consequência imediata desta corrente foi a valorização das ciências matemáticas como o novo paradigma metodológico. As outras disciplinas deveriam buscar, no modelo da matemática, sua coerência, rigor e objetividade. A outra consequência importante é a universalização dos procedimentos para a ciência e a unificação do método, que se referem sempre aos princípios lógicos, os quais são o fundamento da Matemática.

Seguindo as orientações do positivismo lógico, a Geografia troca o empirismo de observação direta, ou seja, de observação da paisagem, pelo empirismo abstrato, isto é, da realidade observada por meio de dados quantitativos e tratamentos estatísticos. Substituíam-se o trabalho de campo por programas de computador, os mais sofisticados possíveis. Assim como os programas, a linguagem e as técnicas de análise em Geografia também se tornam mais sofisticadas, adotando-se o raciocínio dedutivo, ou seja, aquele que conclui algo particular a partir de uma premissa geral, como forma de emitir enunciados.

Quadro 12.1: Comparação entre a Geografia tradicional e a Nova Geografia

	Geografia tradicional	Nova Geografia
1	Ênfase na Geografia regional	Ênfase na Geografia Sistemática ou Geografia Tópica, com foco na distribuição dos fenômenos na superfície da Terra. Analisava cada categoria de fenômenos de maneira autônoma.
2	Estudos monográficos, ou seja, ensaios que buscavam descrever e analisar com profundidade as características de uma determinada região.	Análise regional: observa a região com um objetivo delimitado.
3	Preocupação com a gênese/origem	Interação
4	Interpretação histórica	Interpretação funcional, preocupada com as consequências de um fato geográfico no presente.
5	Qualitativo/subjetivo/descritivo	Quantitativo/objetivo/formal
6	Singular/peculiar	Geral/teórica
7	Entende o presente.	Prospectiva

Fonte: Adaptado de Evangelista (2007).

Os geógrafos lançavam-se, assim, em uma dupla tarefa. Por um lado, respondiam aos anseios de expansão do capitalismo, adequando os estudos às necessidades de planejamento e intervenção do Estado; por outro lado, buscavam uma ciência geográfica nos moldes metodológicos das ciências de maior prestígio, ou seja, das ciências naturais. Com esse objetivo, acabaram por modificar o próprio sentido da Geografia. É importante, todavia, mencionar que não há consenso quanto à mudança de paradigma, mas, certamente, houve transformações importantes. É um movimento que, sem sombra de dúvida, busca adequar a disciplina ao discurso da modernidade, ou seja, do novo em oposição ao velho e, assim sendo, tem forte apelo entre os adeptos e, também, forte resistência dos geógrafos mais tradicionais.

É importante mencionar que diversas outras ciências sociais buscarão um estatuto científico, adotando uma postura metodológica com base nos pressupostos neopositivistas. Podemos verificar,

portanto, que, a partir da década de 1950, as ciências caminham para uma visão epistemológica unitária que consagrava o raciocínio hipotético-dedutivo como aquele mais pertinente, opondo o método quantitativo ao qualitativo. “O quantitativo corresponde a um relacionamento ordenado, já no qualitativo, o relacionamento é coordenado.” (EVANGELISTA, 2007). Isso legitima o primeiro em detrimento do segundo.

Essa leitura com base nos métodos quantitativos foi rapidamente incorporada à Geografia Física, e os processos geomorfológicos passaram a ser descritos e analisados através de “índices morfométricos”, isto é, índices criados com base em indicadores como variação de amplitude, área, número de rios, capacidade de drenagem etc. (CAMARGO; REIS JUNIOR, 2004, p. 359). A dificuldade de incorporar diretamente tais preceitos ficou por conta da Geografia Humana e Econômica diante da incapacidade de prever as ações humanas. No entanto, no intuito de descrever de modo abstrato a realidade de uma área, estabeleceram-se relações estatísticas entre elementos escolhidos pelo pesquisador. Antonio Carlos Robert de Moraes (2003) apresenta o seguinte exemplo:

Para eles [geógrafos quantitativos], os avanços da estatística e da computação propiciaram uma explicação geográfica. Por exemplo, ao se estudar uma determinada região, a análise deveria começar pela contagem dos elementos presentes (número de estabelecimentos agrícolas, total de população, extensão, número e tamanho das vilas e cidades etc.); este procedimento forneceria tabelas numéricas de cada dado, as quais seriam trabalhadas estatisticamente pelo computador (médias, variâncias, desvio-padrão, medianas etc.) e relacionadas (correlação simples e múltipla, regressão linear, covariação, análise de agrupamento etc.); ao final, surgiriam resultados numéricos, cuja interpretação daria a explicação da região estudada. Poder-se-iam formular juízos do seguinte tipo: a estrutura fundiária é explicável pela topografia, em relação ao tipo de produto, na razão de 70%; o tamanho

das cidades relaciona-se com o sistema viário em 0,6 numa escala de 0 a 1; variando a produtividade agrícola, variará o volume de estradas asfaltadas, na proporção de 7.0 numa escala de 1 a 10; e assim por diante.

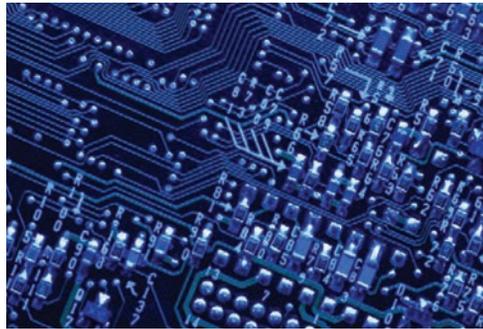


Figura 12.3: Os avanços da estatística e da computação propiciaram uma explicação geográfica quantitativa.

Fonte: <http://www.finep.gov.br/imprensa/imagens/chips.jpg>



Dentre as obras mais importantes para o debate da Nova Geografia, podemos citar:

- 1) *Theoretical Geography*, de William Bunge, publicada em 1962 e reeditada e ampliada em 1966;
- 2) *Locational Analysis in Human Geography*, de Peter Haggett, escrita em 1965;
- 3) *Frontiers in Geographical Teaching*, sob coordenação de Richard J. Chorley e Peter Haggett, publicada em 1965;
- 4) *Exceptionalism in Geography: a methodological examination*, de Fred Schaefer, escrito em 1953;
- 5) *Explanation in Geography*, de David Harvey, escrito em 1969.

Se a todo o momento temos afirmado que a ciência, aos fins da segunda Guerra Mundial, caminha para uma unidade metodológica, você deve estar se perguntando: se não é o método que diferencia as ciências, qual será, então, o elemento de diferenciação?

Tal pergunta é extremamente importante: a Geografia tinha como intenção estabelecer-se como ciência e, para isso, incorpora os métodos neopositivistas de modo que existem métodos científicos (cientificismo) para a pesquisa geográfica, mas não mais métodos geográficos de pesquisas, como no passado. Então, como poderia a Geografia continuar a ser um campo de conhecimento distinto dos outros?

É preciso compreender que essa concepção de ciência parte da premissa de que existem uma ordem e uma estrutura na sociedade que podem ser apropriadas a cada ramo específico do conhecimento. À Geografia caberia explicar as organizações do espaço, com base na observação dos dados empíricos, na construção de hipótese e na verificação de seus enunciados, isolando valores e mantendo, assim, a objetividade do conhecimento. A Geografia deve ainda ser preditiva com relação às formas de organização social, garantindo sua capacidade real de intervenção no espaço e estabelecendo o nexo entre passado, presente e futuro, ainda que incapaz de explicar os processos.

Para isso, tornava-se fundamental desenvolver teorias que pudessem explicar a distribuição e o arranjo espacial dos fenômenos sociais e naturais. No entanto, é preciso lembrar que a Geografia, até então, era marcada por estudos monográficos que não conduziam à formulação de leis e teorias explicativas para os fenômenos, apenas descrevia-os de maneira isolada, sem estabelecer relações entre os espaços. Com isso, os geógrafos passaram a usar e a trabalhar com as teorias disponíveis em outras ciências, como as teorias econômicas, buscando identificar a distribuição, a localização e a hierarquia dos fenômenos. Nesse sentido, não podemos afirmar que houve de imediato a formulação de teorias explicativas em Geografia. Houve sim, um aperfeiçoamento de leis transversais ao conhecimento geográfico, estabelecendo sobre elas o objeto geográfico, ou seja, a organização espacial.

A teoria torna-se fundamental, pois ela atua como o lastro de todo o trabalho que, junto ao conhecimento empírico, é responsável pela formulação de hipóteses. Assim, a teoria é o ponto de partida e acompanha toda a pesquisa. Uma vez formulada a hipótese, dar-se-ão a seleção, a coleta de dados e sua análise que, como vimos, deve ter como base a estatística. Interpretam-se as análises e, por fim, verifica-se a hipótese. As teorias são ainda o instrumento pelo qual se explica e se revela a realidade oculta dos fenômenos espaciais, atribuindo ordem àquilo que aparentemente se dá de modo desordenado. Uma vez identificada e ordenada a estrutura dos fenômenos espaciais, seria possível elaborar “previsões” sobre a organização dos espaços.

Aqui começa a ficar claro que a Nova Geografia não constituiu apenas a quantificação da Geografia. É, por essa razão, que também é chamada de Teorético-Quantitativa, já que, além do conhecimento de técnicas estatísticas das mais simples às mais sofisticadas, era necessário aos geógrafos ter consciência dos fundamentos teóricos e conceituais que permitem elaborar hipóteses e interpretar os resultados da análise. A análise puramente quantitativa não caracteriza o fazer geográfico. Com isso, vale o alerta: a quantificação é um meio e não um fim para se chegar a conclusões.

Dentre as teorias mais utilizadas pelos geógrafos desta corrente está a **teoria geral dos sistemas**.

Para Evangelista (2007),

Sistema é o conjunto no qual seus integrantes com características próprias e de funções próprias relacionam-se, interpondo-se, interligando-se, coordenando-se reciprocamente de maneira racional ou instintiva ou ocasional ou ambas ou só duas. Notando no conjunto que seus integrantes visam se processar através das trocas. Surgindo dessa coordenação entre os integrantes uma estrutura organizada.

Teoria geral dos sistemas

Os primeiros enunciados com relação à teoria dos sistemas datam de meados da década de 1920, mas foi formalmente proposta pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy, em 1935. Tendo origem na Biologia, a teoria dos sistemas hoje é interdisciplinar e busca organizar os fenômenos de maneira abstrata de acordo com as relações entre os elementos.

Podem ser abertos, quando recebem influências externas ou fechados, quando delimitados por limites rígidos. Apresentam hierarquias nas quais as partes relacionam-se por meio de elos de *feed-back*, isto é, de respostas aos estímulos. Essa forma de organização da realidade serviu à Nova Geografia, pois permitiu a construção de modelos que buscassem estruturar o funcionamento dos espaços e suas relações com os elementos nele presentes, assim como com outros espaços.

Ultrapassando a visão puramente quantitativa, os modelos permitiram um nível de generalização maior nas análises geográficas, já que, guardadas condições similares dos pontos da superfície da Terra, poderiam ser aplicados com êxito, podendo ser reconhecidos como uma hipótese elaborada *a priori*, cabendo ao geógrafo identificar as variáveis pertinentes e preencher com os dados da realidade estudada (*input*). Uma vez inseridas as variáveis, o modelo estabelece as articulações e devolve como resultado (*output*) os padrões e, muitas vezes, tendências na organização do espaço estudado. Os modelos podem se tornar mais complexos diante dos interesses e conhecimentos do geógrafo, já que este pode acrescentar novos fatores relevantes à definição dos sistemas.

De maneira sintética, Evangelista (2007) apresenta-nos os tipos de modelos utilizados pela Geografia:

Quadro 12.2: Os tipos de modelos empregados pela Geografia: suas funções e características.

Características	Funções	Tipos
Seletivo	Visualizar o todo, ressaltando os fenômenos significativos.	Descritivo
Estruturado devido ao relato do relacionamento e interconexão das características selecionadas . Relata um padrão regular dessa interconexão para explicar aquela realidade .	Ser uma fonte de novos conhecimentos	
Analogia ao real	Organizar as suas informações na lógica daquilo que procura a ponto de chegar a uma explicação	Normativo (grau de probabilidade elevada)
Reaplicação em outros lugares . Se não conseguir essa reaplicação significa que este foi bastante factual	Normativo, será norma para entender o mesmo fenômeno em outros lugares ou entender outros fenômenos. A reaplicação do modelo decorre de sua função normativa.	
	Sistemático, facilita o entendimento da interligação entre os fatores	
	Construção de teoria, prevê a realidade que irá acontecer	Preditivo

Fonte: Evangelista (2007).

Assim, o modelo configura uma abstração que deve dar conta de responder como os elementos que ele compreende interagem e, por conseguinte, como o todo tende a funcionar. (CAMARGO; REIS JUNIOR, 2004, p. 360)

Do ponto de vista educacional, atribui-se à Nova Geografia a valorização dos aspectos físico-naturais e estatístico-matemáticos. Aparecem nos livros didáticos toda sorte de tabelas, gráficos e info-gráficos. O trabalho do professor consiste na apresentação de dados frios e muitas vezes desconexos à realidade do aluno, apresentando, sem grandes reflexões, uma linguagem estranha ao estudante.



Atende ao objetivo 1

Cite duas razões que favoreceram o desenvolvimento da Nova Geografia e explique por que foram importantes.

Resposta comentada

É possível citar, primeiro, o desenvolvimento de novas tecnologias computacionais, após a 2ª Guerra Mundial. Essas tecnologias permitiram o aprimoramento e, principalmente, a apropriação de técnicas quantitativas, fundamentais ao desenvolvimento da Nova Geografia. Outro fator é a mudança no modelo de intervenção do Estado que exigia das ciências instrumentos e estudos que permitissem intervir de modo planejado nos espaços, incentivando uma parte dos geógrafos a migrar para os estudos neopositivistas. Um terceiro aspecto é o enorme êxodo rural no pós 2ª Guerra Mundial, que alterou a dinâmica nas relações entre os espaços, sendo a Geografia tradicional incapaz de dar respostas às novas demandas, abrindo terreno fértil ao desenvolvimento de alternativas metodológicas no campo da geografia. Por fim, o aluno pode ainda citar a intensificação das relações sociais e comerciais que tornaram as relações espaciais mais complexas.

A Geografia Teorético-Quantitativa no Brasil

Você deve se lembrar de que a Nova Geografia surge, entre outros fatores, como resposta às demandas por planejamento feitas pelo Estado, ainda que não se possa atribuir, de modo geral, que tenha sido um projeto de Estado. No Brasil, todavia, essa relação pode ser facilmente atribuída, principalmente a partir da década de 1970, porque uma parte importante dos intelectuais que promoveu essa corrente encontrava-se no interior do aparato estatal, com destaque para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas figuras de **Speridião Faissol** e **Bertha Becker**. Além disso, desenvolveram-se dois meios oficiais de divulgação da Geografia Teorética no Brasil, a saber, a *Revista Brasileira de Geografia* e o *Boletim Geográfico*.

Speridião Faissol (1923-1997)

Um dos principais expoentes e divulgadores da Nova Geografia no Brasil. Publicou dezenas de artigos de conteúdo notadamente alinhado com os pressupostos de uma disciplina reverente à fraseologia estatístico-abstrata das ciências naturais.

Bertha Becker (1930-2013)

Cursou o bacharelado e a licenciatura em Geografia e História na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FNFi/UFRJ), no início da década de 1950. Foi doutora e livre-docente pelo Instituto de Geociências da UFRJ e pós-doutora pelo Department of Urban Studies and Planning, MIT, nos EUA.



Figura 12.4: Uma parte importante dos intelectuais que promoveram a corrente Teorético-Quantitativa no Brasil se encontravam no interior do aparato estatal, com destaque para o IBGE.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:IBGE.jpg>



A *Revista Brasileira de Geografia* começou a ser divulgada em 1939. Já o *Boletim Geográfico* foi publicado entre 1943 e 1978. Você pode consultar todas as edições de ambos no acervo online do IBGE. Seguem os links:

Revista Brasileira de Geografia: http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=7115

Boletim Geográfico: http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=719

As condições para o crescimento da Nova Geografia no Brasil estavam postas desde a década de 1950, diante da política nacional-desenvolvimentista que tinha como uma das metas a redução das disparidades regionais. No entanto, ela ganha enorme fôlego durante os governos militares e a política de integração regional, mais conhecida por Integração Nacional. Para isso, tornava-se fundamental instrumentalizar o Estado com dados objetivos sobre a organização espacial do Brasil, facilitando a tomada de decisão e possibilitando, sob a justificativa técnica, a intervenção do Estado.



Políticas de integração regionais

O primeiro expoente das políticas de integração foi o Plano de Integração Nacional que vigorou entre 1969 e 1970, com o lema “Integrar para não entregar”, e tinha como objetivo incentivar a ocupação de áreas com baixa densidade demográfica no Brasil. Três anos depois foi lançado o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), que vigorou até 1974, sendo substituído pelo II PND que valeu até 1979. Os planos tinham como intuito subsidiar o desenvolvimento econômico do Brasil e criar condições para integração do território brasileiro. Nesse contexto, em termo de infraestrutura viária, foram empreendidas grandes obras como a ponte Rio-Niterói e a Transamazônica.



Mário Roberto Duran Ortiz

Figura 12.5: Rodovia Transamazônica e Ponte Rio-Niterói.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:BR-230-PB_-_Trecho_duplicado_na_Para%C3%ADba.jpg;
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rio_de_Janeiro_Ponte_Niteroi_38.JPG

Nesse contexto, surge também a Associação de Geografia Teorética e Quantitativa (Ageteo), criada em 1971, no interior do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP), vinculada à Universidade Estadual Julio de Mesquita (Unesp). Teve como fundadores Antonio Christofolletti, Antonio Olívio Ceron, José Alexandre Felizola Diniz, Livia de Oliveira, Miguel César Sanchez, Pérola Emília Liberato, Élide Aparecida Chizzoti, Lucia Helena de Oliveira Gerardi, José Carlos de Godoy Camargo e Sérgio dos Anjos Ferreira Pinto. Eles criaram, primeiro, o Boletim de Geografia Teorética em 1971 e, a partir de 1976, a Revista Geografia, publicada até os dias de hoje, quadrimestralmente.

CONCLUSÃO

Vimos nesta aula que a Nova Geografia foi uma importante corrente para a história do pensamento geográfico, pois buscou posicionar a Geografia no campo das ciências, utilizando métodos quantitativos e provenientes das ciências naturais. Delimitou ainda o campo de estudos dessa ciência, tendo por objeto a organização espacial, distanciando-se da Geografia Tradicional que atribuiu a essa ciência o campo das relações homem-natureza. Diferencia-se ainda por romper com o método descritivo e implementar a dedução e a quantificação como métodos.

Tais transformações abrangeram três aspectos básicos. Uma primeira mudança foi do ponto de vista filosófico, pois, superando o positivismo tradicional, a Geografia acabou adotando os pilares filosóficos de um “neo” positivismo (difundido pelos adeptos do chamado Círculo de Viena). A segunda foi do ponto de vista conceitual, procurando a racionalização e a sistematização da categoria “espaço” e das classificações regionais. Já a terceira foi de caráter puramente metodológico, pois os geógrafos neopositivistas passa-

Resposta comentada

1. A Nova Geografia introduziu uma nova metodologia de estudos geográficos que permitiu à ciência geográfica consolidar-se no campo científico e, ao fazê-lo, introduziu estudos sobre o objeto da Geografia, que permitiu que outras correntes geográficas pudessem emergir.
2. A Nova Geografia surge mediante os esforços do neopositivismo de criar ou forjar uma unidade científica que tem por base a formalidade do positivismo lógico, o qual rechaça explicação de cunho metafísico e subjetivo. Com isso, estabelece o primado da Matemática e das formulações estatísticas. Buscando se adequar ao cientificismo, a Geografia adota esses preceitos elaborando, a partir da teoria dos sistemas, modelos lógicos que pudessem explicar o espaço a partir das relações entre os elementos da área observada e desta com outras áreas.

RESUMO

A partir da década de 1950, a Geografia viveu uma profunda movimentação conceitual, que deu origem à chamada Revolução Quantitativa ou Nova Geografia. A denominação Nova Geografia diz respeito a um conjunto de ideias e de abordagens que começaram a se difundir a partir das profundas transformações provocadas pela Segunda Guerra Mundial nos setores científico, tecnológico, social e econômico. Adotou uma postura pragmática que buscava se associar à difusão do sistema de planejamento do Estado capitalista, adotando a filosofia do positivismo lógico, assumindo assim uma postura objetiva e formal no modo de fazer ciência. Buscou visualizar leis ou regularidades empíricas sob a forma de padrões espaciais. O abandono do empirismo direto, com base na paisagem, e o emprego das técnicas estatísticas e modelos sistêmicos caracterizam esse movimento da Geografia.

Aula 13

Movimento de renovação da Geografia: a Geografia Crítica

*Nilton Abranches Junior
Jonathan Felix Ribeiro Lopes*

Meta da aula

Evidenciar a relação entre a Geografia Crítica e o movimento de renovação da Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as razões para a crise da Geografia;
2. identificar as origens da Geografia Crítica;
3. avaliar a importância da Geografia Crítica para a História do Pensamento Geográfico.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, iremos apresentar uma corrente do pensamento geográfico conhecida como Geografia Crítica ou, simplesmente, Geocrítica. Veremos que as interpretações sobre essa corrente são bastante abrangentes, possivelmente, em função das diversas vertentes que essa escola de pensamento possui hoje. Trata-se de uma Geografia que buscou se aproximar da sociedade civil e de questões sociais em conexão com o espaço. Assim, formado por autores de diversos países, esse pensamento geográfico tinha sua unidade garantida pela postura militante e não pelo método, como no passado, rompendo com a ideológica ideia de neutralidade científica. Esse movimento, que surge em um contexto histórico de contestação e no interior da própria Geografia Tradicional/Regional, passa a incorporar novos temas e métodos. Podemos afirmar que a Geografia Crítica abriu a essa disciplina novas possibilidades de exploração e reescreve, constantemente, a história do pensamento geográfico.

Mais do que repensar a Geografia, essa escola de pensamento teve como objetivo formular uma crítica profunda ao capitalismo e à desigualdade por meio de uma série de pressupostos teóricos e metodológicos, éticos e ideológicos. Sobre esse aspecto, a influência marxista será fundamental, assim como outras externas à tradição geográfica, destacando-se aquelas da sociologia, da filosofia e do urbanismo. Essa vertente da Geografia rompia com a restrição metodológica positivista; assim, a Geografia diversificava-se metodologicamente e unificava-se em torno de uma postura crítica da realidade espacial.

A crítica foi dedicada, principalmente, à Geografia Teorético-Quantitativa, que vimos na aula anterior, e também à ideia de que a ciência geográfica deveria se adequar ao método científico para se firmar no campo das ciências, fugindo assim às discussões sobre o objeto geográfico. Com isso, a Geografia Crítica torna-se ainda

mais profunda ao propor uma releitura conceitual sobre o objeto geográfico. Por essa razão, somada à capacidade de transformação do pensamento geográfico e mesmo da realidade social, a Geografia Crítica merece destaque. Além disso, são muitos os expoentes ativos dessa corrente, o que garante sua vivacidade no interior da disciplina até os dias atuais.

Massimo Quaini (1947-)

Um dos geógrafos italianos que mais divulga o pensamento marxista. Quaini foi professor na Universidade de Genova. Sua obra principal, *Marxismo e Geografia*, lançada em 1974, foi traduzida para o holandês (1977), português (1979), inglês (1982) e espanhol (1985). Sua obra seguinte, *La costruzione della geografia umana*, também foi traduzida para o espanhol em 1981 e para o português em 1992. A partir de 1978, Quaini foi editor do *Jornal Hérodote Italia*, uma tradução, com alguns novos artigos, do periódico francês *Hérodote*, editado por Yves Lacoste. Quaini permaneceu editor até 1982 e, em 1984, retomou o famoso e reestruturado *Erodoto*.
Fonte: http://de.wikipedia.org/wiki/Massimo_Quaini

A Geografia em crise

Segundo o dicionário Houaiss (versão on-line), dentre as várias definições apresentadas, podemos selecionar que crise significa “estado de incerteza, vacilação ou declínio” ou mesmo “momento histórico indefinido ou de riscos inquietantes”. Assim sendo, ao falarmos de crise na Geografia nos referimos a um momento de tensão no interior dessa disciplina. No livro que virou referência durante décadas para geógrafos de todo o mundo com o emblemático nome *Marxismo e Geografia* (1979), **Massimo Quaini** diz-nos o seguinte sobre o momento de crise da Geografia e o descontentamento com a disciplina:

Por exemplo, em 1968, os estudantes italianos expressaram-se sobre a Geografia de maneira inequívoca, pondo em relevo não somente a impressão de um “estudo mnemônico e caótico” de “um compêndio fragmentário e desordenado de noções tiradas de várias outras disciplinas”, não somente a contradição de uma disciplina excessivamente vasta e ambiciosa, dotada de “uma metodologia que nada tem a ver com os rigorosos métodos científicos”, mas também a sua essência última: “um almanaque enciclopédico ad usum delphini” (L. GAMBI, 1968). Onde os estudantes não tiveram, como na Estatal de Milão, a possibilidade de motivar e, sobretudo, de fazer valer sua contestação, demonstraram de modo ainda mais decisivo terem suas ideias claras: usufruindo de uma parcial liberdade curricular, desertaram em massa dos cursos de Geografia (QUAINI, 1979).

Ficava evidente um momento de declínio cujos reflexos foram deflagrados nos círculos educacionais. Ficava claro um cenário de crise profunda na disciplina que é descrito ainda por **Yves Lacoste** (1988) no clássico livro *A Geografia – Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. Com um nome forte, o livro estabeleceu-se como um novo paradigma para a ciência geográfica. Em sua apurada análise, Lacoste despiu a Geografia de sua máscara de neutralidade, evidenciando uma ciência a serviço do Estado e das classes dominantes. Classificou a disciplina em duas frentes ideológicas: a primeira chamou de *Geografia dos Estados-Maiores* e a segunda de *Geografia dos Professores*.

Professores e Estados-Maiores

A Geografia dos Professores apareceu há menos de um século e foi identificada como um discurso *ideológico* no qual uma das funções *inconscientes* é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Mais à frente, Lacoste ilustra seu raciocínio:

A Geografia dos Professores funciona, até certo ponto, como uma tela de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias econômicas e sociais que uma outra Geografia permite elaborar (LACOSTE, 1988, p. 33).

Essa leitura permite-nos compreender o sentido ideológico da Geografia. Ideologia aqui corresponde aos aspectos que ocultam a realidade concreta, isto é, a realidade material com base nas classes sociais e nos seus mecanismos de reprodução. A organização da Geografia, com sua forma de ensino massificada, é propositalmente desconexa da realidade como modo de inibir reflexões sociais profundas sobre o espaço e a consequente tomada de consciência por parte das classes populares.

Yves Lacoste (1929-)

Geógrafo e geopolítico francês. Lançou no início de 1970 a revista *Hérodote*, que nos últimos trinta anos procurou revelar o caráter político da Geografia. Contribuiu com obras críticas e inovadoras, como *La géographie, ça sert, d'abord, à faire La guerre* (A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra), para uma discussão do conceito da Geografia Política e Geopolítica, especialmente na França.

Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Yves_Lacoste

Lacoste evidencia que o ensino de Geografia tem um objetivo claro diante do Estado e, mais modernamente, da burguesia e que cabe à ciência geográfica fornecer conhecimentos a esses agentes, sempre de maneira global. A essa disciplina, ele chama de Geografia dos Estados-Maiores.

Estas duas Geografias – a dos Estados-Maiores e a dos Professores – estão intimamente relacionadas e servem aos mesmos senhores. Por um lado, a primeira ocupa-se de reconhecer o território, descrevendo-o, para que os donos do poder – que, no caso das sociedades capitalistas, correspondem à classe burguesa – possam conquistar e ampliar seus domínios, fornecendo, de maneira global, os conhecimentos necessários sobre o espaço. De outro lado, a segunda incumbe-se de ocultar a utilidade prática da análise do espaço, seus usos para a guerra e para manutenção, e a expansão do poder. Com isso, mantém-se o controle social e torna-se mais fácil a reprodução do poder.

Para isso, a Geografia escolar, em seus diferentes níveis, organizou-se de maneira fragmentada e desconexa a tal ponto que tornou a disciplina desinteressante, dando-lhe, no limite, uma feição inútil. As consequências imediatas desse modelo são a ausência de crítica e o foco no método. Lacoste dirige-se aqui diretamente à Geografia de cunho positivista, indo abertamente contra seu princípio de neutralidade, evidenciando as relações de poder que cercam o ensino e a produção de conhecimento geográfico. Mais uma vez, Lacoste põe-se contra Vidal de LaBlache e a Geografia Regional.



Figura 13.1: Cena do filme *The Wall* (1982) inspirada na mensagem da música *Another Brick in the Wall*, da banda inglesa Pink Floyd. A canção apresenta uma crítica ao sistema educacional.

Fonte: <http://javiuessa.files.wordpress.com/?s=wall>

Não serão apenas Quaini e Lacoste que irão se mostrar contra a Geografia Tradicional. Dentre diversos teóricos da Geografia Crítica, merece destaque o brasileiro **Milton Santos**, sobretudo no livro igualmente paradigmático, dada sua capacidade sistemática de análise, *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. Assim como Lacoste, Milton Santos também irá criticar a Geografia Regional de Vidal de LaBlache, argumentando que o geógrafo francês “ignorava a realidade da divisão econômica e social do trabalho em plena fase da grande indústria e do imperialismo [...]”. (SANTOS, 2008, p. 55).

Milton Santos (1942-2001)

Formou-se bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no ano de 1958. Dez anos depois, concluiu seu doutorado em Geografia na Universidade de Strausbourg. Foi professor de Geografia na UFBA, no ano de 1956, depois, já no exílio, passou por diversas universidades até se tornar professor da Sorbonne, entre os anos 1967 e 1971.

Mais tarde, após retornar ao Brasil, tornou-se professor titular de Geografia da Universidade de São Paulo, de 1983 até 1995, quando recebeu sua aposentadoria compulsória. Deixou uma vasta e importante produção científica.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Milton_Santos_%28TV_Brasil%29.jpg

As críticas sobre a Geografia Tradicional giravam em torno, principalmente, do fato de ela se encontrar desconexa do contexto histórico, econômico e político no qual foi elaborada. Dizia Milton Santos que a Geografia encontrava-se viúva do espaço, pois havia abandonado o empirismo direto que se realizava a partir do estudo das paisagens, pelo empirismo abstrato, no qual a análise geográfica desenvolvia-se sob o filtro dos dados numéricos e, também, do tempo, pois era incapaz de compreender os processos socio-espaciais ao longo da história. Concordando com Yves Lacoste, julgava necessário repensar o próprio objeto da Geografia e não a Geografia enquanto campo científico, como se havia feito até então. A Geografia estava em crise, pois estava distante do seu objeto, isto é, do espaço.

Identifica-se um momento de crise que vai muito além dos procedimentos acadêmicos, mas tem raízes no mundo social. Os autores dessa corrente de pensamento defendem a necessidade de desmascarar a própria Geografia e o seu papel social. Nesse sentido, contestam o empirismo que se prendia ao mundo das aparências, criticavam também a elaboração de leis universais, por não reconhecerem as diferentes qualidades na ação humana e que com isso acabavam por restringir a criatividade e despolitizar o saber do geógrafo.

No campo da disciplina geográfica, a principal preocupação de Milton Santos voltava-se sobre o movimento de renovação da Geografia que se inicia no pós-segunda guerra mundial, a partir do aprimoramento de técnicas matemáticas e estatísticas. O movimento é reconhecido também por Quaini que evidencia o caráter ideológico da Geografia Quantitativa. Para esses autores, a Geografia continuava a se dedicar às elites, e a onda de renovação deixou mais uma vez de discutir o objeto da Geografia, restringindo a renovação apenas ao aspecto instrumental, sem se conectar ao tempo e ao espaço ou, dito de outra forma, às formações históricas do território. Milton Santos apontava que as mudanças, em verdade, eram insuficientes para afirmar uma Geografia nova, pois seu

aspecto mais representativo, a quantificação, esteve presente em todos os paradigmas da Geografia até então, consistindo apenas em um instrumento, e não na própria Geografia.



Métodos quantitativos e métodos qualitativos

Métodos quantitativos são aqueles caracterizados pelo emprego da quantificação, desde a etapa de coleta das informações até o tratamento dos dados, por meio de análises estatísticas.

Métodos qualitativos são aqueles que não se utilizam da quantificação como base de análise de um problema, não tendo a intenção de medir ou enumerar categorias.

Estabelecendo uma relação mediada por métodos estatísticos entre o observador e o objeto de análise, a Geografia estreitava seus horizontes e isolava-se no campo das ciências. Mais do que isso, afirma Milton Santos que a Geografia Quantitativa acabou por se tornar uma involução, pois substituiu a análise espacial por análises matemáticas, suprimindo os processos históricos e sociais que envolvem o objeto. No limite, a própria noção subjetiva do homem é substituída por seu par econômico, o *homo economicus*. Nesse sentido, a Geografia Quantitativa acabava por exaltar a tendência positivista, ao invés de apresentar uma nova corrente.

Milton Santos não critica apenas a Geografia Quantitativa, mas toda a tradição geográfica, profundamente enraizada e apegada ao passado. Uma Geografia que condenava o novo e o diferente. Uma Geografia incapaz de acompanhar os processos sociais e de analisar o espaço em sua totalidade.

Resposta comentada

Os alunos podem mencionar como críticas à Geografia Tradicional:

1. foco no método e não no objeto da Geografia;
 2. isolamento com relação às outras ciências;
 3. ausência de temporalidade na análise geográfica;
 4. superficialidade: Geografia com base na paisagem e no empirismo, sem reflexões sobre os processos sociais que atuam no espaço;
 5. desinteresse na Geografia. A Geografia encontra-se em crise, pois o foco no método fez com que a ciência perdesse sua relação com o objeto geográfico, isto é, o espaço e sua complexidade.
-

As raízes da Geografia Crítica

A renovação crítica da Geografia foi fortemente influenciada pelo contexto histórico das décadas de 1960 e 1970, marcadas por movimentos de contestação, como as manifestações de estudantes parisienses a favor das liberdades individuais, no famoso maio de 1968. Nesse mesmo ano, estudantes brasileiros foram às ruas por direitos políticos. Nos Estados Unidos, acirravam-se também as lutas por direitos civis e igualdade.



Um dos mais famosos movimentos que demonstra a efervescência política e social das décadas de 1960 e 1970 ocorreu no Brasil, no dia 26 de junho de 1968, e ficou conhecido como passeata dos Cem Mil. Reuniu, no centro da cidade do Rio de Janeiro, jovens estudantes e artistas consagrados, como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Edu Lobo e Caetano Veloso. O protesto reivindicava o fim da ditadura militar e o retorno dos direitos políticos.



Fonte: <http://www.comunistas.spruz.com/blog.htm?b=&tagged=passeata+dos+cem+mil>

Desse contexto social conturbado e ao mesmo tempo fértil e libertário intensifica-se a contestação ao pensamento geográfico tradicional e quantitativo. Surgiram diferentes correntes, que serviram de embrião para a Geografia Crítica e que, embora não rompessem com a metodologia de análise regional ou mesmo quantitativa, incluíram novas temáticas sociais. Suas contribuições já se tornavam, assim, bastante revolucionárias, pois “sendo a realidade [social] injusta, sua mera descrição já adquiria um componente de oposição à ordem instituída.” (MORAES, 2003).

Não se pode deixar de citar que emerge uma Geografia marginal durante a década de 1950, como a apresentada por **Josué de Castro** no Brasil, com a clássica *Geografia da Fome* que, embora mantivesse o método regional, evidenciava uma sociedade desigual a partir da distribuição de alimentos. Além disso, em meio à Geografia “Fria e pragmática” (SANTOS, 2008), abriu-se espaço para uma vocação mais especulativa e social, que mais à frente daria origem à Geografia Crítica. E mesmo permanecendo o seu caráter regionalista e empiricista, que não reconhece a totalidade dos processos espaciais presentes, já era possível observar os ecos da mudança.

Alguns anos antes, surgira na Grã-Bretanha e principalmente nos Estados Unidos a chamada *Geografia Radical*. Isso significava uma reação dos geógrafos anglo-saxônicos – ou pelo menos de uma parte deles – contra o excesso de quantitativismo e contra a denominada Geografia Pragmática ou Quantitativa, que predominou nesses países nos anos 1960 e na primeira metade da década de 1970.

A primeira manifestação do movimento crítico

Segundo Moraes (2003), a primeira manifestação do movimento crítico da Geografia ficou conhecida como Geografia Ativa, título dado ao livro organizado pelos geógrafos **Pierre George**,

Josué de Castro (1908-1973)

Influente médico, nutrólogo, professor, geógrafo, cientista social, político, escritor. Ativista brasileiro que dedicou sua vida ao combate à fome e destacou-se também no plano político. Publicou uma extensa obra que inclui: *Geografia da fome*, *Geopolítica da fome*, *Sete palmas de terra e um caixão*, *Homens e caranguejos*.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Josu%C3%A9_de_Castro



Fonte: <http://www.josuedecastro.org.br/jc/jc.html>

**Bernard Kayser
(1926-2001)**

Professor da Universidade de Toulouse-le-Mirail e um dos criadores da Geografia Ativa, movimento que defendia a Geografia como fator ativo e de mudança no mundo e que influenciou e propiciou a criação da Geografia Crítica.

**Karl Heinrich
Marx
(1818-1883)**

Intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna. Atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. Seu pensamento influenciou várias áreas, tais como Filosofia, Geografia, História, Direito, Sociologia, entre outras.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a2/Marx_old.jpg

Yves Lacoste, **Bernard Kayser** e Raymond Guglielmo. Em oposição à Geografia Aplicada, propuseram analisar o espaço, evidenciando as suas contradições sociais, visualizando o espaço como reflexo da atividade econômica. Ficava evidente a postura militante e o poder de denúncia da análise geográfica, por essa razão também ficou conhecida como “Geografia de denúncia”. Uma vez assumida a postura militante, era necessário superar o método tradicional, com base empírica e descritiva. A inserção do materialismo histórico de **Marx** como método de análise geográfica terá grande importância nesse processo de superação metodológica.

Nesse sentido, a aproximação entre o marxismo e a Geografia será fundamental para renovação crítica. Seu aporte conceitual e metodológico ajudará paulatinamente a Geografia a superar o engessamento metodológico deixado pela Geografia Tradicional e pelo fetiche numérico da quantificação. Em meio ao contexto social de contestação e a maior liberdade de se pensar o marxismo, a Geografia avança na busca por uma metodologia diferenciada e libertária. Alguns geógrafos, como Quaini, defenderam abertamente o uso do método de Marx. Milton Santos também irá analisar as obras de Marx e Engels para elaborar suas reflexões sobre o espaço geográfico. No entanto, alerta-nos o geógrafo brasileiro que é necessário ser cuidadoso ao incorporar preceitos desses autores, sobre o risco de incorrer em anacronismos ou no marxismo vulgar, nos termos do próprio Marx, caracterizados por estudos com base no materialismo histórico, mas que consideram exclusivamente a esfera econômica sem levar em conta a própria dinâmica do modo de produção capitalista. Lembra ainda que é necessário ter consciência de que Marx e Engels não foram capazes, não por incompetência,

de dar o devido cuidado a outros aspectos diferentes do econômico. Vejam o que o próprio **Engels** nos fala sobre isso:

A Marx e a mim mesmo se deve parcialmente atribuir a responsabilidade do fato de que os jovens às vezes dão mais peso que o merecido ao aspecto econômico. Diante de nossos adversários, tornou-se preciso sublinhar o princípio essencial que eles negavam, mas depois não encontramos nem tempo nem o lugar, nem a ocasião para mostrar no seu justo valor os outros fatores que participam da ação recíproca. (Carta de Engles a J. Bloch, 21-22 de setembro de 1890, apud SANTOS, 2008, p. 183).

Por essa razão, ainda que se possa criticar o viés marxiano – termo usado por Milton Santos em oposição ao engessamento do marxismo – em função de um possível economicismo, é preciso ter consciência de que cabe ao geógrafo elaborar de maneira apurada suas análises sobre o espaço. O mesmo pode-se dizer àqueles que afirmam ser essa vertente excessivamente historicista. No entanto, uma das razões para crise da Geografia era justamente estar deslocada do espaço e do tempo; portanto, incapaz de compreender os processos sociais em relação ao espaço.

Além do marxismo, na raiz do pensamento geográfico crítico estão influências múltiplas de outras ciências. Em alerta já citado anteriormente, Milton Santos remete-se à incapacidade dos geógrafos de acompanharem os avanços de outras ciências. Uma vez reconhecido esse erro do passado, a Geografia propôs-se à abertura interdisciplinar e optou por se estabelecer no campo científico por meio da definição apurada do seu objeto. Isso permitiu que a Geografia Crítica pudesse partilhar e incorporar conhecimentos

Friedrich Engels (1820-1895)

Teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico. Coautor de diversas obras com Marx, sendo o *Manifesto Comunista* a mais conhecida. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.

Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels



Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/71/Engels.jpg>

Manuel Castells (1942-)

Sociólogo espanhol. Foi professor da Universidade de Paris, da Universidade de Berkeley, Califórnia, da Universidade da Califórnia do Sul e pesquisador da Universidade Aberta da Catalunha, em Barcelona. No livro *A sociedade em rede*, defende o conceito de “capitalismo informacional”.

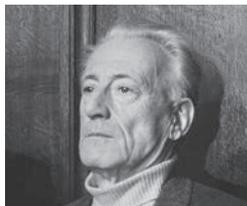
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Castells



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Manuel_Castells.jpg

Henry Lefebvre (1902-1991)

Importante filósofo e sociólogo marxista.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/88/Lefebvre_Henri.jpg

de diferentes áreas. Antônio Carlos Robert de Moraes (2003) cita como exemplo o sociólogo **Manuel Castells** e os filósofos **Henry Lefebvre** e **Michel Foucault**, entre outros.

Um novo papel para a Geografia

Podemos afirmar, diante disso, que, se no passado a busca por autonomia científica conduziu a Geografia ao isolamento, à reflexão crítica, por outro lado, a ciência fez com que a Geografia se abrisse às outras disciplinas e assim pudesse acompanhar o desenvolvimento das outras ciências. Diante desse novo patamar, a Geografia pode repensar seu objeto e, mais do que isso, qual seria o seu papel social enquanto campo do saber.

A Geografia Crítica assume como frente de atuação a crítica ao liberalismo e à desigualdade social. A ideia é desmistificar o espaço, evidenciar os problemas sociais e, quando possível, propor soluções. Geógrafo contemporâneo e altamente produtivo até os nossos dias, **David Harvey** pode ser citado entre os maiores teóricos críticos da Geografia. Harvey buscou, em seus textos, aproximar as leituras de Marx e Engels à análise do mundo contemporâneo, tendo inclusive lançado um curso *on-line* de leitura a Marx, evidenciando a intenção de dialogar com outras ciências.



O curso *on-line* de leitura a Marx está disponível (em inglês) no *site* davidharvey.org.

Fazendo alusão a essa incorporação de outros autores ao pensamento geográfico, ficou bastante conhecida a charge publicada no número 2 da revista francesa *Hérodote – Revue de géographie et de géopolitique*, que mostra uma sala de aula com pensadores famosos. Eles observam um quadro-negro, no qual está desenhado um mapa. Todos eles estão aprendendo Geografia, ou seja, estão procurando rever as suas ideias a partir de uma perspectiva espacial (VESENTINI, s.d.). Nesse sentido, não é somente a Geografia que se submete às novas leituras, pois, ao fazê-lo, acaba por apresentar ao mundo novas leituras de pensadores clássicos de diversas áreas. É um processo de influência múltipla.



Figura 13.2: Charge publicada no número 2 da revista francesa *Hérodote Revue de géographie et de géopolitique*.

Fonte: <http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm>

Na sala de aula, aparecem marxistas consagrados como G. Lukács, Marcuse e Gramsci, estão presentes ainda os próprios Marx e Engels. Outras matrizes de pensamento também estão representadas. Do anarquismo temos Kropotkin e Prodhon, assim como Jean-Paul Sartre, representando o existencialismo.

Michel Foucault (1926-1984)

Importante filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Foucault



Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/5/52/Foucault5.jpg>

David Harvey (1935-)

Geógrafo marxista britânico. Seu primeiro livro, *Explanation in Geography* (1969), versa sobre a epistemologia da Geografia, posteriormente, publica *Social Justice and the City* (1970), confrontando o paradigma liberal e o paradigma marxista na análise dos problemas urbanos.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Harvey



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b8/David_Harvey2.jpg

Ícones políticos contra-hegemônicos também tomam nota na aula, como é o caso de Ho-Chi-Minh, J. Stalin, Mao Zedong e mesmo Gandhi, entre outros. Além de evidenciar a influência mútua entre os saberes, a charge mostra o ecletismo de pensamentos e o ideal contra-hegemônico da Geografia Crítica.



Atende aos objetivos 2 e 3



Fonte: Antipode – A radical journal of Geography apud Vesentini.

conhecimento que o método materialista histórico deu início a toda revisão metodológica da Geografia Crítica. Também sabemos que essa corrente não se restringiu apenas ao método mencionado, mas se inspirou em diversas análises geográficas e extrageográficas, construindo não uma, mas diversas matrizes metodológicas. Isso estabeleceu uma ruptura com relação às correntes que a antecederam, para as quais a unidade da Geografia encontrava-se no método científico-positivista, mais especificamente na análise regional e, posteriormente, na quantificação. Estabelecida essa quebra de paradigma, era necessário construir um novo.

O novo paradigma seria construído em torno da mudança dos conceitos-chave da ciência geográfica e, podemos dizer, da reflexão do objeto dessa disciplina. Há uma transição do conceito de região para o de território que irá marcar esse momento de transformação. Marcos Saquet (2007) irá mencionar a Geografia italiana, quando, nas décadas de 1950 e 1960, iniciaram as discussões com relação ao conceito de território para compreender as transformações da Itália naquele período. Sob influência dos escritos políticos de **Antônio Gramsci**, os geógrafos italianos preocuparam-se em compreender as relações sociais de poder sobre o espaço.

Nesse sentido, o conceito de território é incorporado ao vocabulário da Geografia com um sentido mais complexo do que aquele que o ligava ao Estado-Nação, tal qual pensado por Ratzel, ainda que resgate o sentido político do espaço. Isso permitiu que a Geografia avançasse na relação homem-homem e daquela com o espaço, a partir da análise das relações de poder, da mesma forma que abriu as possibilidades de compreender os processos sociais de produção do espaço. Nessa linha de raciocínio, merecem destaque as figuras de A. Lipietz com o livro *O capital e seu espaço*; D. Calabi e F. Indovina com *Uso capitalista do território*; o mesmo F. Indovina em *Capital e território*; J. Anderson com *Geografia e Ideologia* e Melhem Adas com *Geografia e tecnoburocracia*.

Diante dessa efervescência conceitual e metodológica, Milton Santos, no já referenciado *Por uma Geografia nova: da crítica*

Antônio Gramsci (1891-1937)

Importante político, cofundador do Partido Comunista Italiano. Escreveu obras sobre cultura, educação e política, combinando a teoria de Marx com a de Maquiavel. Seus textos dividem-se em dois períodos, um anterior à sua prisão (1910-1926) e outro quando estava em cárcere (1929-1935).



Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Gramsci.png>

da Geografia a uma Geografia Crítica, busca estabelecer uma discussão sistemática sobre a Geografia e seus paradigmas em um projeto ambicioso de propor um paradigma novo para uma nova Geografia. Essa árdua tarefa terá como ponto-chave a busca pela definição do objeto da Geografia, pois “Se uma ciência define-se por seu objeto, nem sempre a definição da disciplina leva em conta esse objeto.” O que, segundo o autor (p. 119), é “o caso da geografia, cuja preocupação com seu objeto explícito foi sempre deixada em segundo plano”. Uma vez que a Geografia tem seu objeto explícito, caberia aos geógrafos elaborar reflexões profundas e atualizadas sobre o espaço social, a partir de conceitos adequados à realidade socioespacial e às suas transformações. A começar pelo conceito de espaço, observem o que diz Milton Santos (2008, p. 153):

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço define-se como um conjunto de formas representativas de relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares.

Assim sendo, o espaço também influencia as relações sociais e não apenas o contrário, pois as relações sociais que se seguem são obrigadas a conviver com formas espaciais de momentos históricos distintos, e é a essa característica que Milton Santos atribui a diferenciação dos lugares, pois confere a cada lugar uma combinação específica de formas. Por essa razão, não se pode incorrer no erro de restringir a análise geográfica ao caráter econômico. À Geografia cabe, portanto, o estudo das relações humanas sobre o espaço e dos seus testemunhos físicos, identificando formas e funções, bem como os processos que dão a cada localidade uma característica que lhe é própria.

CONCLUSÃO

Diante de tantas transformações provocadas à ciência geográfica pela Geografia Crítica em suas diferentes vertentes, um esforço de síntese seria certamente infeliz. Podemos apenas pontuar algumas de suas características principais. É importante mencionar que a Geografia Crítica emerge em meio a um momento de descontentamento com os rumos da disciplina, isto é, em momento de crise. Essa reflexão ganha fôlego ainda pelos movimentos de contestação em todo mundo. A Geografia assume diante disso uma postura militante e atrelada à realidade.



Antonio Carlos Robert de Moraes define esse movimento da seguinte forma:

Pode-se dizer que a Geografia Crítica é uma frente, onde obedecendo a objetivos e princípios comuns, convivem propostas díspares. Assim, não se trata de um conjunto monolítico, mas, ao contrário, de um agrupamento de perspectivas diferenciadas. A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. [...] unitários objetivam-se através de fundamentos metodológicos diversificados. [...] estruturalistas, existencialistas, analíticos, marxistas (em suas várias nuances), ecléticos etc. [...] Assim, há uma unidade ética, substantivada numa diversidade epistemológica. (MORAES, 2003).

Resposta comentada

A partir da década de 1970, com a emergência da Geografia Radical, a ciência geográfica passa a ser considerada um elemento de transformação social, sendo sua principal marca a postura ética diante da realidade. Tendo como objetos o território e o espaço geográfico, caberia à Geografia evidenciar problemas socioespaciais, buscando soluções que questionassem o modo de produção capitalista, reduzisse as desigualdades. Estudos sobre segregação socioespacial nas cidades ou mesmo sobre distribuição de terras e reforma agrária são alguns dos exemplos, pois evidenciam a distribuição desigual dos espaços.

RESUMO

Nesta aula, foram contextualizadas obras de geógrafos, como Milton Santos, Massimo Quaini e Yves Lacoste, bem como seus pensamentos a respeito da Geografia enquanto campo do saber. Contra-argumentam o pensamento geográfico anterior – a Geografia Tradicional e a Geografia Quantitativa, apresentando como inovação uma postura política e militante diante da realidade socioespacial, o que os conduziu à reflexão sobre o papel dessa disciplina e levou-os à discussão conceitual e metodológica sobre o campo de análise e o objeto da Geografia. Hoje, a Geografia Crítica constitui uma das mais importantes correntes de pensamento da área e é considerada como ponto de ruptura, não apenas por propor novos métodos, mas por permitir que novas correntes, como a Geografia Cultural e a Humanística, sejam reconhecidas.

Aula 14

A Geografia Cultural

*Nilton Abranches Junior
Jonathan Felix Ribeiro Lopes*

Meta da aula

Evidenciar a importância da Geografia Cultural para a história do pensamento geográfico.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as matrizes da Geografia Cultural;
2. estabelecer as principais propostas da Geografia Cultural na contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, iremos observar um subcampo da geografia conhecida por Geografia Cultural ou, mais precisamente, a abordagem cultural na Geografia. Sabemos que, desde o século XIX, o estudo da cultura ocupa um papel importante na geografia; no entanto, apenas recentemente se estabeleceu como um subcampo.

A Geografia Cultural hoje não se ocupa apenas em estudar a produção histórica da paisagem humana e sua materialidade, buscando identificar no espaço os traços culturais. Esses estudos continuam contemporâneos, mas constituem apenas um braço da Geografia Cultural. Sob forte influência do humanismo, essa corrente geográfica se ocupa também do estudo do pensamento, das emoções, das vivências, das identidades que o homem cria em sua relação com o espaço. Uma das razões para que essa corrente tenha ganhado reconhecimento está em possibilitar estudos sobre as percepções e o imaginário dos homens sobre os espaços, reconhecendo a pluralidade de sociedades.

Por essas razões, a Geografia Cultural é hoje considerada uma das mais atraentes áreas da Geografia, pois tem como objetivo compreender os significados que os homens impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas.

Começamos nossa viagem por esse universo a partir do pensador alemão Friedrich Ratzel, o qual atribui pela primeira vez o termo *Geografia Cultural*, que aparece em seu estudo sobre os Estados Unidos, publicado inicialmente em 1880, dando origem à primeira vertente da Geografia Cultural. Podemos ainda citar a escola francesa, que conta com estudos sobre gênero de vida, introduzidos por Vidal de La Blache anos depois. Nesta aula, ainda serão mencionados os estudos de Carl Sauer, que dão origem à Geografia Cultural estadunidense, conhecida como escola de Berkeley. A partir da década de 1990, podemos ainda mencionar o grande crescimento da Geografia Cultural no Brasil.

A escola alemã

Conforme vimos na introdução, Ratzel é o primeiro a falar em uma Geografia Cultural. No entanto, apesar do primeiro texto, de 1880, que trata de uma *culturgeographie*, no ano seguinte, sob a influência de Ritter, Humboldt e Darwin, Ratzel cria a ideia de *antropogeographie* (antropogeografia), publicada em obra homônima. Nela, ele analisou as repartições humanas, ora utilizando-se da etnografia, ora do olhar político sobre o território.

Ratzel argumenta sobre a forte relação que existe entre o homem e o seu meio. Além disso, interroga a si sobre o papel da mobilidade dos homens na difusão das técnicas. Faz referência também à possibilidade de apropriação do meio a partir da mobilidade e da cultura.

Ratzel se dedicou a buscar explicações para as diferenças regionais. Preocupou-se ainda com a relação entre o homem e o ambiente, com os problemas de mobilidade e com o domínio das técnicas, estabelecendo, ao seguir o contexto naturalista, uma hierarquia de populações de acordo com o desenvolvimento das técnicas. Nessa linha, a base é formada por povos “primitivos” e a escala vai até os mais “civilizados”. Ratzel descreve e explica, de um grupo a outro, os utensílios utilizados, os fluxos migratórios e como eles contribuíram para a difusão das técnicas.

Cultura consistia, portanto, no conjunto de ferramentas utilizadas e no conhecimento técnico que permitia com que uma população se apropriasse delas. Por essa razão, os mais civilizados seriam aqueles que cultivam de maneira elaborada, com capacidade de produzir de modo suscetível a variações climáticas, que possuem também domínio sobre meios de transporte, possibilitando o deslocamento da produção para áreas de clima mais favorável, permitindo diversificar os tipos de cultura. É importante ainda a organização política, pois ela permite a apropriação e organização do espaço, sendo o Estado a sua forma mais evoluída.



Figura 14.1: Domínio sobre transportes: uma das características de povos civilizados, segundo Ratzel.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Loco-Novoeste.jpg>

Nesse sentido, é nítido o pensamento evolutivo de origem darwiniana, típicas do período, em função da forte influência naturalista no pensamento científico. A diferenciação humana era explicada por diferentes estágios de desenvolvimento cultural, que ia de povos primitivos a civilizados, quando a valorização do Estado-nação tinha destaque. Não se pode esquecer que Ratzel escreve em meio ao processo de unificação e expansão alemã durante o período bismarckiano. Seu pensamento não é, portanto, neutro, mas combina o naturalismo como forma de explicar o Estado expansionista alemão, tendo incorporado de Darwin e do naturalismo a noção de seleção natural, ressaltando a ideia de espaço mínimo ou vital para a sobrevivência de uma espécie.



Só para relembrar: espaço vital se refere à expansão territorial de que um povo necessita para que possa suprir suas necessidades de recursos naturais. Esse conceito foi elaborado por Ratzel e convinha plenamente ao expansionismo alemão de Bismarck.

É preciso reconhecer que sua contribuição ao pensamento cultural geográfico é fundamental, principalmente no que diz respeito ao método e à atenção voltados à cultura, dando a esse aspecto um lugar importante na geografia, na medida em que associa os fatos culturais ao aproveitamento do ambiente e aos fluxos de deslocamento populacional. Tais aspectos são apreendidos por meio da análise material, isto é, das ferramentas e do conhecimento técnico dos homens em relação ao espaço.

Podemos afirmar que, em termos metodológicos, Ratzel elegeu o domínio das técnicas e dos artefatos como a materialização da cultura e se apegou especialmente a esses aspectos. Todavia, essa abordagem com foco material não permitia reconhecer aspectos importantes da abordagem cultural, tal como a escala de valores de cada sociedade. Sauer (2011) chama atenção para o fato de que a obra de Ratzel não pode ser lida como uma obra final sobre cultura, mas como um estímulo à nascente Geografia Humana, que devia fundamentar-se no estudo da cultura. Nesse sentido, não se pode apontar esse autor apenas como um ambientalista que desenvolverá um determinismo geográfico. É preciso reconhecer o esforço desse autor na gênese de uma Geografia Humana e na definição de um método para essa ciência.

No entanto, não é apenas a Ratzel que se pode atribuir a gênese alemã da Geografia Cultural, embora seja importante destacar a primazia dele. Todavia, já no início do século XX, outro importante geógrafo se destacou nos estudos sobre Geografia Cultural. É o caso de **Otto Schlüter** (1872-1959), que, em 1907, publicou um estudo sobre assentamentos humanos, com grande repercussão. Inaugurou o termo *Kulturlandschaft*, cuja tradução mais apropriada é *paisagem cultural*. Defendia a ideia de que o homem deixava marcas na paisagem, que, posteriormente, foram chamadas de rugosidades por Milton Santos, e caberia ao geógrafo estudá-las, identificando as origens das formas espaciais, ou seja, o modo como os homens modificam o espaço, transformam a vegetação, cercam áreas para cultivo etc.

**Otto Schlüter
(1872-1959)**

Geógrafo alemão, Schlüter foi professor de Geografia na Universidade de Halle de 1911 até sua morte. Ele é creditado pela criação da paisagem cultural.

Ratzel e Schlüter estabeleciam, assim, entre o final do século XIX e o início do século XX, dois preceitos metodológicos importantes para os estudos geográficos da cultura. O primeiro estabelecia o estudo geográfico da cultura a partir dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. O segundo definirá as marcas das ações humanas na paisagem como o próprio objeto da geografia, cabendo ao geógrafo apreender a morfologia da paisagem cultural e compreender sua gênese.

Atribui-se, entretanto, a **August Meitzen** a primazia na dedicação aos estudos de paisagens humanas, os quais teriam ainda influenciado Otto Schlüter. Em sua obra *Habitat e organização agrária dos alemães ocidentais e orientais, dos celtas, dos romanos, dos finlandeses e dos eslavos*, publicada em 1895, Meitzen estudou processos migratórios em consonância com os estudos das ciências sociais e da história, buscando compreender questões étnicas e o destino dos povos. Por essa razão, podemos considerar sua contribuição como significativa para a história do pensamento geográfico, pois evidenciava a dimensão cultural das paisagens.

Outro importante autor é **Eduard Hahn**. Podemos indicar, de modo objetivo, duas razões para citá-lo: primeiro, porque diferentemente dos outros, suas pesquisas se deram à margem da universidade e sofreram forte resistência dos geógrafos acadêmicos, por criticarem os credos do cientificismo; segundo, porque foi mais longe em suas pesquisas, extrapolando a dimensão material, insistindo na evolução dos grupos humanos com os animais, nas práticas rituais que envolvem o domínio sobre os animais.

Você já deve ter percebido que esses estudos dedicavam-se quase exclusivamente a observar utensílios e técnicas utilizados pelo homem como meio de dominar o ambiente. Nesse sentido, tinha destaque a paisagem, e eram negligenciados aspectos como aquisição de conhecimentos e valores. Ignoravam-se, no geral, atitudes e crenças que influenciavam a composição dos espaços.

**August Meitzen
(1822-1910)**

Nasceu em Breslau (hoje Wrocław, Polônia) e foi educado em Heidelberg e Tübingen. Era membro proeminente do Bureau de Estatística e, em 1875, foi professor de Ciência da Estatística e de Economia Política na Universidade de Berlim.

**Eduard Hahn
(1856-1928)**

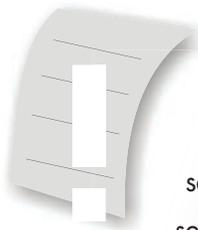
Antropólogo, historiador econômico agrícola e geógrafo alemão.

A escola francesa

Assim como a Geografia Cultural alemã, a francesa tem diversos pensadores da abordagem cultural, destacando-se Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Pierre Deffontaines. Seguindo a ordem cronológica, começamos nossa viagem com Vidal de La Blache. A primeira característica que podemos mencionar é que sua análise se aproxima em parte daquela elaborada por Ratzel, na medida em que busca compreender as influências do meio sobre as sociedades humanas. Ele analisa, também, o conjunto de técnicas e ferramentas utilizadas pelo homem para modificar o ambiente, tornando-o mais adequado às suas necessidades. Nesse sentido, cabe à Geografia compreender a relação entre os grupos humanos e o meio onde vivem. Por essa razão, o geógrafo optou por estudar mapas de densidade, concebendo a análise de paisagens apenas como meio de identificar a organização regional do espaço.

Para compreender de maneira adequada essa relação entre homem e meio, elaborou a noção de gênero de vida, isto é, um conjunto de técnicas e hábitos utilizado pelos homens para extrair do ambiente aquilo que era necessário à sua alimentação e proteção, tal como roupas e moradias. A adaptação de um grupo humano ao ambiente variava de acordo com as técnicas produtivas existentes e a capacidade de criar novas, assim como as técnicas de transporte e a capacidade de estabelecer trocas com grupos de outros ambientes, somados aos hábitos de cada grupo.

Nesse contexto, é a noção de gênero de vida que permite aproximar os estudos de La Blache à abordagem cultural na Geografia. Ainda que o geógrafo nunca tenha mencionado esse termo, podemos afirmar que a ideia de cultura estava presente em sua concepção da disciplina. O hábito (ou a força do hábito) era tido como a grande causa da rigidez nos gêneros de vida de cada grupo humano. Assim, essa abordagem se fazia presente em sua geografia, pela importância atribuída aos estudos das técnicas e utensílios diante das possibilidades de inovação – daí, a existência do possibilismo geográfico –, bem como no hábito e na inércia que esse fator causa às sociedades.



Relembrando: o conceito de gênero de vida se refere à forma como cada sociedade se constitui, sendo identificado a partir do modo com a qual se utilizam os recursos regionais disponíveis.

A noção de gênero de vida influenciará uma corrente de geógrafos do mundo tropical no início do século XX, já que esse modelo de análise era especialmente interessante para sociedades que não possuíam grande divisão social do trabalho. Em sociedades complexas, com uma divisão social do trabalho bem desenvolvida, urbana e industrializada, o estudo de gênero de vida não possuía grande aplicação, o que justificava os estudos em algumas áreas tropicais que porventura guardassem características tradicionais, notadamente rurais.

Na década de 1900, no entanto, tem início uma mudança importante na concepção metodológica das análises em Geografia Humana. Sem representar necessariamente uma ruptura com as análises dos mapas de densidade, passa a integrar o escopo metodológico da disciplina a capacidade humana de alterar as paisagens, ou seja, mais do que um elemento de diferenciação regional, a paisagem torna-se objeto de análise para a Geografia. **Alberto Demangeon**, por exemplo, afirma que cabia aos geógrafos analisar a gênese e o papel das paisagens alteradas pela ação humana. Isso permitiu que ele analisasse regiões industriais da Europa e tivesse observado que os modos de vida compartilhavam uma mesma visão comercial. Diante disso, acabou dedicando-se a estudar representações e características mentais compartilhadas entre diferentes grupos sociais.

Albert Demangeon (1872-1940)

Geógrafo francês que promoveu a Geografia Regional e Humana. Apesar de, no início de sua carreira, ter-se dedicado principalmente à Geografia Regional, posteriormente estabeleceu uma abordagem sistemática nos campos da Geografia Econômica, Política e nos estudos sobre *habitat* e habitação rural. Entre suas influências intelectuais está principalmente Paul Vidal de la Blache, de quem herdou a metodologia indutiva e historicista. Além desse, o engenheiro Vauban, que ele considerava um dos precursores da Geografia moderna. Teve vários discípulos, que reconheceram sua dívida para com ele, como Pierre Vilar.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6b/Albert_Demangeon.jpg

Jean Brunhes (1869-1930)

Geógrafo francês, tornou-se professor de História e Geografia em 1892, depois de ter sido estudante da *École Normale Supérieure*, em Paris. Seguindo o conselho de Paul Vidal de la Blache, vencedor da primeira turma da Fundação Thiers, em 1893, ele passou mais de um ano na Espanha, região onde estudou para preparar sua futura tese. Considerada inovadora, sua tese foi defendida em 1902. Foi responsável por ensinar na Universidade de Freiburg em 1896, onde cunhou o termo *Geografia Social*, e em Lausanne, em 1907, onde criou a primeira cadeira do mundo com o termo *Geografia Humana*.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f4/BRUNHES_Jean.jpg

Jean Brunhes, também aluno de La Blache, dedicou-se ainda mais ao desenvolvimento metodológico do estudo das paisagens. Não abandonou a relação homem/meio, mas estabeleceu que a Geografia Humana deveria ocupar-se de fatos observáveis e dados objetivos. Nesse sentido, demonstrando certa independência de seu professor, afirmou que o estudo das paisagens deveria ser iniciado pela classificação dos usos do solo, seguido pela análise do funcionamento dos objetos contidos em uma determinada área, isto é, lojas, usinas, fazendas etc., acompanhando fatores históricos e etnográficos que pudessem explicar ainda suas formas. Dava, portanto, ênfase ao estudo das formas e funções da paisagem.

É central à Geografia Humana francesa a dimensão histórica que estava presente desde Vidal de La Blache. Esta ganha maior destaque a partir de meados do séc. XX, quando geógrafos dessa corrente demonstram que, em muitas sociedades, o fator cultural foi tão ou mesmo mais importante do que os fatores naturais para explicar a distribuição espacial das sociedades humanas.

A principal mudança implementada por esses geógrafos foi deslocar o eixo dos estudos da relação homem/meio para a paisagem, destacando o papel da cultura ora como dimensão racional e universal, ora em sua dimensão local e particular. Assim, por exemplo, Eric Dardel (1899-1967) mencionava que o papel da Geografia seria o de explorar quais os sentidos da presença humana nos espaços. Emergem, pela primeira vez na Geografia, os estudos dos sentimentos religiosos e dos mitos.

Durante a década de 1960, houve um declínio de publicações em Geografia com relação aos aspectos culturais, o que se explica em função da Nova Geografia, com forte inspiração quantitativa. Em meados da década seguinte, todavia, um novo interesse pela dimensão cultural dos fenômenos geográficos passou a ser assistido em função do desenvolvimento de relações entre a Geografia francesa e as ascendentes orientações humanistas e radicais que vinham da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Sob novas influências, já em 1976, **Armand Frémont** desenvolveu uma nova perspectiva regional, na qual a tarefa de descrição deveria incluir a experiência do espaço vivido pelas pessoas que residiam na área de estudo. Ao contrário do modelo de regionalização a que se assistia, Frémont sugeriu que se deveria partir dos hábitos de mobilidade e das representações mentais da população local, em vez de critérios predefinidos de diferenciação das áreas. Jean-Pierre Raison sugeriu, nesse mesmo ano, a sociedade do tipo “geográfica”, no intuito de definir populações cuja identidade estava intimamente ligada ao espaço habitado.

É nesse ínterim que a Geografia Cultural francesa romperá com as fronteiras do visível e passará a observar além da paisagem visual. Nessa nova fase, o interesse dos geógrafos irá se dirigir, também, aos outros sentidos, estabelecendo uma geografia dos sons, dos cheiros e dos gostos. A paisagem deixa de ser concebida como um dado objetivo; ela ganha novos significados e interfere na construção da cultura.

De maneira objetiva, com base em **Paul Claval** (2007), podemos sintetizar as seguintes contribuições essenciais da abordagem cultural francesa na Geografia:

- a primeira geração já sublinhava o papel do gênero de vida de suas componentes mais importantes: as técnicas e a força do hábito;
- ela destacava também, desde os anos vinte, o papel das representações e, mais especialmente, das representações simbólicas na organização do espaço;
- ela acentuava o significado dos fatores etnográficos na diferenciação das paisagens;
- os geógrafos com orientação histórica, da metade do século XX, demonstravam que os fatores culturais tiveram um papel mais importante que os fatores naturais na explicação de muitas distribuições geográficas;
- nos anos 1960, os geógrafos franceses exploravam perspectivas novas: o espaço vivido e o papel dos sentidos e das representações aparecem hoje como orientações muito fecundas;

Armand Frémont (1933-)

Geógrafo francês e doutor em Letras. Lecionou no Liceu Carnot e na Universidade de Caen. Foi diretor científico do CNRS, vice-presidente da Universidade de Caen, reitor da Academia de Grenoble e Versailles, diretor de desenvolvimento de programação e acadêmico no Ministério da Educação e presidente do Conselho Científico da Delegação, Planejamento e Ação Regional, Datar.

Paul Claval (1932-)

Considerado um dos maiores geógrafos da atualidade. Suas obras têm sido referência mundial no estudo da Geografia. Publicou livros em vários idiomas, como, por exemplo, *Espaço e poder*, *Geografia cultural*, *Princípios de geografia social*, *Geografia econômica e A lógica das cidades*.

**Carl Ortwin
Sauer
(1889-1975)**

Importante geógrafo americano, professor de Geografia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, de 1923 até se tornar professor emérito em 1957. Foi fundamental para o início do desenvolvimento da pós-graduação em Geografia nessa mesma universidade. Um de seus trabalhos mais conhecidos foi *Origens e Dispersões Agrícolas* (1952). Em 1927, escreveu o artigo "Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural", em que considerou como as paisagens culturais são constituídas por "formas sobrepostas à paisagem física."



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/88/Carl_O._Sauer.jpg

- hoje, os geógrafos franceses trabalham intensamente na reconstrução da Geografia Humana sobre uma base cultural.

A escola norte-americana

Outra forte escola de pensamento da Geografia Cultural tem sua gênese na figura de **Carl O. Sauer**, geógrafo norte-americano fundador da escola de Berkeley. Sauer era familiarizado com a produção norte-americana e europeia, tendo lido estudos de geógrafos alemães, italianos e franceses e demonstra, em 1925, o gosto pelo concreto. Rompe com os rigorosos métodos de pesquisa de campo da escola do *Middle West*, retomando a noção de morfologia da paisagem.

Sauer dedicou-se ainda aos estudos de ecologia, de onde, inclusive, extrai a noção de cultura. Para ele, esse conceito representa a capacidade com a qual o homem utiliza, a partir de sua sabedoria, os recursos disponíveis no meio ambiente. Ao estabelecer essa relação, Sauer fez duras críticas à sociedade industrial e à indiferença com que essa sociedade trata a natureza.



Em 1931, Sauer escreveu: "A Geografia Cultural implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da Geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na Geografia Física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorreram numa área. Consequentemente, a Geografia Histórica e a Geografia Econômica se fundem numa só disciplina, interessando-se a segunda

pelas áreas culturais presentes que precedem das anteriores. Não reivindica uma filosofia social como faz a Geografia do meio físico, mas direciona seus principais problemas metodológicos para a estrutura da área. Seus objetivos imediatos são dados pela descrição explicativa dos fatos de ocupação da área considerada. Os problemas principais da Geografia Cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos, de forma imprecisa, como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos à sua disposição” (SAUER, 2011, p. 25).

Ao contrário do que até então parecia ser a tendência da disciplina, para Sauer, toda a Geografia seria, por definição, física. Ele partia do entendimento de que o homem constitui um objeto indireto da investigação científica, pois confere expressão física à área. São as obras humanas que se manifestam sobre a superfície terrestre, imprimindo-lhe expressão característica. A abordagem cultural, portanto, se preocupa unicamente com os aspectos sensíveis que marcam e diferenciam as paisagens, compartilhando com os geógrafos que o antecederam a visão de cultura cujo estudo deve-se dedicar a um conjunto de utilitários e de conhecimentos que permite ao homem agir sobre o espaço.

Para Sauer, toda a Geografia seria física, já que o homem é um objeto indireto de investigação científica através de suas intervenções no meio.

A geografia de Sauer, entretanto, como fizeram os alemães, à exceção de Hahn, também ignorava o papel das dimensões sociais e psicológicas da cultura. Além disso, sua geografia não foi desenvolvida para o estudo de sociedades complexas, e seus discípulos se voltaram para a diversidade do *habitat* e para as práticas agrícolas dos primeiros colonos, reconhecendo, com isso, que as marcas impressas na paisagem pelos grupos humanos persistem com frequência por mais tempo do que o desaparecimento das formas de criação de valor.

A influência de Sauer deu origem à chamada escola de Berkeley, para a qual a Geografia Cultural é encarada mais como uma curiosidade compartilhada e um conjunto de preferências do que como um programa ou doutrina explícita. Seu objetivo é comparar a distribuição e a variação das áreas culturais em relação a outros aspectos da superfície terrestre, buscando identificar aspectos ambientais que caracterizam uma cultura e o papel desempenhado pela ação humana na manutenção e criação de determinado aspecto geográfico. São fundamentais as noções de paisagens culturais, compreendidas como aquelas que sofreram intervenção humana, e de história da cultura como forma de compreender as origens das ocupações humanas.



Figura 14.3: Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_da_Calif%C3%B3rnia_em_Berkeley

Nessa vertente, a noção de cultura considera as comunidades de pessoas que ocupam um espaço determinado, compartilhando crenças e comportamentos comuns. Oferece, dessa forma, um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, tendo em vista que a cultura é resultado da capacidade humana de se comunicar por meio de símbolos compartilhados. A atribuição de significados é, portanto, inerente à cultura; é o que orienta a ação, resultando em expressões concretas e observáveis, como bens materiais, sistemas de crença e instituições sociais. Tabus, restrições no uso de áreas, limitações técnicas e organizacionais tornam-se relevantes para o estudo em Geografia Cultural, pois permitem classificar as culturas de acordo com as possibilidades de modificação do espaço.

Não cabe, portanto, à Geografia Cultural explicar o funcionamento interno da cultura nem a descrição exaustiva dos padrões de comportamento humano. Ainda que afete diretamente a superfície terrestre, o trabalho do geógrafo constitui avaliar o potencial técnico das comunidades humanas e sua capacidade de modificar o espaço ocupado. Todavia, reconhecem que, diante da relatividade do próprio conceito de cultura, será impossível estabelecer um estudo único e completo de classificação ou regionalização da cultura. Para essa tarefa, o conceito de paisagem tem grande importância e é compreendido como a associação típica de características geográficas concretas numa região ou em qualquer outra subdivisão espacial da superfície terrestre. Assim, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural, sendo, portanto, a um só tempo, herança dos processos naturais acumulados e ação humana historicamente observada.

A partir dessa visão, são utilizados como métodos: 1) mapeamento das distribuições e densidades de determinadas características analisadas de modo isolado ou agregado; 2) comparação e delimitação de regiões ou subdivisões a partir de critérios definidos;

3) mapeamento da organização espacial a partir de características que se relacionem ou que estejam conectadas; 4) mapeamento dos fluxos; 5) zoneamento físico e biológico.

Críticas à Geografia Cultural de Sauer

Reconhecendo a importância e a relevância da escola de Berkeley, temos ainda que expressar algumas das diversas críticas que recebeu. Por parte dos geógrafos da corrente teórico-quantitativa, foi ressaltado o pouco interesse em uma visão mais pragmática e o foco dado às sociedades tradicionais. Por parte dos geógrafos vinculados ao materialismo histórico, direcionou-se a falta de sensibilidade social e crítica nos estudos de sociedades tradicionais. Internamente, criticava-se a ênfase atribuída aos aspectos materiais da cultura.

Além dessas críticas, a mais importante se refere à noção de cultura enquanto entidade supraorgânica, isto é, que possui suas próprias leis e se manifesta sobre os indivíduos que, diante dela, não têm autonomia. Essa visão acaba por ocultar os conflitos existentes no interior das sociedades humanas, impondo uma noção de cultura na qual prevalece o consenso.

Trata-se, portanto, de uma noção que visualiza a cultura como externa ao indivíduo, sendo internacionalizada por mecanismos de condicionamento. Como algo que se manifesta externamente às interações sociais, predomina o consenso e a homogeneidade cultural. Contradições são solapadas, e a mudança se dá por processos de difusão das inovações.

A renovação da Geografia Cultural

Em meio às críticas e ao contexto da chamada **virada cultural**, da década de 1980, tem início o processo de renovação da Geografia Cultural. As influências teóricas que permearam o processo de renovação dessa geografia foram diversificadas, mantendo parte da tradição saueriana e vidaliana. Externamente, a fenomenologia

Virada cultural

Na década de 1980, um conjunto de mudanças em escala mundial ressalta a dimensão cultural dos processos em ação. Mitchell (2000) aponta essas mudanças, das quais indicaremos algumas: as relacionadas à esfera econômica, o fim da denominada Guerra Fria, a ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, o movimento ecológico, as novas formas de ativismo social e a crescente consciência da necessidade de novos modos de se construir e entender a realidade, até então calcada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na celebração da técnica. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2011, p. 12)

e o materialismo cultural de Raymond Williams também se farão presentes. As ciências humanas, de modo geral, participarão do processo, acompanhadas ainda pela presença da Geografia Social.



Fenomenologia é a filosofia que se opõe ao positivismo, afirmando que não há separação entre sujeito e objeto, buscando a essência dos fenômenos perceptíveis. Teve início no século XIX e tem como principais filósofos Franz Brentano, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty.

O materialismo cultural defende que toda produção humana é simbolicamente construída e, por essa razão, também os modos de produção são modos de produção simbólicos. Assim, o materialismo cultural afirma que a cultura irá se diferenciar segundo as relações de produção, cabendo à Geografia Cultural observar as produções simbólicas, identificando suas singularidades.

O próprio conceito de cultura é revisado e se afasta da concepção supraorgânica, isto é, que se produz alheia aos indivíduos e sobre eles se impõe. Por consequência, as noções de hábitos condicionados pela internalização de valores e normas aceitas de forma inconsciente e naturalizada além da noção de harmonia são também abandonadas. Cultura agora constitui uma parte ativa das condições sociais, sendo ao mesmo tempo reflexo, ou seja, reproduz as condições sociais e, também, torna-se sua mediadora.

A cultura não mais pode ser analisada como fator explicativo do potencial de apropriação dos recursos, bem como da organização e classificação dos espaços. A noção de cultura passa a ser objeto de análise e precisa ser explicada. Permanece a ideia de

Denis E. Cosgrove (1948-2008)

Professor de Geografia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Era um geógrafo cultural, cujo trabalho se concentrou sobre os conceitos de paisagem e representações. Ele era um dos principais defensores da Nova Geografia Cultural, que incentivou um foco sobre a complexa interligação entre os diferentes aspectos das paisagens e do mundo.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/6/68/Denis_Cosgrove.png

Mundo vivido

“É precisamente o encontro coletivo de sujeito e objeto, da consciência e do mundo material” (BUTTIMER; 1976 *apud* COSGROVE; 2011, p. 104).

que ela é composta pelo conjunto de técnicas, saberes, crenças e valores, mas parte-se da premissa de que ela é parte do cotidiano e, portanto, é forjada em meio às relações sociais existentes, notadamente em meio à sociedade de classes, ao capitalismo, ganhando, portanto, sentido político.

Deve-se questionar inclusive a construção de um conceito de cultura, pois isso significa uma redução da sua própria noção, reduzindo a uma categoria objetiva que negaria a subjetividade que a envolve. Esse esforço de objetivação é ideológico e trata de uma construção ideológica da burguesia, que separa o mundo em duas faces distintas, uma objetiva e outra subjetiva, privilegiando os aspectos da produção, ou seja, a objetividade. Segundo **Cosgrove**, a cultura, na verdade, estabelece o oposto, isto é, a união entre os dois aspectos. Isso porque faz a convergência entre o mundo do trabalho e a consciência, imbuída de ideias, valores, crenças e ordem moral, sempre considerando esse processo como de assimilação e síntese dos indivíduos com o **mundo vivido**.

O reconhecimento da subjetividade inerente à cultura vem de uma tradição humanista introduzida por escritores como Gramsci, Willians, Thampson e Sahlins. Tais pensadores oferecem um rico material do qual podemos discernir as linhas de uma teoria da cultura enquanto simbolização. A variedade geográfica do mundo natural junto com a variabilidade histórica e a especificidade de modos dominantes e subdominantes de produção criam uma ampla série de formações sociais e econômicas. Cada uma tem seu próprio modo de vida, no qual o caráter específico da produção simbólica dá origem a paisagens distintas. Ao estudá-las, a Geografia Cultural pode aperfeiçoar a teoria através da prática.

Assim, ao invés de fazer uma separação epistemológica de níveis estruturais e, então, procurar suas “relações” à maneira da ciência positiva, devemos iniciar com a unidade de um modo de produção como um modo de vida, isto é, simbolicamente constituída; podemos reafirmar os modos de produção como modos de produção simbólica. Cada um é um modo de vida diferenciado por relações

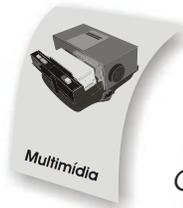
características de produção que estruturam forças produtivas. Mas essas relações de produção são culturalmente diferenciadas através do foco da produção simbólica, do qual o significado é mapeado através de todos os níveis estruturais.

Na sociedade capitalista, a produção simbólica ocorre na economia, como produtora de mercadorias [...]. A tentativa ideológica de universalizar isso está na base do modelo base-superestrutura. Em formações não capitalistas ou pré-capitalistas, o foco dominante da produção simbólica está em outra esfera que a da economia. (COSGROVE, 2011, p. 124)

A ênfase em aspectos materiais da cultura cede espaço à dimensão não material e às experiências vividas. Parte-se do entendimento de que a produção material é mediada pela consciência e pela comunicação estabelecida por meio de símbolos que extrapolam a linguagem e passam a incorporar gestos, formas de se vestir, música, pintura, dança, cerimônias, padrões arquitetônicos, enfim, uma infinidade de códigos estabelecidos em múltiplas escalas. Cada combinação de códigos é capaz de reproduzir no espaço expressões características que são histórica e espacialmente identificáveis. Cabe à Geografia Cultural compreender como a interação do homem com a natureza atua no processo de criação e organização dos espaços.

Do ponto de vista dos objetos de análise, a paisagem permanece como um excelente interlocutor dessas relações. Segundo Cosgrove e Jackson (2011), a própria concepção de paisagem constitui um modo especial de compor, estruturar e dar significado ao mundo externo. Nesse sentido, as características simbólicas presentes na paisagem representam e permitem ao geógrafo apreender historicamente como foram produzidas e qual seu significado social. O entendimento de que a paisagem representa ou simboliza tudo o que espacialmente circunda o ser humano amplia o escopo de objetos de pesquisa dos geógrafos culturais, pois documentos imagéticos e escritos, como pinturas, fotografias, filmes e textos podem servir à análise geográfica da paisagem culturalmente construída.

O estudo da paisagem ganha novos contornos e adota novas metodologias com caráter mais interpretativo e menos morfológico, buscando identificar e analisar a simbologia dos fixos presentes em determinada área.



Caso queira se aprofundar sobre os novos olhares da Geografia Cultural, consulte os livros *Cinema, Música e Espaço* e *Literatura, Música e Espaço*, ambos organizados por Roberto Lobato Correa e Zeny Rosendahl, publicados pela editora Eduerj em 2009 e 2007, respectivamente.

Dessa maneira, é possível reconhecer traços ideológicos que se apropriam e se reproduzem no espaço. Em sociedades capitalistas, o espaço tal qual é produzido traduz relações desiguais de classe e serve à dominação de uma classe pela outra. É nesse âmbito que o papel revolucionário da Geografia Cultural se mostra mais evidente, pois permite revelar a contribuição simbólica da ação humana na produção e manutenção das paisagens, assim como permitem analisar de modo crítico as formas de organização do espaço e da paisagem.

Restava ainda a criação de um campo específico para a Geografia Cultural. Essa ideia irá se consolidar somente no final da década de 1980, com uma clara diferenciação do papel da cultura na geografia em relação ao da economia ou das ciências políticas.

Esse processo foi muito além do estabelecimento de um campo autônomo no interior da ciência geográfica, mas acabou por atribuir à Geografia Humana novas abordagens e perspectivas metodológicas.

Um dos mais reconhecidos centros de estudos da dimensão cultural em geografia, coordenado por Claval e com sede na Sorbonne, afirma ainda que todos os fatos dos quais trata a Geografia Humana são apreendidos por meio de mediações culturais. Isso porque as preocupações geográficas do passado eram limitadas, mas insuficientes para compreender a complexidade do mundo contemporâneo, pois tinham como foco as relações ecológicas entre o mundo social e o natural ou, ainda, as distâncias e suas influências na organização do espaço econômico e social. Hoje, entretanto, é necessário para o geógrafo compreender as razões para as ações humanas sobre a natureza, saber qual o sentido que cada indivíduo espacialmente distribuído atribui à sua vida e sobre que preceitos pensam e atuam sobre o futuro.

Cultura, portanto, é compreendida

como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência. Ela é também projeção em direção ao futuro (CLAVAL, 2002, p.163).

Isso exige que a Geografia tenha de trabalhar com diferentes dimensões da vida social, sejam elas normativas ou etnográficas, buscando compreender a especificidade de cada lugar de acordo com o espaço vivido.



Atende ao objetivo 1

Identifique as principais críticas à Geografia Cultural, relacionando-as à sua matriz teórica.

Resposta comentada

Aqui você deve identificar que uma das críticas comuns às três escolas da Geografia Cultural (alemã, francesa e americana) é o foco atribuído aos aspectos materiais da cultura, como as ferramentas utilizadas pelo homem na modificação do espaço. Outra crítica importante é atribuída a Carl Sauer e diz respeito ao conceito de cultura enquanto unidade supraorgânica, isto é, que está acima e determina o comportamento dos indivíduos.

A Geografia Cultural no Brasil

Diferentemente do longo processo histórico pelo qual passou a abordagem cultural na geografia em países como a Alemanha e a França – e mesmo um pouco depois, nos Estados Unidos e no Brasil –, a Geografia Cultural irá se manifestar enquanto subcampo da Geografia no início da década de 1990.

Podemos citar alguns fatores que justificam esse desenvolvimento tardio: 1) a excessiva e prolongada influência da corrente vidaliana, apropriada de maneira precária dentre os geógrafos brasileiros de primeira geração; isso porque, além de possuir poucos recursos, tinham que dedicá-los ao amplo e desconhecido território brasileiro; 2) decorrente disso, a Geografia se prendeu a um forte empirismo 3) na década de 1960 com a ascensão da Nova Geografia, de caráter quantitativo, para a qual a cultura, quando considerada relevante, o era apenas enquanto variável; 4) a negligência nas abordagens culturais na Geografia permanecem ainda até a década de 1990, pois além dos fatores anteriormente citados, soma-se ainda uma má assimilação das teorias marxistas por uma parcela de geógrafos brasileiros que percebiam a cultura apenas como reflexo das relações materiais de produção.

A Geografia Cultural começa a ascender apenas em finais da década de 1980 com a publicação, em 1989, do artigo “Carl Sauer e a Geografia Cultural”, de Roberto Lobato Corrêa. Da convergência de outros trabalhos, é importante salientar a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, com sede na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, originalmente fundado por Zeny Rosendahl, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Roberto Lobato Corrêa, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1993. Dois anos depois, é fundado o primeiro periódico brasileiro dedicado às discussões da geografia cultural, que recebeu o nome de *Espaço e Cultura*. A coleção *Geografia Cultural*, iniciada em 1996, incorporando influências estrangeiras e consolidando o campo teórico por meio da tradução

de textos estrangeiros, acaba por definir o subcampo da Geografia cultural no Brasil.

Como exemplos da difusão da Geografia Cultural no Brasil, podemos citar:

1. a criação de outros núcleos dedicados ao estudo da Geografia Cultural;
2. a realização de simpósios nacionais e internacionais;
3. a diversidade metodológica e temática da produção brasileira nas últimas décadas.

Apesar do curto período de tempo, já se pode assistir à amplitude de temas abordados, reflexo da própria diversidade cultural do país, que configurou, ao longo dos anos, diferentes espaços. Combinando diferentes perspectivas metodológicas e teóricas em seus escritos, os geógrafos adeptos da geografia cultural têm estabelecido um importante subcampo à ciência geográfica, sempre com grande capacidade de inovação.



Atende ao objetivo 2

A partir dos conhecimentos adquiridos em aula, relacione o recente desenvolvimento da Geografia Cultural e a ascensão desse subcampo no Brasil.

Resposta comentada

Você deve relacionar a Geografia Cultural brasileira à Nova Geografia Cultural, que surge mediante as críticas à Geografia Cultural americana e à assimilação crítica de conceitos que atribuem um novo caráter a esse subcampo. Dessa forma, a Geografia Cultural ganha nova dimensão e supera barreiras impostas pela subordinação às Geografias Regional, Teorético-Quantitativa e Crítica.

CONCLUSÃO

Podemos observar que a Geografia Cultural, enquanto subcampo da Geografia Humana, emerge como uma abordagem cultural, posição ainda defendida por alguns autores. No entanto, hoje existe o entendimento de que se constitui como um subcampo da Geografia, tal qual a Geografia Política ou Econômica. Esse subcampo teria como focos a cultura e suas representações espaciais, abordando, por essa razão, aspectos como as formas de linguagem, religião, artes, crenças, economia, governo, trabalho e outros fenômenos culturais, que variam ou permanecem constantes de um lugar para outro e a explicação de como os humanos funcionam no espaço.

Resposta comentada

A sua resposta deve ter um conteúdo semelhante ao quadro abaixo:

	Objetos de estudo	Principais autores
Alemã	Antropogeografia; Paisagem cultural; Paisagens humanas; práticas rituais que envolvem o domínio do homem sobre os animais.	Ratzel; Otto Schlüter; August Meitzen; Eduard Hahn
Francesa	Influências do meio sobre sociedades humanas (possibilismo). Relação entre os grupos humanos e o meio onde vivem; gênero de vida; modos de vida; espaço vivido; explorar quais os sentidos da presença humana nos espaços; representações e características mentais compartilhadas entre diferentes grupos sociais.	Vidal de La Blache; Alberto Demangeon; Jean Brunhes; Armand Frémond; Paul Claval
Americana	Diferenciação da Terra em áreas; conhecimentos que permitiriam ao homem o uso de animais e plantas para modificar o ambiente; tabus, restrições no uso de áreas, limitações técnicas e organizacionais; mundo vivido; subjetividade no social.	Carl O. Sauer; Dennis Cosgrove

RESUMO

Nesta aula, você pôde acompanhar as diversas matrizes da Geografia Cultural, sendo suas principais vertentes a alemã, a francesa e a americana, cada uma delas com diferentes métodos que ora se reproduzem, ora inovam, por meio de novos conceitos e abordagens que perpassam a Geografia Cultural e os conceitos de paisagem, lugar e território. Pôde ainda acompanhar o recente desenvolvimento deste subcampo no Brasil e a importância do Nepec para sua consolidação. Hoje, é um dos campos que mais atraem os novos geógrafos, inclusive brasileiros, devido aos temas e às formas de abordagem.

Aula 15

A Geografia hoje e
seus novos rumos:
a crise ambiental e
uma nova visão da
natureza

Nilton Abranches Junior

Meta da aula

Evidenciar as transformações nas relações da sociedade com a natureza ao longo da história do pensamento geográfico.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar diferentes abordagens nas relações da sociedade com a natureza ao longo da história do pensamento geográfico;
2. avaliar as modificações no trato das questões ambientais pela Geografia contemporânea.

Pré-requisitos

Para melhor acompanhar a Aula, é importante lembrar o que já foi apresentado sobre Elisee Reclus (Aula 10), Carl Sauer (Aula 14), Paul Vidal de la Blache e o possibilismo ambiental (Aula 9), Friedrich Ratzel e o determinismo ambiental (Aula 8), além do proposto pelo movimento de renovação da Geografia Crítica de base marxista (Aula 13).

INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de História do Pensamento Geográfico, fizemos um passeio por entre as matrizes teóricas que fundamentaram a Geografia enquanto ciência, assim como por entre as diversas escolas de pensamento que se formaram por esse quase um século de trabalhos sistematizados. Nesse passeio, percebemos que o estudo das relações entre a sociedade e a natureza esteve sempre presente nos mais diferentes períodos da história dessa ciência. Contudo, o trato dispensado ao entendimento dessas relações nem sempre foi feito da mesma forma.

Utilizando os seus cinco conceitos-chave (paisagem, região, espaço, território e lugar), a ciência geográfica está sempre se posicionando frente às questões relacionadas à natureza e à sociedade. Num certo período da nossa história recente, essas questões foram tratadas a partir daquelas relacionadas ao meio natural, sendo essa visão mais ampliada contemporaneamente para os assuntos ambientais.

Face ao exposto, nesta aula nos propomos a aprender de que forma o estudo das questões ambientais foram se transformando durante a história da Geografia e qual abordagem se apresenta atualmente enquanto ideia central no trato das questões ambientais.

As escolas do pensamento geográfico e a noção de ambiente

Ao longo de sua história, a Geografia tem mostrado de que forma tem se dado a relação entre sociedade e natureza, contemplando a transformação, construção e recriação que a primeira exerce na segunda, de acordo com seus anseios e necessidades, mesmo que, em algumas vezes, de forma implícita, o ambiente, assim como as relações entre sociedade e natureza, fundamente a Geografia e se afirme como sendo um dos componentes de sua identidade espacial.

Atualmente, acompanhando não só o movimento da ciência, mas também o da sociedade, a Geografia tem revalorizado essa relação.



Figura 15.1: A relação entre sociedade e natureza tem fundamentado a Geografia.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/736011>



A Geografia pode ser definida como sendo a parte do conhecimento que descreve, classifica e explica a distribuição dos fenômenos naturais e humanos no espaço acessível aos homens e às atividades que eles controlam. Assim, ambientes vão sendo construídos de acordo com as relações entre as sociedades e os meios físicos nos quais se inserem, mediadas por meio do conhecimento predominante em suas culturas.

Concordando com essa visão, o geógrafo americano Richard Peet, no seu livro publicado em 1998, intitulado *O pensamento geográfico moderno*, define Geografia como sendo o estudo das relações da sociedade com o ambiente natural. Para ele, a Geografia tem como objetivo analisar como a sociedade esculpe, molda, altera e acelera o ritmo das transformações do ambiente, criando formas humanizadas na natureza e sedimentando camadas sucessivas de socialização, umas sobre as outras, até formar uma complexa paisagem social-natural. Para Peet, cabe ainda à Geografia observar como a natureza condiciona a sociedade, principalmente no que se refere à oferta e à localização de recursos que são importantes para os processos sociais, como o desenvolvimento econômico. Na realidade, a relação entre homem e natureza é resultado de um complexo número de interrelações. A atividade humana nunca para de reconstruir o seu contexto natural, e o ambiente passa a ser o resultado das interrelações das forças naturais, sociais e econômicas. Na definição de Peet, estão presentes ideias distintas que predominaram em diferentes momentos da história da Geografia. Na realidade, ele parece chamar Elisee Reclus (Aula 10), Carl Sauer (Aula 14), Paul Vidal de la Blache (Aula 9) e Friedrich Ratzel (Aula 8) para uma conversa amalgamada por sua formação marxista.



Thiago Martins

Figura 15.2: A atividade humana nunca para de reconstruir o seu contexto natural, e o ambiente passa a ser o resultado das interrelações das forças naturais, sociais e econômicas.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/963875>

Reclus e o domínio do homem sobre a natureza

De certa forma, a ideia de que a sociedade molda e transforma a natureza já estava presente no pensamento de Reclus, que constatou, no final do século XIX, que o domínio da natureza sobre os homens vai diminuindo na medida em que a sociedade evolui. Dessa maneira, cria formas de adaptar e transformar a sociedade em que vive. No ímpeto da transformação, o homem altera o ambiente e imprime formas à paisagem, deixando visível seu poder transformador, o que levou Reclus a afirmar que

[os homens] foram se apropriando gradativamente do solo e, tornados pela força da associação verdadeiros agentes geológicos, transformaram de várias maneiras a superfície dos continentes, modificaram até mesmo os climas, deslocaram fauna e flora..., o trabalho do homem continuamente modificado dá à superfície terrestre a maior diversidade de aspectos e a renova, por assim dizer, a cada novo progresso da raça humana, em sabedoria e experiência (1881, *apud* ANDRADE, 1989).



Figura 15.3: O homem transforma a superfície dos continentes, modifica até mesmo os climas, desloca fauna e flora...

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1235208>

A contribuição de Reclus não está restrita à constatação da ação do homem na modificação do ambiente; ele sugere também que as relações entre homens e ambiente deveriam estar fundamentadas em uma harmonização libertadora. Seria a partir das relações harmônicas entre homem e natureza, permeadas pelas relações entre os próprios homens, que a humanidade encontraria a razão de sua liberdade e as reais potencialidades para o seu exercício.

Essa noção de relação harmônica foi tão forte em seu pensamento que, em sua obra, encontra-se com frequência a preocupação com a conservação do ambiente. Reclus estudou temas como erosão e desmatamento, fazendo uma íntima relação entre uso da terra e degradação ambiental. Mostrou como o homem é capaz de degradar a natureza e defendeu o ponto de vista de que, através de relações harmônicas, o homem deveria procurar adaptar-se ao meio e às suas exigências. Ideias – como veremos na segunda parte desta aula – que a partir da segunda metade do século XX começaram a ganhar projeção no cenário científico mundial, transformando-se em uma marca do pensamento ambiental contemporâneo.



Keith Sywinski

Figura 15.4: O homem é capaz de degradar a natureza. Através de relações harmônicas, o homem deveria procurar adaptar-se ao meio e às suas exigências.
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/361727>

Ratzel e o determinismo ambiental

Diferentemente de Reclus, Friedrich Ratzel pode ser considerado o grande responsável pelas ideias das limitações impostas pela natureza à sociedade. Em *History of Mankind* (1896), Ratzel mostrou uma sujeição relativa do homem em relação à natureza e reconheceu a importância das forças desta sobre a sociedade e, a partir de suas observações, concluiu que a natureza distribui seus recursos de forma desigual pelas diferentes áreas da superfície terrestre (veja o exemplo dos recursos hídricos no **Gráfico 15.1**). Sugeriu ainda que a natureza oferece melhores oportunidades a uns povos do que a outros. Entretanto, deixou claro que isso não significa que o homem seja dominado por ela, pois aperfeiçoa suas técnicas e cria condições para conviver com as adversidades que ela impõe. Quanto maior a escassez de recursos, mais esforços a sociedade humana terá que fazer para sobreviver e, comparando diferentes regiões do mundo, Ratzel afirmou, na mesma obra, que “as regiões quentes foram agraciadas com enorme diversidade de frutos, o que proporcionou que os homens dos trópicos continuassem coletores”, sugerindo que as benesses da natureza limitaram o desenvolvimento de técnicas e da criatividade humana, sendo a causa do baixo nível de desenvolvimento e progresso dessas partes do mundo.

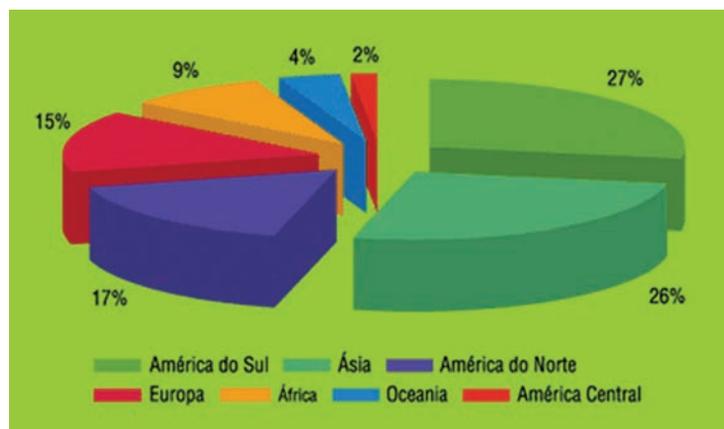


Gráfico 15.1: Distribuição relativa dos recursos hídricos renováveis no planeta: 2000.

Fonte: <http://img71.imageshack.us/img71/5267/aquiferoguarani2bu4.gif>

Tendo como modelo de desenvolvimento aquele praticado na Europa em fins do século XIX, Ratzel definiu como fatores essenciais para o desenvolvimento e o progresso das nações o adensamento populacional de cada área, o contato entre as pessoas e os povos – o que propicia a troca de experiências e informações –, a superação da adversidade da natureza e a luta constante pela sobrevivência nos espaços superpovoados. A união desses fatores propiciaria que a mente humana fosse estimulada para a criação de novas alternativas ao progresso. Seria dessa forma que os povos evoluiriam em direção ao desenvolvimento.

O ambiente, a partir da noção de recurso, passou a ser encarado como fator determinante para a organização e o desenvolvimento de cada sociedade. Essas ideias tiveram uma grande repercussão nas ex-colônias americanas, sobretudo nos Estados Unidos, e serviram para afirmar a soberania dos euro-americanos sobre os habitantes nativos de seus territórios e de outros países. Na realidade, o desdobramento do pensamento de Ratzel levou a uma radicalização de suas ideias, o que culminou naquilo que foi chamado de determinismo ambiental (para lembrar esse assunto, vide Aula 8).

É bom ressaltar que perceber a relação dos homens com o meio no qual estão inseridos, levando em consideração a ação mais efetiva da natureza sobre os homens – determinismo ambiental – pode ter sido a grande responsável pela ruptura entre a Geografia Física e a Geografia Humana, influenciando, inclusive, a forma como essas ciências conduzem seus experimentos. E talvez seja esse também o motivo pelo qual, apesar de a Geografia ser a ciência responsável pelo estudo das relações da sociedade com a natureza, a diversidade das abordagens e a herança histórica dos estudos ambientais na Geografia tenham deixado os geógrafos humanos tão apreensivos.

La Blache e o possibilismo ambiental

Na contracorrente das ideias deterministas, apesar de poder ser considerado um desdobramento das premissas ratzelianas que

prolonga as ideias de Darwin, mostrando a adaptação da espécie humana ao meio, tem-se o possibilismo ambiental. O possibilismo de Paul Vidal de la Blache pode ser visto como a principal alternativa ao determinismo ambiental.

A principal diferença entre o possibilismo e o determinismo ambiental está no papel dos sistemas sociais, sempre enfatizando a capacidade da inteligência humana em superar os obstáculos naturais. Para Peet (1998), a autonomia relativa dessa força intelectual é a parte mais importante do possibilismo ambiental em oposição ao determinismo ambiental. Na realidade, o primeiro vê no meio uma série de possibilidades de desenvolvimento da sociedade humana e mostra que a forma como cada sociedade se desenvolve está relacionada à cultura de cada povo. A partir dessa relação entre homem e natureza e do resultado visivelmente identificado na paisagem é que se pode estabelecer a diferenciação de áreas, lançando as bases de outra forma de apreensão da realidade ambiental.



Figura 15.5: O possibilismo ambiental trata do papel dos sistemas sociais, sempre enfatizando a capacidade da inteligência humana em superar os obstáculos naturais.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/964134>

Também se posicionando contrário ao determinismo ambiental, mas nos Estados Unidos, Carl Sauer questionou aquela forma de se fazer Geografia e observou que a transposição da lei divina na onipotente lei da natureza produziu um novo dogma na Geografia. Rechaçando a concepção ecológica em relações causais, admitiu uma influência relativa do meio sobre a sociedade, deixando bem explícita essa posição quando diz:

É claro que não há nenhuma intenção de subestimar as influências ambientais. Obviamente, há partes da superfície terrestre onde o homem não foi bem-sucedido e outras onde suas vidas foram facilitadas pelas condições naturais. Apesar de o conhecimento do meio natural ser fundamental para uma compreensão dos assuntos humanos, esse conhecimento em si não fornece, geralmente, a explicação sobre a situação do homem numa determinada área (SAUER, 2003).



Figura 15.6: Há partes da superfície terrestre onde o homem não foi bem-sucedido e outras onde suas vidas foram facilitadas pelas condições naturais. Qual é o caso da imagem aqui?

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/470196>

Sendo assim, Sauer teve a preocupação de mostrar, ao longo de sua obra, a forma como a sociedade atua ativamente na transformação do ambiente através dos tempos, imprimindo em cada momento de sua história uma nova forma à paisagem. Desse modo, assim como para Reclus, o homem deve ser encarado como um agente geomorfológico que influi diretamente na constituição do modelado terrestre.

Sauer fez o estudo das paisagens baseado em uma visão na qual as questões vinculadas à sociedade foram tratadas de forma mais importante do que os elementos da natureza, transformando a abordagem do natural para o cultural, diminuindo a ênfase dada ao meio natural, buscando encontrar equilíbrio nessa relação. Chegou a reconhecer algumas virtudes ecológicas da relação de certas sociedades “primitivas” com a natureza, admitindo, nesse caso, a existência de outras formas de compreender o ambiente, diferentes daquelas dominantes na sociedade moderna, industrial. Porém, concentrou seu trabalho nas transformações que o homem impõe ao ambiente, mas se posicionou claramente quanto à necessidade de sua conservação.

Ganhando diferentes significados durante sua história e acompanhando o ritmo da própria ciência, o ambiente foi sendo trabalhado pela Geografia através de abordagens que privilegiaram ora aspectos da natureza, ora aspectos da sociedade no entendimento das questões ambientais. Em alguns momentos, o ambiente foi percebido como sendo um elemento físico da paisagem que, na forma de recurso natural, possibilitava ou determinava o processo produtivo, influenciando a organização do espaço e imprimindo formas distintas a diferentes áreas e lugares.



Figura 15.7: O ambiente percebido como sendo um elemento físico da paisagem, influenciando a organização do espaço e imprimindo formas distintas a diferentes áreas e lugares.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/933555>

A partir dessa visão, o ambiente passou a ser tratado como a base física para a atividade humana pela Geografia e pelos planejadores que conceberam os modelos de desenvolvimento modernizadores tão bem difundidos no mundo ocidental. Essa forma de interpretação da realidade desconectou o homem de sua natureza e, colocando-o numa posição superior a ela, possibilitou que o ambiente fosse visto como o espaço em que as sociedades se organizam economicamente, de acordo com suas necessidades de mercado e disponibilidade de capital.

Entretanto, o ambiente também foi visto pela Geografia como o resultado da relação de cada grupo cultural com seu entorno, visão que vem sendo resgatada pela Geografia contemporânea, que percebe o ambiente sendo socialmente construído ao longo da história de cada grupo cultural. Admitindo uma maior complexidade nas relações e uma difícil separação entre homem e ambiente e entre natureza e cultura, aos poucos rompe com os dualismos impostos pelas interpretações com base nas premissas que separam natureza e sociedade, ou seja, que tratam o ambiente como algo distante do nosso cotidiano. Assim, o homem se aproxima mais da natureza, voltando, gradativamente, a fazer parte do ambiente.



Atende ao objetivo 1

Explique por que a Geografia pode ser entendida como a ciência responsável por entender como se processam as relações entre sociedade e natureza. Dê dois exemplos.

Resposta comentada

Você deve fazer referência à tradição da Geografia no estudo do entendimento das relações da sociedade com a natureza, especificando os diferentes pesos dados a cada um dos elementos dessa relação, levando em consideração que, com o desenvolvimento do conhecimento científico, a forma de se tratar essa relação foi sendo modificada. Deve ficar claro o processo de emancipação da sociedade face às determinações da natureza. Para tal, deve exemplificar essa diferenciação de intensidades a partir das abordagens das escolas de pensamento, por exemplo, diferenciando a forma como o determinismo ambiental compreendia essa relação da forma como o possibilismo ambiental o fazia.

Raízes do movimento ambiental contemporâneo

Como muito bem você já viu, é preocupação da Geografia o trato das relações da sociedade com a natureza. Todos nós sabemos que várias transformações sociais vêm ocorrendo no mundo desde meados do século passado. Elas se refletiram em questões econômicas, políticas, científicas e tecnológicas e provocaram uma profunda modificação no trato das questões relativas ao ambiente.

O autor Francisco Mendonça, em seu livro intitulado *Geografia e meio ambiente*, enumera alguns fatos que contribuíram para essa mudança.

Dentre eles, chama especial atenção para a Segunda Guerra Mundial, como sendo um marco importante no repensar das relações entre a sociedade e a natureza e entre os próprios homens. Durante os anos de sua duração – de 1939 a 1945 – a humanidade experimentou severas transformações em seu cotidiano, principalmente na área que foi palco desse trágico evento: a Europa e parte da Ásia. A destruição das cidades e o aniquilamento dos recursos naturais levaram as populações sobreviventes a buscar estratégias de recuperação e reconstrução dessas áreas, a princípio por uma questão de sobrevivência. Assim, alguns recursos que antes eram abundantes, como rios e reservatórios de água e solos férteis para a atividade agrícola, por exemplo, passaram a ter uma maior importância e a ser revalorizados. Nesse processo de reconstrução, tudo o que estava disponível ganhou uma dimensão de essencialidade. Pode-se considerar que esse processo, desencadeado sobretudo na Europa do pós-guerra, tenha sido o estopim do movimento ambiental que timidamente começou a surgir ainda nos anos de 1950 para ganhar força, de fato, a partir dos anos de 1970.



Figura 15.8: A destruição das cidades e o aniquilamento dos recursos naturais levaram as populações sobreviventes a buscar estratégias de recuperação e reconstrução dessas áreas.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bundesarchiv_Bild_183-H25224,_Guernica,_Ruinen.jpg (Atribuição: Bundesarchiv, Bild 183-H25224 / CC-BY-AS)

A reestruturação desse espaço se deu a partir da área de influência de dois grandes blocos mundiais internacionais de poder, completamente antagônicos e ainda conservando um caráter bélico herdado dos anos anteriores. Os países liderados pela então União Soviética se constituíram por regimes fechados, em que o acesso a informações era bastante difícil, fato que só se alterou após a queda do muro de Berlim, em 1989. Já os países que constituíram o bloco liderado pelos Estados Unidos da América se constituíram em palco para a internacionalização da economia americana, transformando-se em área de atuação das empresas multinacionais. Essa internacionalização da economia mundial acabou por gerar uma prática de superexploração das populações e dos recursos naturais dos países envolvidos. Tal fato levou as questões ambientais a se transformarem em problemas muito significativos nesses países, até mesmo porque várias indústrias poluidoras foram deslocadas para esses territórios. Dessa forma, podemos entender a considerável produção de lixo urbano industrial tóxico na maioria dos países da África e da América Latina.

Esse modelo de desenvolvimento pautado na crescente urbanização, na mecanização da agricultura e na industrialização garantiu para as potências dominantes um grau de dependência dos países menos desenvolvidos. O mais grave é que esse modelo de desenvolvimento, além de não garantir a melhoria dos indicadores sociais, como havia sido propagandeado, acabou promovendo, em contrapartida, situações de desemprego, analfabetismo, êxodo rural, violência, epidemias e formação de espaços insalubres, acirrando lutas por direitos à cidadania.



Igor Spanholi

Figura 15.9: O modelo de desenvolvimento pautado na crescente urbanização, na mecanização da agricultura e na industrialização garantiu para as potências dominantes um grau de dependência dos países menos desenvolvidos.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/758546>

Em paralelo, houve, no mundo, um aumento da expectativa de vida das populações dos países menos desenvolvidos, muito em função do desenvolvimento da medicina e das reformas sanitárias. Esse aumento de população real gerou uma reflexão acerca de uma possível explosão demográfica, trazendo à tona pensamentos **neomalthusianismo**.

Neomalthusianismo

Resgate das ideias de Thomas Malthus (1776-1834). Economista de formação, esse britânico é considerado o pai da demografia, por ter criado uma teoria de controle populacional. Estabeleceu uma relação direta entre o crescimento populacional e o futuro da sociedade. O princípio fundamental de sua teoria é o de que as populações crescem em um ritmo muito mais acelerado do que a possibilidade de produção de recursos para sua subsistência.



Thomas Malthus

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Thomas_Malthus.jpg

A partir desses argumentos, começou-se a tentar prever, por meio de cálculos matemáticos, qual seria a real capacidade de população e qual o ritmo de consumo dos recursos naturais o planeta Terra poderia suportar. Dessa forma, eclodiu um discurso de controle da natalidade; isso sem levar em consideração a distribuição da riqueza e a garantia de acesso aos recursos naturais. De qualquer forma, positivamente, constatou-se que alguns recursos naturais realmente se esgotariam e que haveria a necessidade de se procurarem não somente alternativas ao seu consumo, como também formas de regular mais “racionalmente” o seu uso, coibindo a utilização de certos recursos a esmo ou promovendo a sua reutilização.



Pesquisas mostram que, se todos nós consumíssemos como a média dos americanos, precisaríamos de 4,5 planetas Terra para sustentar esse estilo de vida!

Fonte: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/conteudo_415833.shtml

Esse contexto foi marcado por inúmeros movimentos sociais. Um dos mais marcantes do período foi, sem sombra de dúvidas, o movimento *hippie*, tanto no que se refere à crítica à forma de se viver no mundo ocidental quanto à necessidade de reintegrar o homem à natureza. Outro movimento muito significativo foi o “Maio de 1968”, sobretudo na França, quando o movimento estudantil questionou a ordem e a estrutura do ensino, solicitando uma nova relação ensino/aprendizagem. Em contrapartida, na América Latina, implantavam-se regimes totalitários pouco democráticos que, na realidade, serviram à expansão do modelo de desenvolvimento propagandeado no pós-guerra.



Movimento Hippie

Surge nos anos de 1960, sobretudo nos Estados Unidos, com o objetivo de contestar a organização da sociedade e a ordem vigente em sua época, especialmente o poderio militar e a segregação social, defendendo o amor livre e a não violência – por isso, o lema Paz e Amor. As ideias de Gandhi e de Martin Luther King podem ser consideradas pilares do argumento *hippie* na luta por direitos civis.



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Woodstock69.jpg>

Mai 1968

Nesta data, a partir do movimento estudantil na França, surge uma onda de greves que parte de algumas universidades e escolas secundaristas em Paris. O governo francês, ao reprimir com força e violência, provoca a escalada do conflito, que ultrapassa o movimento estudantil. Essa rebelião pode ser considerada um dos mais importantes acontecimentos do século XX, pois se caracteriza como uma insurreição popular que supera barreiras étnicas, sociais, culturais e de gênero.



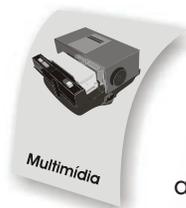
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Mai_68_debut_d%27une_lutte_prolongee.png

Esse cenário de movimentos sociais que questionaram a ordem instituída desembocou na Primeira Conferência Mundial do Desenvolvimento e Meio Ambiente, em 1972, realizada em Estocolmo, na Suécia. Além de ser o primeiro movimento internacional em prol da resolução dos problemas ambientais, foi também a primeira comprovação internacional do grande nível de degradação da biosfera.

Esperava-se, após a Conferência de 1972, uma transformação na forma de se relacionar com a natureza, assim como a alteração das relações entre os próprios homens. Contudo, não foi isso que se verificou nos anos que a sucederam. As relações capitalistas de produção dos países capitalistas, assim como a produção em massa e em série dos países socialistas promoveram uma crescente destruição da natureza. Tal fato fez com que se tornasse necessária a realização de uma segunda conferência.

Em 1992, vinte anos após, realizou-se, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, a segunda conferência – a RIO 92. A escolha da cidade do Rio de Janeiro não aconteceu de forma aleatória. Sendo o Brasil um país emergente, recém-democratizado, as questões relativas à natureza e à sociedade se faziam bastante pertinentes. Os resultados práticos dessa conferência não foram tão animadores, pois se avançou muito pouco em relação àquilo que se tinha proposto vinte anos antes.

Novamente no Rio de Janeiro, 20 anos depois, aconteceu a Rio+20, novo encontro de líderes mundiais para discutir a questão do meio ambiente. Desenvolvimento sustentável e questões sociais foram discutidos e, na opinião de ambientalistas, o resultado foi considerado um fracasso.

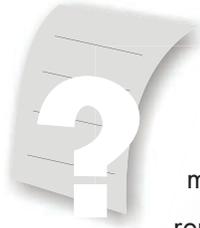


Para saber mais sobre o porquê de a Rio+20 ter sido considerada um fracasso, leia este artigo disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/sob-criticas-rascunho-da-rio20-e-aprovado>.

Por um novo ambientalismo geográfico

Os anos de 1960, 1970 e 1980 constituíram-se num marco da transformação do pensamento geográfico. Esse período vai ser marcado pelo surgimento e consolidação da Geografia Crítica de base marxista, que fez uma crítica radical não somente à forma de se fazer geografia até então, como também trouxe à tona questões de cunho mais social. A partir do estudo da organização do espaço, passou-se a compreendê-lo como sendo construído por meio das relações sociais de produção, que modificam e transformam a natureza por intermédio das técnicas.

As questões ambientais foram sendo incluídas gradativamente no processo de análise e o ambiente passou a ser entendido como sendo resultado do processo de produção social. Nessa abordagem, há uma aproximação cada vez maior das questões sociais e ambientais. Isso resulta em uma busca constante de romper com a fragmentação do conhecimento em questões da sociedade, de um lado, e em questões da natureza, de outro. Tal postura se reflete nas temáticas abordadas. Houve, na realidade, uma ampliação do espectro estudado pela Geografia. Temas como saúde do trabalhador, medidas sanitárias e bem-estar social encampam em sua análise fatores relacionados à natureza.

**Jean Tricart**

Podem-se destacar como representante desse movimento de integração social-natural o renomado geógrafo francês Jean Tricart. Ao trabalhar com o conceito de paisagem, prestou especial atenção à ação do homem no modelado terrestre. Seu pensamento influenciou, no Brasil, geógrafos de grande mérito acadêmico, entre eles Aziz Ab'Saber e Orlando Valverde.

De forma mais lenta do que no exterior, o trato da temática ambiental se deu, sobretudo, nos anos de 1970 e 1980. É a partir dos anos de 1990 que essa abordagem assume uma forma mais integradora, de fato, buscando o equacionamento da dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física.

Geógrafos físicos ou humanos têm superado divergências provocadas por especificidades de suas subáreas e têm trabalhado em conjunto em pleitos relativos a conquistas de melhoria da situação ambiental global. Politicamente, em conjunto, lutam pela melhoria da qualidade de vida no Brasil. Cada um, através de seu conhecimento específico, tenta intervir de forma direta ou indireta na reestruturação do espaço geográfico nacional.



Atende ao objetivo 2

Com base nos conhecimentos adquiridos nesta aula, enumere, pelo menos, dois fatos sociais que influenciaram o pensamento ambiental contemporâneo. Estabeleça uma relação entre essas mudanças ocorridas na sociedade e a nova importância dada às questões ambientais após a Segunda Guerra Mundial.

Resposta comentada

Você deve destacar dois fatos que interferiram na modificação da organização social do planeta e estabelecer uma relação íntima entre eles e a conseqüente modificação no trato das questões relativas ao ambiente na contemporaneidade. Podem-se levar em consideração as modificações promovidas pelos movimentos sociais do pós-guerra, como o movimento *hippie* ou o levante estudantil de maio de 1968 na França, por exemplo. Estes, assim como outros movimentos, questionaram a ordem vigente da época, indicando um novo caminho de desenvolvimento.



CONCLUSÃO

Levando-se em consideração o que discutimos ao longo desta aula, podemos evidenciar que as questões relacionadas ao ambiente se constituíram de fundamental importância para a Geografia, tanto no período em que esta se sistematizou enquanto ciência, como no trato das demandas da sociedade contemporânea. Na fase inicial, os primeiros geógrafos mostraram como as questões relativas ao meio influenciaram a organização espacial da sociedade. Em uma abordagem mais recente, por meio de um viés crítico, a Geografia tem se preocupado em mostrar alguns exageros cometidos pelo processo de desenvolvimento global e em apresentar possíveis soluções. Tal fato promove a reaproximação das duas subáreas da Geografia – a Geografia Humana e a Geografia Física.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

Construa, na forma de texto corrido, um quadro comparativo entre a forma como eram tratadas as questões ambientais nas escolas de pensamento que fundamentaram o início da Geografia e a forma como essas mesmas questões são tratadas pela Geografia do final do século XX e início do século XXI.

Resposta comentada

Você deve articular o conteúdo trabalhado na aula, mostrando as transformações ocorridas no pensamento geográfico ao longo do tempo, tomando por base as escolas de pensamento trabalhadas na primeira parte da aula e as demandas sociais expostas na segunda parte. Assim, deve deixar explícito o processo de emancipação gradativa que a sociedade foi conquistando em relação à natureza, num primeiro momento, para passar por um processo de reflexão crítica acerca da forma como se processa essa relação no momento mais recente.

RESUMO

Nesta aula, você pôde perceber o quanto são importantes para a Geografia as relações entre sociedade e natureza. A partir das escolas de pensamento, fizemos um percurso mostrando as transformações ocorridas na abordagem das questões relacionadas ao ambiente, desde o momento de forte determinação das ações da sociedade do determinismo ambiental até as possibilidades que a natureza oferece para o desenvolvimento, como proposto pelo possibilismo ambiental. A Segunda Guerra Mundial se constitui em um importante divisor de águas no trato das relações da sociedade com a natureza, pois, a partir das transformações ocorridas após

a guerra e das demandas provocadas pela sociedade, é possível compreender as raízes do pensamento ambiental contemporâneo. Agora, você consegue compreender melhor a nova postura da Geografia como ciência engajada e a sua real participação na busca por soluções para as questões ambientais que se apresentam em nosso cotidiano.

História do Pensamento Geográfico

Referências

Aula 8

CAPEL, H. *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*. Una introducción a la geografía. Barcelona: Barcanova, 1981.

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MENDOZA, J. et al. *El pensamiento geográfico*. Madrid: Alianza, 1982.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAES, A. C. R. *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: Hucitec, 1992.

Aula 9

CAPEL, H. *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*. Una introducción a la geografía. Barcelona: Barcanova, 1981.

MENDOZA, J. et al. *El pensamiento geográfico*. Madrid: Alianza, 1982.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAES, A. C. R. *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: Hucitec, 1992.

Aula 10

ANDRADE, M. C. (Org.). *Elisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.

CARDOSO, L. P. C. A visita de Elisée Reclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.socbrasileiradegeografia.com.br/revista_sbg/luciene%20p%20c%20cardoso.html>. Acesso em: 5 out. 2015.

GIRÓN, A. Kropotkin between Lamarck and Darwin: the impossible synthesis. *Asclepio*, v. 55, n.1, p. 189-213, 2003.

KROPOTKIN, P. What Geography Ought to Be. *The Nineteenth Century*. v. 18, p. 940-956. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_Archives/kropotkin/whatgeobe.html>. Acesso: 5 out. 2012

MACHADO, S. M. M. Elisée Reclus: a atualidade do pensamento de um geógrafo anarquista do século XIX e sua contribuição para a construção de uma Geografia Libertária para o século XXI. In: *Anais do COLÓQUIO INTERNACIONAL: ELISÉE RECLUS E A GEOGRAFIA DO NOVO MUNDO*,. 2011, São Paulo, 2011. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

SOBREIRA, A. E. G. *Pedagogia anarquista e ensino de geografia: conquistando cotas de liberdade*. 332 f. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

SOUBERYRAN, O. Darwin y Kropotkin: dos concepciones opuestas del progreso y sus implicaciones en geografia humana. *Revista de Geografia*, Barcelona, v. 18XVIII. p. 31-46, 1984.

Aula 11

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

DARDEL, E. *L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique*. Paris: CTHS, 1990. (1. ed. Paris, PUF, 1952).

FRÉMONT, A. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLZER, W. A geografia anglo-saxônica: de suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-146, jan./dez. 1993.

_____. *A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGG, 1992.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1999.

RELPH, E. *Place and Placenessless*. London: Pion, 1976.

TUAN, Y-F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Difel, 1983.

TUAN, Y-F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

Aula 12

CHRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. In: _____. (Org.) *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 71-101.

EVANGELISTA, H. A. Geografia teórica, um registro: Geografia quantitativa no Brasil, uma curta revolução, porém, uma revolução, não só quantitativa, mas acima de tudo epistemológica. *Revista Geo-paisagem*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, 2007. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Geoquant.htm>>. Acesso em: 5 out. 2015.

GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2003.

Aula 13

EVANGELISTA, H. A. A Geografia Crítica no Brasil. *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias (RJ)*, ano II, n. 2, set. 2000.

LACOSTE, Y. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988.

MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2003

QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Edusp, 2008.

SAQUET, M. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VESENTINI, J. W. O que é crítica. Ou qual é a crítica da Geografia Crítica? *Geosp: espaço e tempo*, São Paulo, n. 26, p. 29-43, 2009.

_____. O que é Geografia Crítica. Disponível em: <<http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm>>. Acesso em: 5 out. 2015.

Aula 14

ALMEIDA, M. G. *Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural*. *GEONORDESTE*, São Cristóvão, ano 1, n. 1, p. 33-54. 1984.

CLAVAL, P. *A geografia cultural*. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

_____. "A volta do cultural" na geografia. *Mercator*, Fortaleza, , ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria (1998). In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DUNCAN, J. S. O supraorgânico na geografia cultural americana (1980). In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 19-26.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na geografia. *Temporis(ação)*, Goiânia, v. 1, p. 249-262, 2008.

Aula 15

ANDRADE, M. C. *Caminhos e descaminhos da Geografia*. Campinas: Papirus, 1989.

MENDONÇA, F. *Geografia e Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 1993.

PEET, R. *Modern Geographical Thought*. Oxford: Blackwell, 1998.

SAUER, C. O. *Geografia Cultural*. In: CÔRREA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26. (1927).